

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
FACULDADE SERRA DA MESA  
MESTRADO INTEERINSTITUCIONAL EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**MARIA DE LOURDES DIAS FERNANDES**

**AS MULHERES NA RELIGIÃO ISLÂMICA**

GOIÂNIA  
2019

**MARIA DE LOURDES DIAS FERNANDES**

**AS MULHERES NA RELIGIÃO ISLÂMICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu em Ciências da Religião* – Mestrado Interinstitucional da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC – Goiás) e da Faculdade Serra da Mesa (FaSeM), para obtenção do grau de mestra em Ciências da Religião.

Área de Concentração: Religião, Cultura e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Religião e Movimentos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros.

GOIÂNIA  
2019

F363m Fernandes, Maria de Lourdes Dias  
As mulheres na religião islâmica [manuscrito] / Maria  
de Lourdes Dias Fernandes -- 2019.  
104 f.; 30 cm

Texto em português e resumo em inglês  
Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade Católica de  
Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciência da  
Religião, Goiânia, 2019  
Inclui referências, f. 101-104

1. Islamismo - Religião. 2. Islamismo - Mulheres. 3. Islamism--  
Belo Horizonte (MG). 4. Islamismo - Anápolis (GO). I. Quadros,  
Eduardo Gusmão de. II. Silva, Walmor da. III. Pontifícia  
Universidade Católica de Goiás - Programa de Pós-Graduação em  
Ciências da Religião. IV. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 28(043)

## AS MULHERES NA RELIGIÃO ISLÂMICA

Dissertação de Mestrado Interinstitucional em Ciências da Religião - Minter - da Pontifícia Universidade Católica de Goiás / Faculdade Serra da Mesa, aprovada em 13 de março de 2019.

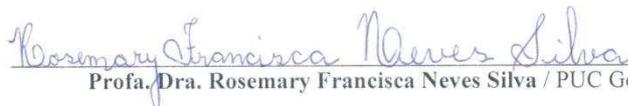
### BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros / PUC Goiás (Presidente)



Profa. Dra. Raquel Miranda Barbosa / UEG



Profa. Dra. Rosemary Francisca Neves Silva / PUC Goiás

Prof. Dr. Valmor da Silva / PUC Goiás (Suplente)

Profa. Dra. Maria Dailza da Conceição Fagundes / UEG (Suplente)

## DEDICATÓRIA

Dedico à dissertação aos meus três e Amados filhos: Hélio, Augusto e Laura e noras Juliana e Jennifer, que de maneira incansável me incentivaram mesmo quando me encontrava nas minhas limitações, acreditaram em meu potencial sem questionar.

Ao marido Elio Cunha, tudo que sou enquanto estudos, pessoa e mulher, a minha dedicatória é a ele, mesmo em momentos difíceis, ele nunca desistiu de mim, pois são trinta anos de matrimônio e sete anos de namoro, meu eterno, amado e único marido.

Aos Sheiks das Mesquitas a qual visitei, e todos aqueles que estavam presentes neste local, que me oportunizaram a conversas, entrevistas, diálogos, participar das orações e do banquete a qual é servido após as orações de sexta feira.

Aos colegas Mestres na capacidade da arte em serem solidários ao compartilhar o conhecimento.

Aos nobres Doutores que me encantou com tamanha inteligência, conhecimento e ao mesmo tempo a humildade de cada um.

Em especial ao meu Orientador Doutor Eduardo Gusmão de Quadros, que não mediu esforços em me ajudar nessa missão dolorosa em produzir algo, em momento algum se fez casando de minha “ignorância” e limitação, sempre dizendo esta “melhorando”, e cada quarenta páginas que eu enviava, ele devolvia quinze páginas a menos, mais sempre dizendo ficou melhor que antes. Esse é o cara.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao incomparável Mestre, ao Deus TUDO. Aquele que Tudo é. Por permitir o meu crescimento em conhecimento, a favor dos crentes e da sociedade.

Agradeço a minha família, marido, filhos, filha e noras, por ter compreendido a minha ausência e aos meus “nãos” dados a eles, em prol de um degrau mais do conhecimento em minha vida de pesquisadora e quase mestre.

Aos professores Doutores que em cada aula ministrada me encantava ao mesmo tempo me ensinava com autoridade na disciplina ministrada e ao mesmo tempo o meu medo aumentava a cada módulo rompido, mesmo assim eles sempre incentivando, para “subir a montanha e chegar a seu topo requer esforço e renúncia” Carolina Teles lemos.

Ao meu Professor Orientador Eduardo C. Quadros, que me motivou incansavelmente em nossas conversas de orientação. Em nenhum momento demonstrou desânimo, mesmo quando minhas palavras fugiam ao meu vocabulário, e a corrida contra o tempo ficava cada vez mais acirrada.

A Universidade Católica Goiás e a Faculdade Serra da Mesa, na ousadia em trazer pela primeira vez no Norte Goiano o MINTER, Mestrado em Ciências da Religião, pois ambas acreditaram no potencial dos mestrandos, estendendo essa fala a todos que fizeram parte desse sonho, corpo administrativo e direção que nos acolheu com respeito. Proporcionando-nos a ampliação de novos horizontes e tudo foi feito com ética e profissionalismo, em prol do conhecimento.

## RESUMO

Visamos compreender como as pessoas do século XXI veem e interpretem As Mulheres de Crença Islâmica, como aquelas mulheres da religião monoteísta maometana conseguem manter integradas as doutrinas da fé Islã. A perspectiva do Ocidente impregna ao mundo uma visão distorcida da realidade da vida dessas Mulheres. As Mulheres seguidoras da crença Islâmica se sentem livres, pela fé. No entanto parte-se do pressuposto que As Mulheres na Religião Islâmica vivem sua vida religiosa e seus costumes fiéis à doutrina do Alcorão. Por isso, o uso do véu é visto pelas Mulheres como forma de liberdade e de elegância. As Mulheres podem ser felizes, apesar de o mundo Ocidental vê-las como oprimidas e submissas pela forma em que elas se vestem. Compreender a posição religiosa das mulheres Islâmicas nas diferentes culturas Ocidentais e Orientais, e as novas conquistas realizadas fora do berço da crença Islã é nossa questão. Para isso, pretende-se verificar os fatores religiosos que diferenciam as Mulheres Islâmicas de outras mulheres que seguem outras crenças religiosas; Conhecer os fatos históricos, culturais e sociais das Mulheres Islâmicas; Compreender historicamente a posição das Mulheres Islâmicas nas divergências culturais entre o ocidente e o oriente, bem como os estereótipos femininos. A pesquisa foi realizada por estudos e pesquisas bibliográficas e com visitas a algumas Mesquitas, com a intenção de cumprir com o objetivo proposto. O nosso resultado tenta desmistificar os preconceitos que se tem com a religião, detectando como elas seguem a mensagem do Alcorão. No primeiro capítulo tratarei da origem histórica e religiosa do Islamismo, no segundo capítulo enfatizarei as Mulheres da Religião Islâmica, Khadija a primeira Mulher a viver tal fé junto ao seu marido o Profeta Mohammad e no terceiro capítulo analisarei as conversas realizadas no Centro Islâmico em Belo Horizonte e na Mesquita Islâmica de Anápolis. Ao final abordamos três filmes onde a mulher islâmica tem papel de destaque.

**PALAVRAS-CHAVE:** Religião, mulheres, crença, islâmica.

## ABSTRAT

We aim to understand how people of the 21st century see and interpret The Women of Islamic Belief, as those women of the monotheistic religion of Mohammedan can keep integrated the doctrines of the Islamic faith. The perspective of the West permeates the world with a distorted view of the reality of these Women's lives. Women who follow Islamic beliefs feel free by faith. However it is assumed that Women in the Islamic Religion live their religious life and their customs faithful to the doctrine of the Koran. Therefore, the use of the veil is seen by women as a form of freedom and elegance. Women can be happy even though the Western world sees them as oppressed and submissive by the way they dress. Understanding the religious position of Islamic women in different Western and Eastern cultures, and the new achievements outside the cradle of Islam, is our business. For this, it is intended to verify the religious factors that differentiate Islamic Women from other women who follow other religious beliefs; To know the historical, cultural and social facts of Islamic Women; Understand historically the position of Islamic Women in the cultural divergences between the West and the East, as well as the female stereotypes. The research was carried out by studies and bibliographical researches and visits to some Mosques, with the intention of fulfilling the proposed objective. Our result tries to demystify the prejudices that one has with the religion, detecting how they follow the message of the Koran. In the first chapter I will deal with the historical and religious origin of Islam, in the second chapter I will emphasize the Women of the Islamic Religion, Khadija the first Woman to live such faith with her husband the Prophet Mohammad and in the third chapter I will analyze the conversations held at the Islamic Center in Belo Horizon and the Islamic Mosque of Anápolis. At the end we approach three films where the Islamic woman has a prominent role.

**Key words: Religion, women, belief, islamic.**

## SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO .....	9
1	A ORIGEM HISTÓRICA E RELIGIOSA DO ISLAMISMO .....	18
1.1	O contexto histórico geográfico do Islã .....	22
1.2	O líder religioso do Islã, Maomé ou Mohammad .....	24
1.3	As ramificações do Islã .....	30
1.4	O Islã e a mídia internacional .....	32
1.5	Os livros Sagrados das religiões monoteístas .....	37
1.6	O Islã e Maria mãe do Profeta Jesus .....	38
1.7	Jesus na visão de outras religiões .....	40
2	AS MULHERES NA RELIGIÃO ISLÂMICA .....	42
2.1	Khadija a primeira esposa do Profeta Mohammad .....	42
2.2	O papel das Mulheres na Religião Islâmica .....	45
2.3	O uso do véu (hijab), fé, costumes ou opressão .....	48
2.4	As Mulheres nos livros sagrados .....	56
2.5	A expansão do Islamismo além Oriente e a secularização da fé .....	59
3	AS MULHERES NA RELIGIÃO ISLÂMICA: ANÁLISES DE CASO .....	65
3.1	Visita ao Centro Islâmico de Belo Horizonte, As Mulheres e o Profeta Maomé .....	65
3.2	Reportagem realizada a Mesquita de Anápolis .....	72
3.3	Visita realizada a Mesquita de Anápolis, participação da oração .....	73
3.4	O Profeta Mohammad e as orações .....	75
3.5	A mídia e o sensacionalismo Islâmico, o mundo globalizado e fé Islâmica .....	76
3.6	As Mulheres Islâmicas e orações .....	78
3.7	Khadija a mulher nas entranhas da Mesquita em Anápolis .....	79
3.8	Relatos de conversão e a fé .....	80
3.9	As fotos e os membros da Mesquita de Anápolis, Goiás .....	81

3.10	As Mulheres Islâmicas, a fé e as particularidades .....	83
3.11	Os relatos de Mulheres Islâmicas que se converteram a crença Islã .....	84
3.12	As Mulheres Islâmicas e os preconceitos ao uso do hijab .....	85
3.13	Os filmes baseados em fatos reais, as mulheres e a busca aos direitos .....	87
	CONCLUSÃO .....	96
	REFERÊNCIAS .....	101

## INTRODUÇÃO

O Islã emerge na Arábia, no século VII, na região do Oriente Médio. Neste momento, a sociedade se encontrava desorganizada e os povos dos clãs eram de crenças politeístas. O Profeta Mohammad foi o primeiro líder religioso importante e se tornou responsável pelo início da Religião Islâmica.

O aparecimento da crença Islâmica na região da Arábia contribuiu para o fortalecimento da política e do comércio. Isso também contribuiu para a expansão da religião para outras regiões próximas, como é o caso do Norte do Continente Africano. Mohammad teria sido apenas o homem escolhido por Alá para pregar a humanidade o espírito de bondade, a caridade, a solidariedade, a obediência, a dignidade e a crença em um Deus singular.

A religião Islâmica surgiu meio à geografia do deserto árido da Arábia, situada no Continente Asiático. Mesmo localizada próxima a dois mares (Arábico e Vermelho) e entre os golfos (Pérsico e Omã). A característica da região por causa dos aspectos físicos geográficos fez dela a produtividade restrita, pois apresenta solo improdutivo, com necessidade do uso de alta tecnologia, para que haja maior rendimento.

O número reduzido de moradores (anecúmeno)<sup>1</sup> era formada por árabes e beduínos. Atualmente, a maioria da população é de crença Islâmica, composta pelos povos sunitas, e grupos nômades, ou seja, consideradas tribos vagantes, que antes de Maomé<sup>2</sup> professava a crença politeísta.

A vida social na região da Arábia era desértica e composta por clãs, que viviam do comércio. Meio aos contrastes formados pelos aspectos físicos geográficos, econômicos, políticos e religiosos, emerge neste local a mais nova religião do século VII d.C o Islamismo.

A característica impar, de crença em um só Deus, Alá<sup>3</sup>, toda a crença de um povo fica resguardada na literatura do livro sagrado, o Alcorão que sempre se inicia

---

<sup>1</sup> Anecúmeno, que é composto por áreas desprovidas de povoamento ou que, devido às suas condições naturais, abrigam pouquíssimos indivíduos.

<sup>2</sup> Maomé, cujo nome completo era Abu al-Qasim Muhammad ibn 'Abd Allah ibn 'Abd al-Muttalib ibn Hashim, foi fundador da religião e civilização islâmica.

<sup>3</sup> Alá quer dizer solidez e segurança, que é uma condição da alma do indivíduo, o muçulmano é aquele que obedece a Alá.

“em nome de Deus O Clemente o Misericordioso”, para os que crentes não se esqueçam de quão bom é Alá.

A composição da Religião Islâmica emerge em contexto um tanto quanto conturbado, meio a conflitos por poder político, segregação religiosa, domínio por vertentes distintas de crenças de grupos islâmicos, inserção da modernidade as crenças monoteístas da sociedade Islâmica, ceticismo na fé em Alá, ou seja, a democracia religiosa ao avesso da cultura oriental (PACE, 2017).

A veste das mulheres Islâmicas tampando seu corpo e rosto com o véu<sup>4</sup> tem a intenção de oblação a Deus, respeito a seus familiares, um tipo de particularidade em se vestir, uma beleza singularizada, é um apetrecho de roupa que encanta e fixa olhares críticos do ocidente e do mundo, o modo de vestir das mulheres Islâmicas tem cunho religioso. Enquanto a burca<sup>5</sup> é outro apetrecho do guarda roupa feminino muçulmano, antes era usado como forma de status social pelos membros de uma tribo, mais não estava relacionada à religião do Islã.

No ano de 2001, o uso dessa veste se tornou obrigatório no Afeganistão, como símbolo do regime imposto pelo Talibã. Essa maneira de se vestir discretamente nos lugares públicos ganhou, então, fama mundial. No entanto são vestes com objetivos distintos das mulheres muçulmanas. Isso irá depender da região, a qual a interpretação feita ao Alcorão.

Sobre essa forma ímpar de se vestir, mais ao mesmo tempo a maneira de se vestir e comportar das mulheres que seguem a religião Islâmica é muitas vezes interpretado como domínio, por crentes que ignoram a cultura e singularidade religiosa de uma fé.

Assim, acabou nascendo o fundamentalismo<sup>6</sup> Islâmico, na visão distorcida, fragmentada, reforçada pelo desconhecimento dos olhares ocidentais. A relação de cultura, de religião, de economia, de política cultivada pelo povo Islâmico e de como

---

<sup>4</sup> Véu, no islã vai além do âmbito da tradição indumentária. O uso desta peça feminina possui um rico valor simbólico. O aspecto exterior da mulher constitui uma linguagem não verbal que codifica mensagens muito variadas. Remete a questões cruciais, como sua identidade originária, crença religiosa, ambiente familiar e status social.

<sup>5</sup> Burca é uma peça do vestuário tradicional das mulheres muçulmanas, principalmente as afegãs, e que é caracterizada por cobrir todo o corpo, o cabelo e o rosto. Tradicionalmente, as burcas podem ser da cor preta ou em azul claro, além de terem, obrigatoriamente, uma pequena rede ou tela na altura dos olhos, para que as mulheres possam enxergar.

<sup>6</sup> Fundamentalismo é comum hoje em dia ouvirmos, lermos e assistirmos a noticiários que falam sobre o fundamentalismo religioso, sendo tal fundamentalismo geralmente associado às três religiões monoteístas de matriz abraâmica: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo.

vivem algumas mulheres revestidas da fé e da crença monoteísta em Alá, é o que investigamos nesta dissertação (REDAELLI, 2003).

Mas o Ocidente pouco conhece o Islã, uma das religiões mais estigmatizadas do mundo. Por exemplo, é comum associar o homem muçulmano a uma pessoa “bárbara” e a mulher a uma pessoa “reprimida”. É ainda mais comum vincular a palavra “terrorismo” a esta religião. Mas é preciso ter cuidado com esses estereótipos e generalizações. A xenofobia é o sentimento anti-imigração. Já a islamofobia é o preconceito religioso e o ódio a muçulmanos (CUNHA, 2017).

Alguns ocidentais desconhecem a religião Islâmica, logo é “uma” religião bem estigmatizado<sup>7</sup>, os crentes Islâmicos pregam a unicidade entre os povos, mas ainda existem pessoas ignorantes no conhecimento da fé Islâmica, que acreditam que os seguidores do Islã são perigosos e as mulheres vivem oprimidas, isso pode ser alguns dos estereótipos sobre aqueles que creem em Alá. O rótulo foi impregnado de maneira islamofóbica<sup>8</sup> por alguns ocidentais, ao preconceito daquilo que é desconhecido. Então generalizam o comportamento dos Religiosos Islâmicos como se fossem “todos” extremistas (CUNHA, 2017).

Então, a maneira que alguns ocidentais confundam a fé monoteísta em Alá, com a forma da sociedade que vivem, sobre normas e regras rígidas, pois o sensacionalismo da mídia que aquece as informações sobre a fé Islâmica, com intenção de atrair telespectador. Na maioria das vezes esconde a verdade e impõe o etnocentrismo norte americano, distorcendo a abordagem da cultura e os costumes do povo de crença Islâmica.

A crença Islâmica se origina com a revelação do anjo Gabriel ao Profeta Mohammad. A fé na mensagem recebida se expandiu e se multiplicou para outras regiões e continentes do planeta, isso ocorreu de maneira rápida. O crescimento pode ser porque o Islã é última das religiões antigas e por ser de fácil seguimento. Para seguir a crença da religião Islã bastam estudar os cento e quatorze (114) capítulos ou Suratas<sup>9</sup>, ser caridoso, ter o coração puro, fazer as cinco orações diárias e seguir os dez mandamentos do Alcorão. Uma coisa é certa, seguir qualquer

---

<sup>7</sup> Estigmatizado substantivo masculino Aquele que tem no corpo algum estigma, sinal feito com ferro em brasa. [Figurado] Que foi acusado ou condenado moral ou publicamente. Substantivo masculino Aquele que traz o corpo marcado com as chagas de Jesus Cristo.

<sup>8</sup> Islamofobia é o sentimento de repugnância ou de repúdio em relação aos muçulmanos e ao Islamismo em geral.

<sup>9</sup> Surata nome dos capítulos do Alcorão, dispostos segundo o seu comprimento.

religião requer obediência, respeito e perseverança.

O cristianismo surgiu e se fortaleceu nos seios do Império Romano, e com a morte de Jesus, os adeptos da crença em Cristo passaram por momentos perturbadores e conturbados, mesmo assim a religião cresceu rapidamente.

O judaísmo é à base de todas as outras duas crenças religiosas, sendo que essas religiões apresentam algo em comum, a crença em um Deus único, abraâmico e na ressurreição, e seus adeptos passaram seguir seus profetas; todo aquele que não obedecer à literatura sagrada será advertido, devido os pecados cometidos, ou seja, precisa reconhecer Abraão como Pai das três religiões antigas: judaísmo, cristianismo e islamismo.

No ano de 570 d. C, Mohammad, o filho do mercador Abdala, de origem humilde, pertencente à tribo dos coraixitas, especificamente ao clã dos hachemitas<sup>10</sup>, com população de crença monoteísta.

As origens do iluminismo podem ser encontradas na chamada "revolução científica" do século XVII. Nessa época ocorreu um grande progresso na filosofia e na ciência (Física, Matemática, Química e Mecânica) foram precursores do movimento iluminista: René Descartes, Isaac Newton e John Locke (LOCKE, 1998).

O povo desconhecia a ciência intelectual e este espaço de tempo ficou marcado pela ignorância. Então, Mohammad, o Profeta, se encontrava inserido ao contexto de ignorância a crença aos “falsos deuses” ou nos vários deuses do politeísmo. Em meio ao contexto, o Profeta conseguiu reunir um grupo de amigos, para contar sua experiência religiosa, assim começa a nova crença religiosa. Como é comum em qualquer religião, o início foi repleto de contraste, de conflitos, de interesses de cunho religioso e de poder.

Um dos homens da tribo dos Coraixitas recebeu a “visita” de Alá, através da aparição do Anjo Gabriel. Através de Mohammad foi revelado a poesia do Alcorão. A literatura das escrituras sagradas funciona com se fosse à “lei” que rege a questão da sacralidade, da ética, da moral, de conduta, de comportamento, da vestimenta e da crença, do povo obediente à vontade de Alá.

Alá quer dizer solidez e segurança, que é uma condição da alma do indivíduo,

---

<sup>10</sup> O Reino Hachemita da Jordânia (al-Mamlakah al-'Urdunniyyah al-Hāšimiyyah, em árabe) é uma nação independente localizada na Ásia ocidental. Os povos Hachemitas pertenciam à tribo dos Coraixitas, mas que eram pobres. Pertencia ao ramo pobre da tribo Coraixita (hachemita).

o Islamista é aquele que obedece a vontade de Alá.

A expansão acelerada do islamismo para outras regiões e continentes tem provocado incomodo e discussões aos povos e crentes ocidentais e orientais. Com a morte de Mohammad, as mudanças proporcionaram a ampliação da religião Islâmica, a fé e a crença no Deus clemente e misericordioso, a facilidade o qual o Islã oferece a seus seguidores. A princípio, só é necessário seguir os cinco pilares que regem essa crença, se tornou algo chamativo ao povo sofrido e descrente.

As religiões utilizam da memória, das tradições e da história, com fins de correção das atrocidades e erros cometidos no passado, pois as abominações e mortes que ocorreram no Judaísmo, Cristianismo e no Islamismo. As religiões são representadas por instituições e no controle dessas instituições que são lideradas por “homens”, é aí que começa o problema da crença (DOUGLAS, 1988).

As mulheres dos séculos passados foram mortas, maltratadas, discriminadas, abusadas e consideradas culpadas pelos pecados do mundo. Nos dias atuais as mulheres gozam do direito a equidade com os homens. Isso consta nas escritas dos três livros sagrados e suas religiões: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, mas há também os avanços conquistados e garantidos pelos Direitos Humanos e Direitos de Igualdade. As mulheres, ainda no século XXI, ainda estão vulneráveis à dominação masculina. Isso ocorre em qualquer lugar do mundo, ou seja, com mulheres religiosas Islâmicas ou não, algumas ainda são submissas e alvos fáceis de condução (BOURDIEU, 1998).

O papel das mulheres no mundo atual não sofreu muitas transformações, pois ainda hoje, ela cuida dos filhos e da educação, mesmo estando inserida no mercado de trabalho. Mantendo intacta a não violação de seus direitos e sua singularidade, alguns direitos das mulheres são esquecidos pelo mundo machista<sup>11</sup>. Permanece assim, a violência e a submissão (BOURDIEU, 2002).

Esta dissertação tem como objetivo apresentar as crenças e os comportamentos de fé das mulheres na religião Islâmica, numa tentativa de desmistificar alguns preconceitos que se tem com os crentes da religião Islã e

---

<sup>11</sup> O machismo é um movimento de repressão e repúdio aos direitos igualitários entre homens e mulheres; o feminismo funciona não como uma tentativa de sobrepor o “poder feminino” sobre o masculino, mas sim de lutar pela igualdade entre mulheres e homens em todos os setores da sociedade.

despertar as pessoas para o diálogo. Os estudos são norteados pelas mulheres da religião Islâmica que frequentam algumas Mesquitas no estado de Goiás. Verificamos inclusive nas mesquitas, que os fatores religiosos que diferenciam as Mulheres Islâmicas de outras mulheres que seguem outras crenças religiosas.

Para isso, foi necessário conhecer os fatos históricos, culturais e sociais das Mulheres Islâmicas, como o caso do uso do véu. Buscamos ainda compreender a posição das Mulheres Islâmica nas divergências culturais e religiosas entre o ocidente e o oriente, os estereótipos femininos e fizemos alguns estudos de caso.

O motivo que me instigou a realização dessa pesquisa, e da minha Dissertação de Mestrado, foi o fato de ter recebido em minha residência, por seis meses uma garota de Intercambio, de nacionalidade Tailandesa, que exercia a crença na Religião Islâmica.

A minha curiosidade aguçada, e por querer avançar meus conhecimentos sob os olhares de outras crenças e doutrinas. Também acresce o fato de ser licenciada em geografia. Encorajei-me a adentrar nessa pesquisa sobre “As mulheres da Religião Islâmica”, pois são contextos de crenças distintas que se cruzam e ao mesmo tempo são mundos de crenças, culturas e de visões de mundo.

Nesta dissertação, as leituras de alguns autores foram de extrema necessidade para esclarecimento sobre o tema abordado por mim, Karen Armstrong, Enzo Pace, Jamil A. Haddad, Sherif A. Azim, Bíblia de Jerusalém, Alcorão e os Pentatêuticos, Urbano Zilles, Redaelle, Rodrigues, Jomier, Mary Douglas, Eliade e outros autores; eles foram fundamentais na compreensão da origem histórica da Religião islâmica, das mulheres que vivem a crença Islã e tem como costume o uso hijab<sup>12</sup>, seguindo com fidelidade a doutrina Corânica, os estereótipos das mulheres Islâmicas no século XXI e estudos de casos.

A origem da fé Islâmica teve influencia da crença judaica e cristã. O judaísmo foi considerado a primeira religião monoteísta que surgiu na história, tendo como fundamento de fé a crença na existência do Deus singular, que é o criador de tudo. Os judeus acreditam que Deus fez uma aliança com os hebreus no passado, que fez desse povo o escolhido para habitar a terra prometida. O acordo realizado se

---

<sup>12</sup> O véu (*hijab*) usado pelas mulheres islâmicas para cobrir a cabeça frequentemente é objeto de debates intensos na mídia. O hijab é usado por diversas razões de cunho pessoal a político. Seu uso é imposto a muitas mulheres, mas outras o adotam por livre vontade.

concretizou com Abraão e a sua descendência, e é com base nesses preceitos Abraâmicos que o Islamismo embasou sua fé, seus escritos literários e a consolidação da mais nova religião monoteísta.

O cristianismo originou sob o domínio e expansão do Império Romano, mas se consolidou com o nascimento do “profeta Jesus”. Isso está relatado nos Evangelhos, bíblicos. A crença do cristão é em um Deus impar, “Jesus é o filho de Deus”, e é o próprio Deus. Este homem Deus morreu na cruz, para salvar a humanidade de seus pecados.

A dialética da crença entre as três primeiras religiões, que sustentam as bases de outras crenças, é que acreditam em um só Deus, mas em cada religião o nome de Deus é invocado com nomes diferentes (no cristianismo “Deus”, no Judaísmo “Javé” e no Islamismo “Alá”). Os crentes dessas correntes religiosas seguem a literatura de seus livros sagrados: o Alcorão, a Bíblia e a Torá.

Existem momentos em que as crenças e as doutrinas dessas religiões se interlaçam, porque elas seguem os mesmos princípios, doutrinas e as leis da fé em um Deus único e misericordioso. Contudo, em alguns momentos históricos as religiões divergiram.

Conforme o passar do tempo, as mulheres da Religião Islâmica adentraram em outros mundos e culturas. No Entanto, a miscigenação aconteceu de maneira lenta e contínua, o que transformou a essência e a originalidade religiosa do Islã.

Na atualidade algumas mulheres Islâmicas participam de Congressos Internacionais, trabalham fora de casa, fazem parte da política, dirigem automóveis, discutem os direitos seus direitos, mas ainda assim, algumas mulheres continuam resguardadas na doutrina e na cultura tradicional.

O mundo se modernizou, o capitalismo avançou, surgiram variadas crenças religiosas, a tecnologia dominou o mercado global. Tantas foram às evoluções no mundo humano, mesmo assim a bacia semântica<sup>13</sup> de algumas crenças religiosas se manteve intactas, ainda que alguns povos Islâmicos se espalhassem pelo mundo, sua crença não se perdeu com a inculturação<sup>14</sup> de outros povos e crenças, que se

---

<sup>13</sup> Bacia semântica, em termos gerais é o conjunto de ideias, significados, expressões de dada sociedade, na qual o indivíduo nasce. Incluo-me entre os que são afetados pela bacia semântica e, se o leitor permitir, o incluo também, pois dela ninguém escapa.

<sup>14</sup> A inculturação, valores culturais que recebemos em função de um grupo dominante. Ele está ligado à globalização.

encontram espalhadas pelo mundo.

As transformações também contribuíram para garantir certos direitos na Religião Islâmica e reforçou a importância das mulheres nos centros religiosos Islâmicos, Católicos ou Judaicos. Apesar de todos os erros que foram cometidos no passado remoto, com algumas dessas mulheres, o presente nos resguarda de alguns problemas cometidos no passado (CHALITA, 2017).

Há números significativos de mulheres Islâmicas espalhadas pelo mundo que ainda sofrem com a dominação masculina. Algumas delas são mais oprimidas do que outras, pois apesar de tamanho avanço, de conquistas de igualdade na contemporaneidade, sim existem mulheres que “ainda” sofrem barbáries contra seus direitos, sob a crença a qual acreditam e vivem.

Os direitos das mulheres foram conquistados, na maioria das vezes, por lutas e derramamento de sangue. Os desafios foram e são muitos, e independe se elas são orientais ou ocidentais. A dominação masculina ainda é bastante presente entre o sexo feminino, e agrava mais quando se trata de religião. Isso se torna mais sério, principalmente quando é a mulher que adora Alá e mantém viva a crença na origem da fé Islâmica.

A condição das mulheres no Islã legais “istinbât al-ahkâm”, não a partir de uma exegese literal e léxica dos textos, mas buscando sua razão essencial “al-‘illa” (o princípio de motivação) e sua finalidade, que não podem e não devem se remeter senão ao bem comum “maslaha”. O objetivo é de adaptar a regra jurídica/hukm às exigências das circunstâncias levando em consideração, sobretudo o sentido latente dos textos que exprimiriam melhor a intenção divina (MARQUES, 2009).

A condição de vida de algumas mulheres islâmicas, para os desconhecedores do Islamismo Sunita, ainda é visto de maneira distorcida da realidade. Infelizmente, na maioria das vezes são analisadas por visão estereotipadas. As mulheres da religião ou da cultura Islâmica, que elas viveriam “apenas” para trabalhos domésticos, na maioria das vezes estão submissas aos maridos, até mesmo aos maus tratos e com restrição ao mercado de trabalho. Contudo, a mulher oriental e a islâmica reivindicam direitos iguais, não somente porque são mulheres e também são Islâmicas, por seres respeitados em suas diversidades religiosas e culturais.

Para exemplificar, em alguns países de crença islâmica as mulheres não têm acesso aos meios de comunicação, não podem dirigir e não devem ficar sem o uso do véu. Isso só ocorre em alguns países, pois há mulheres que vivem restritas a cultura de seus países, onde a maior parte da população é Islâmica, pobre e tradicional.

Ainda existem mulheres da religião Islâmica que sofrem discriminação cultural e religiosa pelo estilo de roupas que usam, por ser seguidora de Alá, por cultuar a religião Islâmica, isso no ocidente. A verdade sobre a crença e o modo de vida do povo Islâmico incomoda algumas pessoas do Ocidente, da Europa em especial. Há mulheres islâmicas que conseguem viver a crença no livro do Alcorão, sem que sua fé sofra alteração do mundo atual. O mundo é diverso.

Há vários estereótipos sobre vida e a fé das mulheres islâmicas no mundo contemporâneo. Aquelas que desejam se modernizar, mas não conseguem deixar de lado suas origens religiosas; as que fazem parte da política fora de seu país de origem; as que vivem a religião sem deixar que a interferência da tecnologia mude seu comportamento e sua fé em Alá; as que vivem distantes de suas origens religiosas; aquelas que negam sua crença a Alá, mesmo sendo muçulmanas; as que são totalmente submissas ao domínio masculino.

O conjunto de leituras, de documentários e testemunhos analisados neste trabalho, me proporcionou entender que a Religião Islâmica, o Cristianismo e Judaísmo, apresentam características comuns em questões de crença em um só Deus e de fé Abraâmica. Existe algo que as fazem parecidas, mas ao mesmo tempo fatores que as fazem divergir. Quanto ao modo de viver, acreditar, seguir os escritos dos livros sagrados, como se vestir no cotidiano, os dias de guarda de cada crença religiosa ou a maneira a qual se deve comportar no local sagrado de orações são diferentes.

Então, em nossa pesquisa e na junção das visitas as Mesquitas, foi preciso sair do olhar preconceituoso, ou seja, se neutralizar um pouco o que se conhece e ir à busca da verdade sobre a história da religião Islâmica. Buscou-se investigar a vida singular da mulher islâmica para observar a felicidade em que elas têm através da fé. Sendo quem ela é e fiel, tem vivido sua crença em Alá de forma tranquila.

Sendo assim na dissertação, abordarei no primeiro capítulo a Origem da

Religião Islâmica, no segundo capítulo discutirei sobre os papéis das Mulheres na Religião Islâmica e no terceiro e último capítulo analisarei casos de mulheres nos filmes, documentários, visitas e conversas realizadas com os membros da Religião Islâmica.

## 1 A ORIGEM HISTÓRICA E RELIGIOSA DO ISLAMISMO

O capítulo abordará o local da origem histórica e religiosa da Religião Islâmica, o contexto geográfico, como viviam os clãs, a cidade de Meca, a fé do povo politeísta que se converte em uma crença única. A base da literatura e doutrina Islâmica no monoteísmo das religiões Judaica e Cristã, a reforma e divisão da fé Islã.

Religião esta relacionado à crença em Deus ou em deuses, é algo relacionado ao divino, é a maneira de acreditar em um ser sobrenatural, de cunho espiritual, a fé estreita a relação entre o homem e Deus, precisar acontecer à experiência impar, entre ambos. A fé cura as pessoas, quando se crer. As religiões tem seu próprio livro Sagrado, a prática de ter um livro sagrado que sustenta a fé é deste os tempos primórdios. A religião muda o homem é seu comportamento e na religião Islâmica a crença não foi diferente, O profeta Mohammad foi responsável em disseminar a crença a Alá, o Deus Islão.

A Religião Islâmica aparece meio ao contexto de conflitos e insatisfações entre alguns Clãs<sup>15</sup>. O século VII ficou marcado pela ignorância existente nas Religiões, pois o número de pessoas analfabetas era significativo, além da ambição dos líderes religiosos. Neste ambiente de indecisões e disputas é que surge o Profeta Mohammad, que também era iletrado<sup>16</sup>, carregando consigo as características do povo Beduíno<sup>17</sup> e da tribo Coraixita<sup>18</sup>, a qual acreditava em vários deuses (politeísta), (JOMIER, 1993).

A Península Arábica, local de aridez na terra e no coração dos homens que ali habitavam, no século VII, o lugar foi escolhido por Alá para a consolidação da fé Islâmica. Os fatos também contribuíram para a emersão do Islã pela a região da Arábia. As pessoas que fizeram a escolha em adotar o Islamismo como crença e

---

<sup>15</sup> Clã é um grupo de pessoas unidas por parentesco, que é definido pela existência de um ancestral em comum. Clã significa crianças em gaélico escocês, também chamada de clannad, que significa família (SIGNICADOS, 2017).

<sup>16</sup> Ilettrado que não sabe ler, que tem pouco ou nenhum conhecimento sobre leitura.

<sup>17</sup> Beduínos são povos do deserto, nômades que viviam do comércio e do pastoreio.

<sup>18</sup> Os coraixitas eram os integrantes da tribo árabe dominante na cidade de Meca durante o surgimento do islamismo. Era a tribo à qual pertencia a linhagem de Maomé, assim como a primeira a liderar uma oposição inicial à sua mensagem.

estilo de vida, na maioria das vezes vivenciam a crença no Islã com veemência, e até mesmo adotam a fé como estilo de vida.

A região desértica da Arábia de solo pouco fértil, e que restringe os recursos naturais, local quase inóspito. Os aspectos geográficos marcaram e marcam até os dias atuais com características singulares esse lugar. Banhada por dois mares (Vermelho e Árabe), dois Golfos (Pérsico e Omã), a Faixa de Gaza no mar Mediterrâneo, ao sul pelo Oceano Índico. Ainda assim é de solo extremamente árido e desértico, vegetação escassa, de formação rochosa e pedras<sup>19</sup>, com presença chuvas torrenciais<sup>20</sup> e de difícil sobrevivência.

A Arábia se encontra inserida meio ao ambiente hostil, árido, inóspito e de crença politeísta. Local que ficou conhecido como Arábia Pré-Islâmica. Assim que aconteceu a unificação dos clãs, mesmo sendo o local quase que inabitado, a reciprocidade entre os grupos, manteve a harmonia entre os nômades dessa região (HADDAD, 1982).

Devido aos acontecimentos históricos o islamismo que surgiu no fim do século VI e no início do século VII, meio ao nascimento da escrita alfabética e conquista de Constantinopla, o que significou impactos na economia, na política e na cultura do mundo Árabe. Antes do Islã, a região era apenas desértica, e seus “moradores” eram povos nômades beduínos<sup>21</sup>, de crença politeísta, que acreditavam em deuses e objetos sagrados.

Neste momento da história, no século VII, os povos beduínos, não aprestavam nenhuma significância política, e o dava credibilidade as famílias, eles viviam de atividade pastoreio, e de atividades nômades, viviam próximos aos oásis. Em lugares remotos do deserto da Arábia, era a localização dos povos Beduínos, essas peculiaridades se tornaram marca desse povo, a insignificância do povo nômade na representação política e os descréditos dos membros da sociedade, isolou os beduínos das rotas comerciais da época (JOMIER, 1993).

Então, a responsabilidade entre as tribos se fazia necessária, para que

---

<sup>19</sup> Pedras são pedaços ou fragmentos soltos de rochas.

<sup>20</sup> A chuva torrencial ocorre quando chove bastante num período curto de tempo sobre uma área pequena. Ocorre frequentemente durante épocas.

<sup>21</sup> Os beduínos são povos árabes que vivem no deserto, principalmente, nas regiões da Síria, Iraque, Jordânia, Egito e Arábia Saudita. Os beduínos compõem 10% da população do Oriente Médio. Os beduínos são, em sua grande maioria, nômades, ou seja, não possuem habitação fixa.

houvesse sobrevivência e respeito, o que mantinha a relação de solidariedade entre os clãs. Esse local ficou marcado pela presença de várias religiões, mas o que diferenciava os homens um do outro, naquele tempo, seria a crença em um só Deus, porém nesse tempo as tribos acreditavam em vários deuses e em objetos sagrados, e viviam a prática do politeísmo religioso.

Os beduínos mantinham seus costumes imutáveis, de maneira que o casamento acontecia apenas com seu próprio, eles tinham o interesse de manter viva a bacia semântica, o enlace matrimonial acontecia na face da pré-adolescência da mulher e do homem. Assim mantiveram a cultura e o costume intacto, essa era a forma de repassar os conhecimentos de pai para filho, sem que seus princípios não sofressem mutação (ARMSTRONG, 2001).

Os povos de origem beduína se dividiam em duas classes os pastores e os agricultores, aqueles que criavam e cuidavam dos animais e aqueles que preparam a cultivam a terra. Para manter vivos os costumes, quando os jovens atingiam a certa idade os meninos ajudam os pais e as meninas ajudam a mãe a cuidar da lida doméstica.

A região do Oriente Médio em específico a localização da Arábia, foi desacreditada por período longo de maneira desprezível, pelos grandes Impérios Bizantinos e Persas. Esse foi o local da emersão ao advento do Islã, que proclamou a igualdade entre os povos, mesmo sendo de solo árido e de desertos, com alguma presença de oásis, a sociedade era composta por povos nômades, que sobreviviam dos rebanhos de cabras, entre as cidades de Medina e Meca. Nesse lugar viviam cristãos, judeus, escravos e Mohammad, e a harmonia entre eles era de pleno respeito para com os membros das tribos locais (PURIS, 2002).

A cidade de Meca, que foi considerada capital comercial da região, onde se localiza a Caaba<sup>22</sup>, esse lugar recebia proteção da tribo Coraixita. Local de oração e veneração a Alá, de pessoas de crença monoteísta e Abraâmica, mas há controvérsias, que diz que este local também aqueceu a economia local. Na visão

---

<sup>22</sup> A Caaba é a Casa sagrada de Deus situada no meio da mesquita sagrada na cidade de Meca, na Arábia Saudita. O cubo negro é familiar para pessoas de todas as crenças devido às imagens que saem da Arábia Saudita todos os anos no período da peregrinação. Geralmente quando as pessoas veem essas imagens, sua atenção foca no cubo negro sendo circundado por centenas, se não milhares, de adoradores. Esse cubo é a Caaba. "Deus designou a Caaba como Casa Sagrada, como local seguro para os humanos" (ALCORÃO 5:97).

marxista, o Islã nasceu da necessidade comercial do povo, pois havia concorrência significativa no comércio local, porém famílias ricas desprezavam os humildes. (ZILLES, 1991).

### 1.1 O contexto histórico geográfico do Islã.

O contexto histórico geográfico em que o Islamismo religioso, emerge, não era ambiente de calma e nem de geografia favorável à habitação. Assim surge a mais nova Religião Monoteísta, de crentes “fieis” a literatura do Alcorão e no Profeta Mohammad. A Religião Islâmica, num certo espaço de tempo ficou conhecida como “religião árabe”. Por isso que se confunde a religião Islâmica com o povo Árabe.

Durante determinado período da história, o lugar conhecido de Arábia pré-islâmica, localizada entre três continentes: Asiático, Europeu e Africano, porém apresenta característica de Península, situada na Ásia Ocidental, que ficou conhecida pela ignorância religiosa e política do povo de tradição oral, de forma em que tudo era resolvido pela força e brutalidade: “dente por dente e olho por olho”, expressão usada para representar vingança e violência (PACE, 2005).

O termo “dente por dente e olho por olho” é encontrado na Bíblia (Êxodo 21; 24) e também no Alcorão (Surata, 5; 45), “vida por vida, olho por olho, nariz por nariz, orelha por orelha, dente por dente e as retaliações tais e quais; mas quem indultar um culpado, isso lhe servirá de expiação”. O termo era interpretado como maneira de obediência e perdão, pelo povo.

Na religião Islâmica, é pela interiorização da fé e de vontade própria do individuo, é que se integra a sociedade homogênea da crença Islã. Quando existe a obediência à crença em Alá, isso irá indicar a estrutura social religiosa do povo Islã, mas com intenção de defender os menos favorecidos da ira dos mais ricos. Este comportamento era visto como justiça privada, na capacidade de praticar a solidariedade entre eles e quando a justiça não era feita entre os povos, gerava entre os membros o desejo de vingança, entre as tribos, assim surgiu o termo “dente por dente e olho por olho”, com interesse de proteger os pobres das forças brutais dos mais favorecidos financeiramente (CHALITA, 2017).

As instituições religiosas surgiram na Idade Media meio ao embrião do

Império Romano e a Igreja Católica, ou seja, locais usados para a realização dos cultos das distintas religiões. Os templos recebem nomes específicos, conforme a doutrina e a crença professada. No Islã o local de oração se chama Mesquita, no Cristianismo Igreja e no Judaísmo Sinagoga. A forma de adoração ao Deus único, também se diverge, conforme os ritos, os mitos e as doutrinas, mas as religiões têm os mesmos objetivos, contemplar a Alá, a Deus e a Javé (ARMSTRONG, 2001).

As religiões seguem os dias próprios e destinados à adoração divina: no Islamismo, o dia principal das orações são as sextas feiras, às treze horas; no Cristianismo se resguarda o domingo como dia santo do Senhor Deus; no Judaísmo se reserva o dia de sábado para reviver a crença a Javé (DOUGLAS, 2007).

O dia de guarda sagrada do Islã se dá sexta porque foi o dia do sacrifício da cruz com o “Profeta” Jesus. Então é um dia reservado a orações (ALCORÃO 62:9). O Judaísmo guarda o sábado, pois Javé fez o mundo e descansou no sétimo dia, que representa aliança perpétua (ÊXODO 31; 16-17). No catolicismo se guarda o domingo, que é o dia de ressurreição de Jesus (APOCALIPSE 10; 1), (CHALITA, 2017).

No contexto da memória e da tradição, o esquecimento é necessário para que aconteça o pensamento analítico dos fatos ocorridos no passado. Isso é contado pela história. No entanto é preciso conhecer e esquecer para que haja construção dos fatos históricos e suas verdades, pois a memória é fundamental na narrativa da vida pessoal, social e religiosa.

No entanto, o contexto histórico, geográfico, econômico e político em que cada religião emerge são diferentes em relação à desigualdade de interpretação das crenças religiosas, sendo que as que a unem é a crença monoteísta e a fé em Abraão, que foi o primeiro patriarca do povo de Israel. Agora os que as divergem são distintos interesses e maneira singular da interpretação da fé doutrinária.

A religião a que pesquiso é o Islã, mas Adentro um pouco na história do Cristianismo e o Judaísmo, porém elas se originaram na localização geográfica homogênea, as religiões que tem o início no Oriente Médio.

O local era marcado por divergências políticas e interesses múltiplos na economia, com crenças religiosas politeístas, de geografia natural desfavorável à

condição humana. Ainda assim, é neste lugar de crenças variadas, que as demais religiões sustentaram a base das outras religiões que se emergiram séculos depois.

O termo “Religião” apresenta vários conceitos, como forma de ligação de fé e crença, em um Deus único ou vários deuses, que envolve o espiritual e emocional do ser humano. Difícil conceituar religião para alguém que não conhece e nem a vive, pois a religião existe para aquele que já vivenciou a experiência pessoal, entre o “humano e Deus”, o sagrado e o profano (ELIADE, 1992).

Antes de Cristo e séculos depois Dele, existem pessoas que são sustentadas pela fé religiosa, seguem rigorosamente as escrituras sagradas de cada doutrina religiosa. Os seguidores de cada religião segue rigidamente o que determinam as normas e regras de sua crença, e também vive a prática dos ensinamentos que são passados de geração em geração. O ser humano busca ser pleno em espiritualidade e sendo religioso, ter crença e viver a fé com compromisso (SALAM, 2012).

O surgimento do Islamismo aflorou meio as causas econômicas e sociais. Pode-se dizer que a sociedade estava em estado de anomia, mas depois veio à ascensão do Islamismo. A religião Islâmica exercia os cuidados com as pessoas fracas e oprimidas e essa atitude deu credibilidade à Arábia, pois nesse tempo, o país se encontrava em descredito político e religioso (PACE, 2005).

Em meio a tamanhas fragilidades na sociedade, o movimento islamista “criou seu próprio Deus, o Profeta e o Livro Sagrado”, o Alcorão, que foi inspirado pelo Profeta Mohammad<sup>23</sup> o mensageiro de Alá, após ter sido visitado pelo anjo Gabriel. “Essas inovações foram fundamentais para fortalecer o povo” (JOMIER, 1993).

## 1.2 O líder religioso do Islã, Maomé ou Mohammad

O Profeta Mohammad veio para ensinar a viver uma fé monoteísta a sua povo e pregar a doutrina aos crentes em Alá. Queria mostrar aos adeptos da crença como adorar ao Deus único nos detalhes da religião Islâmica. Isso foi aprendido pelo Profeta, quando ele recebeu a visita do Anjo Gabriel.

---

<sup>23</sup> Mohammad é um nome masculino originado do hebraico e formado a partir da raiz semita *H-D-M*, que significa “o louvado” ou “o agradecido”. Este nome se tornou bastante popular entre o povo árabe por ser a transliteração árabe para Maomé, o principal profeta e líder religioso do Islamismo para os Muçulmanos. Mohammad significa Maomé.

Esta singularidade fortalece aquele que vive e crer na fé monoteísta da religião Islâmica. Então não foi uma tarefa muito fácil de convencer às pessoas a se converter a crença Islã, e o Profeta, às vezes não atingia seus objetivos. “Ele chorava”, esse choro devido à descrença da humanidade no ser transcendente.

Na maioria das vezes o lugar em que ocorre o surgimento de novas crenças e ritos religiosos é tomado de controvérsias, questionamentos e até mesmo atos de agressões físicas e simbólicas, como diria Pierre Bourdieu. Eliade falaria, “só existe o profano e porque existe o sagrado”, pois nem todos buscam a verdade e a Deus.

Sendo assim, Mohammad é o primeiro Profeta do Islã. Nasceu no ano quinhentos e setenta (570), ficou órfã ainda criança, criado pelo seu tio e seu trono foi sucedido até a quarta geração. O primeiro Califa<sup>24</sup> o primo Ali e Abu Bark, o segundo Califa Omar ibn Al-khattab, o terceiro Califa Othaman ibn Affan e o quarto Califa Ali Abi Taleb, sua sucessão durou até o ano de seiscentos e sessenta e um (671). Curioso que os quatro Califas parentes de Mohammad foram assassinados, mas é sabido que os clãs viviam em controvérsias de interesses. Houve um período em que membros da própria tribo do Profeta Mohammad desejaram mata-lo. (PACE, 2005).

Após quarenta anos de seu nascimento, no ano de seiscentos e dez (610), durante este período Mohammad realizou longos retiros, na gruta no Monte Hira, local desértico, em que o Profeta teve alguns sonhos ou visões e a visita do Anjo Gabriel, ao chegar a casa revelou a experiência a sua esposa Khadija, ela o encorajou o a persistir em continuar seus afastamentos, para que a visão se tornasse mais constante e mais real (JOMIER, 1993).

A gruta de Hira foi o lugar que marcou a confirmação da fé de Mohammad. Foi ali que ele se encontrou em estado de isolamento absoluto, silêncio pleno, com intenção de interpretar seus sonhos, entender a essência das coisas do mundo terreno e divino.

Contudo, ele enfrentou também momentos de dor e sofrimento. Apesar de iletrado, era homem sábio e de crença viva. Neste ambiente propício de solidão, ao

---

<sup>24</sup> A palavra “califa” é derivada de *khalifa*, versão abreviada de *khalifatu rasulil-lah*, expressão que significa “Sucessor do Mensageiro de Deus”, na tradução do árabe.

mesmo tempo se encontrava aberto a receber e fazer a vontade de Alá. Assim é que ocorreu a reinterpretação do mundo da fé e o surgimento da religião Islâmica, proclamada por Mohammad.

Mohammad relatou que recebeu a visita de alguém superior, estas visitas se repetiram por várias vezes, foi à aparição do “ser” superior que ordenou que Mohammad, recitasse as Suratas do Alcorão, assim relata as tradições, mas existe controvérsia sobre a origem do Alcorão, pois foram escritas por homens (CHALITA, 2017).

No entanto, Mohammad, também teve momento em que duvidou de sua própria existência. Isso aconteceu no início da consolidação da crença Islâmica. De primeira mão o grupo que acreditou na revelação do Profeta. No início da nova religião, havia um número irrisório de convertidos. Há texto que afirmam que no princípio eram apenas quarenta pessoas. Portanto a angustia do Profeta era em não saber se o que estava fazendo era correto, ou seja, era a vontade de Alá. Isso o deixava transtornado e inquieto (HADDAD, 1982).

Neste contexto de dúvidas e incertezas a uma nova crença, o Profeta passou por momentos de sarcasmo, críticas e de pregar mentiras, apontado pela sociedade, mais sua fé o manteve firme aos propósitos de Alá em disseminar a crença ao povo descrente, a verdade é que a sociedade era de crença politeísta.

Khadija que foi a primeira esposa de Mohammad, morreu depois de nove anos após a aparição do Anjo Gabriel ao Profeta. Durante os vinte e cinco anos de casamento com Khadija, Mohammad não teve outras esposas. Era comum a prática da poligamia, mas ele manteve seu amor dedicado somente a sua amada esposa. Depois que ela faleceu, Mohammad teve outras esposas (CHALITA, 2017).

Depois da morte do tio e da esposa do Profeta, a situação se agravou. Na tribo, pois foi acusado de pregar a crença em um Deus falso, o que protegeu Mohammad das perseguições foram alguns chefes de clãs, já convertidos no Islã. As ameaças à crença Islâmica e ao Profeta, fez com que algumas desejassem mata-lo, eram os membros de sua própria tribo, os Coraixitas.

Neste momento de perseguição e acusações, relatou que se houve a intervenção divina, esse homem sempre esteve sobre a proteção do sagrado. Assim foi revelado ao Profeta para onde Ele deveria se refugiar com seu povo. Este

acontecimento ficou conhecido como o “Hijra”<sup>25</sup> (imigração). Aconteceu no ano de 622 d. C. Também foi fator importante que marcou o início do crescimento do Islamismo (ARMSTRONG, 2001).

O termo numinoso<sup>26</sup> no Islã se relaciona com o estado da alma do indivíduo, ou seja, o que esta ligada aos fenômenos espirituais, pois não é um objeto de estudo, sim de compreensão e espiritualidade vivido por Mohammad. É quando o homem direciona seus sentimentos particulares ao objeto do numinoso. No Islamismo, essas percepções são de gratidão, confiança, amor e segurança, que representa algo solene. Isso foi o que aconteceu com o Profeta Mohammad (OTTO, 1995).

Segundo Jomier (1993), os dogmas da fé se relacionam à maneira a qual se crer em Deus, Javé e Alá, em que se acredita é que todos os Profetas foram enviados por Deus, com a mesma intenção, levar e fortalecer a fé a um Deus único dos crentes, principalmente aos que se encontram fragilizados. Certamente esta relacionada à forma em que o Profeta conduz o povo ao retorno a origem da bacia semântica. Os profetas ensinam a mesma “doutrina religiosa”. Isso une as crenças em mesmos propósitos.

Então, aquele que aderiu às crenças primárias, seja o judaísmo, o cristianismo ou o islamismo, de forma em que a fé é sustentada pelo princípio da particularidade literária de cada doutrina a qual o crente deseja seguir e aprofundar sua vida religiosa, pois essas religiões acreditam na teoria criacionista. A origem da humanidade, nos termos religiosos, a crença é que o ser humano surge do sopro de Deus, do pecado de Adão e Eva e do que o “homem” que é imagem e semelhança de Deus (BÍBLIA, 1996).

Após a morte de Maomé, no ano 632 d.C, os seguidores começaram a recolher toda a documentação que tinha sido recitado, durante o califado de Omar, em 650, neste período elas foram recompiladas para o Alcorão, tal como se conhece os escritos registrados hoje. Neste período a escrita árabe só exibia as consoantes e

---

<sup>25</sup> Hijra A migração ou jornada do profeta islâmico Maomé e seus seguidores de Meca para Medina em junho de 622 d. C.

<sup>26</sup> Numinoso estado de vivência que o ser possui acerca de questões sobrenaturais, geralmente sagradas, transcendentais ou de divindade, comportando-se e sendo influenciado por essas questões.

não as vogais, pois acredita que as vogais foram introduzidas no texto mais tarde, e que pode ter mudado um pouco a essência da escrita primeira.

A morte de Mohammad marcou a expansão do Islamismo, que adentrou a outras culturas, costumes o que promoveu perda de parte da doutrina religiosa. A religião ao chegar a outro local de costumes e culturas distintas, acaba abalando a base da fé Islâmica, e os conflitos entre os “chefes” das tribos, com intenção de ocupar o trono do profeta Mohammad e manter os seguimentos religiosos do Islã (PACE, 2005).

Não há dúvida que a morte do Profeta, se encontrava arraigada de interesses religiosos e políticos, pelos líderes locais, mas o crescimento da fé em Alá se alastrou como erva ao meio a plantação. Diante dessa expansão ocorreu o declínio da essência da crença Islã, devido o entrelaçamento com outras culturas de povos distintos.

A Religião Islâmica tem sido a crença que mais expande nos últimos anos, no mundo, pois ela é fácil de ser seguida. Bastam fazer cumprir as Suratas do Alcorão, realizar as cinco orações diárias, cumprir com os cinco pilares da Religião Islâmica (fé, oração, caridade, jejum e peregrinação a Meca uma vez na vida). Isso é o suficiente para sustentar os crentes do Islamismo (PACE, 2005).

Os seguidores de Mohammad mantiveram o modelo de recitar os “versículos” (Suratas) do Alcorão em Árabe, pois segundo o que conta os escritos sobre Alá no Alcorão, Deus é único, só existe um Deus, o Deus do Alcorão e Deus só se comunicou em língua Árabe ao profeta. Para que a pessoa seja Islâmica autêntica, ela deve decorar o Alcorão, recitá-lo, conforme as leis sagradas e fazer as cinco orações diárias (Salat)<sup>27</sup>, ( CHALITA, 2017).

Há alguns questionamentos feitos pelos os Islamistas ao afirmar que Deus é Árabe. Esse Deus só ama aquele que fala árabe, pois ele só conhece sua língua, fazer orações em outras línguas. Alá não escuta ou não entende, e é preciso recitar o Alcorão para que seja ouvido nas orações. Mas essa é apenas uma crença popular.

Então, conforme a literatura sagrada Corânica não existe outro Deus senão Alá. Alguns relatos constam que Mohammad se encontrava em alguns momentos,

---

<sup>27</sup> Salat o culto através das preces, cinco vezes ao dia.

em estado de conturbações ou êxtase, como há também alguns relatos literários, sobre o estado de Mohammad, ao receber a presença divina, entrava em estado de transe.

O Profeta Mohammad foi comovido pelas aparições do Anjo Gabriel para confirmação da fé. Os mesmos princípios das mensagens de Abraão, Moisés, Davi, Salomão e Jesus foram confirmados. Conflitos aconteceram dentro da religião do Islã: os traidores foram mortos, considerados rebeldes, ainda que o Alcorão pregue a paz, unidade entre os povos.

Alguns coraixitas estavam descontentes com algumas tomadas de decisões do Clã, pois neste momento se encontravam infectados pela secularidade do mundo, e com a morte do Profeta isso se intensificou (ARMSTRONG, 2001).

Os tempos eram de conflitos internos na religião Islâmica e é nesta tamanha diversidade que surge o extremismo. Vários povos se encontravam em rivalidade e revolta, o que ocorreu entre os grupos Xiitas e os Sunitas. Assim apareceu o termo “guerra santa”, (Djihad)<sup>28</sup>, mas deve se lembrar que essas guerras já haviam acontecido em outros contextos religiosos, como no judaísmo e no cristianismo (JOMIER, 1993).

Torna-se necessário refrescar a memória do passado para compreender os acontecimentos do presente. Interlaçado ao contexto de conflitos e insatisfações dentro do grupo religioso Islâmico, já existia um grupo pequeno que se beneficiava e outro grupo maior que vivia na pobreza.

Dessa forma o Islã veio para confirmar a fé monoteísta, apresentação da crença verdadeira do Deus único, universalizar o mundo pela vontade de Alá, marcar o início de uma religião universal, defender a igualdade entre a humanidade e pregar a fé por meio da crença espalhada pelo mundo. Em Meio aos conflitos e insatisfações dentro do grupo religioso já era visível desigualdade social, também foi fator de rivalidades nas tribos (ARMSTRONG, 2001).

No auge das diversas mudanças em que a humanidade passou por períodos de orientação e desorientação no campo religioso. Inserido nessas transformações, o Islã inicia a reforma religiosa, ou seja, a separação entre as duas tribos principais.

---

<sup>28</sup> Djihad Segundo os preceitos islâmicos, todo seguidor de Maomé deve ser um soldado encarregado de levar a fé a todos os “infiéis” (djihad = Guerra Santa).

Neste contexto de mudanças, os grupos islâmicos iniciaram o processo de segregação de predileção de seguimentos da verdade. Surgem as divisões entre os povos do mundo Islâmico, em princípio entre três tribos: Sunitas, Xiitas e Caregitas (ARMSTRONG, 2001).

Os Sunitas (90%) é o grupo principal e majoritário, os Xiitas (9%) representam a segunda maior tribo e as Caregitas (1%) representam a minoria. Com as separações das tribos e da expansão do islamismo, a religião perde a essência da bacia semântica original (ARNT, 1997).

### 1.3 As ramificações do Islã

Darei breve explicação sobre as três tribos citadas, mas devemos lembrar que eram mais tribos. Os povos da tribo Xiita são os partidários de Ali, número irrisório dos Islâmicos, defendem a ideia de que seu representante deve ser da linhagem de Ali (o primo e genro do profeta Maomé) e Fátima (filha de Mohammad). Então, ocorreu a separação do Islã entre os povos Xiita, considerados extremistas pelos Sunitas.

O grupo Xiita (que significa “facção”) é dividido em doze imames<sup>29</sup> (zaiditas no Iêmen, ismaelitas no Irã e na Índia, imanitas na Síria e outros). Os Xiitas se encontram espalhados principalmente por alguns países Asiáticos, como: no Irã, Iraque, Paquistão, Arábia Saudita, Bahrein, Líbano, Azerbaijão, Iêmen; Tem representação significativa, sobretudo no Irã, país que é governado pelos Xiitas desde o século XV d. C. (ARMSTRONG, 2001).

Quando os grupos dos Xiitas se espalharam por outras nações e se dividiram entre si, por interesses individuais dos membros do grupo, eles foram se divergindo por razões a qual os uniam, como já discuti esse assunto em outro tópico. Os

---

<sup>29</sup> Os imames são os representantes do profeta Maomé e que oficializam as orações nas mesquitas. Ao contrário da religião cristã, no Islamismo não há um clero, assim o imame pode ser qualquer pessoa que tenha as qualidades necessárias para ser um líder espiritual de uma comunidade muçulmana.

interesses divergiram, com motivos como a ocupação territorial, questões de poder, divergências religiosas, econômicas e sociais.

A verdade é que em cada lugar em que a religião Islâmica adentrava a cultura era diferente. O Islã foi perdendo parte da essência religiosa e se expandiu de maneira pacífica ou não. Muitas vezes o interesse é particular, de questão intelectual, o que também, contribuiu para provocar alguns conflitos entre os crentes Islão. Os Xiitas negam o califado dos Sunitas (JOMIER, 1993).

Os Caregitas são povos Islâmicos que saíram e foram habitar em outros lugares. São de origem Árabe, não tem Ali e nem o Califa como princípio, mas também não são rivais. Gostaria que o Califa fosse alguém de competência e de conhecimento impar.

Os Islamistas Sunitas seguem e vivem a literatura do Alcorão, seguindo os cinco pilares da religião: caridade, oração, jejum, crença em um único Deus e ir a Meca uma vez na vida, de forma tranquila e equilibrada. O povo Islã de origem Sunita predomina, cerca de 90% dos Islâmicos. Sunismo, por definição, significa "aqueles que seguem o exemplo do Profeta Maomé". Considerada de linha ortodoxa, teocrata e tradicionalista do islã (ARNT, 1997).

Os Sunitas são treinados a seguir o modo de vida de Mohammad. A palavra Sunita também está relacionado à compilação dos livros do Alcorão. "Os sunitas acreditam que Abu Bakr, pai de Aisha, esposa de Maomé, é o sucessor, e que o método de escolha ou eleição de líderes (shura), aprovado pelo Alcorão. Legitimou o consenso da Ummah"<sup>30</sup> (SANTIAGO, 2018).

Então, assim aconteceu a separação religiosa Islâmica e para que haja seguimento da fé original. Tornou-se necessário seguir as crenças do primeiro califado de Mohammad, com finalidade e manter a base da fé Islâmica.

Os Islamistas Sunitas seguem e vivem a literatura do Alcorão. A literatura sagrada Islâmica se baseia nos cinco pilares: Testemunho do que não existe outro Deus, senão, Alá, Mohammad é o Profeta enviado por Deus; cumprimento das cinco orações diárias; pagamento do imposto social; peregrinação a Meca, o jejum, caridade, bondade, ajuda o próximo.

---

<sup>30</sup> Ummah é a comunidade islâmica, ou seja, todos os povos que aceitaram o credo islâmico. Hoje, a umma se estende desde o Marrocos (África do Norte) à Indonésia (Sudeste asiático).

Em meio ao desconhecimento e segregação do contexto do Islã surgem as divisões entre os povos do mundo Islâmico. Isso também aconteceu com o Cristianismo, judaísmo e com outras religiões, pois à medida que as religiões saem da origem de seu berço. Elas incorporam a cultura e os costumes de outros povos.

Quando se diz que os Islâmicos são terroristas, deveríamos analisar que a divisão de seus povos entre: Xiitas, Sunitas, Caregitas. Isso dificulta a generalização dos títulos de “terroristas” ou outros pejorativos. Todo aquele que se posiciona na contramão da doutrina pregada pelo Profeta Mohammad, os ensinamentos do Alcorão, contraria as Leis Islâmicas (JOMIER, 1993).

#### 1.4 O Islã e a mídia internacional

A mídia internacional relata os conflitos existentes na Terra Santa, em Jerusalém, Israel, França, na Palestina. Muitas vezes acontecem transtornos, praticados pelo fanatismo religioso, daqueles que se declaram ser o “estado islâmico”. Eles se declaram Islamistas, mas não vivenciam a Sharia<sup>31</sup>, que é o código das leis do islamismo. No entanto o Islamismo prega à paz, a solidariedade, a caridade, o jejum entre os povos (ARMSTRONG, 2001).

O islamista Sunita prega a igualdade social entre os seguidores, mas a justificava da desigualdade social é de cunho político. A origem do ódio dos povos árabes, para com os judeus aconteceu por causa do domínio de território. No passado, eles chegaram a viver em harmonia, por causa do respeito aos clãs.

Na Primavera Árabe um conflito ocorreu em alguns países do Oriente Médio e do Norte do Continente Africano como: a Tunísia: Líbia, Egito, Argélia, Iêmen, Marrocos, Bahrein, Síria, Jordânia e Omã. A verdade é que alguns governos ditadores permaneceram no poder por mais de quarenta anos. Esse é o caso da Síria, o que revoltou a população local (GUIA DO ESTUDANTE, 2017).

Quando se propôs reivindicações feitas pelo povo oprimido pelo governo, era exigido o fim da desigualdade social, da política opressora, da inflação, ausência de emprego. A religião fez intensificar as insatisfações da população, isso principalmente nos países Árabes, pela ausência dos direitos das pessoas que em

---

<sup>31</sup> Sharia é um conjunto de leis islâmicas que são baseadas no Alcorão, e responsáveis por ditar as regras de comportamento dos muçulmanos.

ignorados. O conflito da Primavera Árabe proporcionou a morte de várias pessoas e derrubou alguns governos ditadores, mas o que o povo queria era o direito a democracia e respeito.

As atrocidades de mortes e guerras também ocorreram e ainda acontece em nome de Alá, mais isso aconteceu também no cristianismo. O poder da Igreja Católica era equiparado ao poder dos reis (estados), que às vezes esse poder era confundido, por estar hibridizado em duas instituições (ZILLES, 1991).

As inquisições e as heresias do cristianismo matavam em nome de Deus, que eram declaradas “guerras santas”<sup>32</sup>. Portanto por trás das instituições religiosas existem interesses de poder, instituído por homens. Então porque se tem um olhar fixo nas guerras Islâmicas?

Durante quase 1 000 anos – entre o declínio do Império Romano e o advento da modernidade – o islã esteve na vanguarda do progresso humano. A largada começou no século 7, quando os seguidores do profeta Maomé partiram de Medina, na atual Arábia Saudita, e conquistaram o Oriente Médio, o norte da África e a península Ibérica. Em 1095, a Igreja Católica enviou a primeira de várias expedições para recuperar a Terra Santa das mãos muçulmanas, conhecidas como cruzadas. A empreitada fracassou, enquanto os seguidores de Maomé só faziam ampliar seus domínios. (SZKLARZ, 2006).

O Islã esteve à frente no desenvolvimento da intelectualidade. Este fenômeno teve início, quando os seguidores de Mohammad resolveram conquistar outros lugares, distantes da Arábia Saudita, a fim de apresentar ao mundo a mais nova Religião, o Islamismo.

A religião islâmica por um curto período de tempo serviu de alicerce para restauração das desavenças entre os povos da Arábia, devido sua fé monoteísta. No entanto Alá se refere à humanidade como irmãos. Sendo assim, Mohammad o Profeta veio ao mundo para pregar a ordem global única, para os Islâmicos e para os “homens do mundo” (JOMIER, 1993).

Portanto a humanidade tem a mesma descendência em Adão e Noé, segundo as histórias das religiões, pois ambos pregavam a necessidade de crer somente em divindade. A crença e a obediência no Deus monoteísta eram consideradas a vontade dos primeiros Profetas enviados por Deus.

---

<sup>32</sup> Segundo os preceitos islâmicos, todo seguidor de Maomé deve ser um soldado encarregado de levar a fé a todos os “infiéis”(djihad = Guerra Santa).

Sendo assim, se fez cumprir a mensagem da crença em um Deus único, e que ela se espalhasse por todo o povo da Terra. Pregou-se a necessidade de viver a unicidade na fé religiosa dos profetas primeiros. Conforme os escritos literários da Bíblia:

5. E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente. 6. Então se arrependeu o Senhor de haver feito o homem sobre a terra e pesou-lhe em seu coração. 7. E disse o Senhor: Destruirei o homem que criei de sobre a face da terra, desde o homem até ao animal, até ao réptil, e até à ave dos céus; porque me arrependo de havê-los feito. 8. Noé, porém, achou graça aos olhos do Senhor. 9. Estas são as gerações de Noé. Noé era homem justo e perfeito em suas gerações; Noé andava com Deus (GÊNESIS 6:5-9).

A descendência da humanidade segundo Gênesis foi dizimada devido à desobediência a vontade de Deus. Criam no politeísmo e naquela época os corações humanos estavam cheios de maldade.

Então, Alá arrependido de ter criado o ser humano, resolveu colocar fim a toda essa “arrogância” dos homens, deixando sobre a Terra apenas os filhos, a esposa de Noé e um casal de cada espécie animal, para pudesse perpetuar sobre a Terra. Os escolhidos de Alá deviam disseminar a bondade e a justiça por toda a Terra. Assim é a descendência da humanidade na visão Islâmica.

O livro de Gênesis da Bíblia Sagrada descreve sobre a desobediência do ser humano a Deus quando a mulher e o homem resolveram comer do fruto proibido do paraíso. Isso é semelhante na crença Islâmica, pois a falta de obediência do homem e da mulher, fez com que Alá amaldiçoasse os humanos. Assim inicia o pecado da “raça humana” (BÍBLIA, 1996).

Com o povo de Noé ocorreu o mesmo, foram dizimados por causa da maldade e da desobediência, a vontade de Deus. A intenção de Alá é fazer com que o seu povo volte a Ele e siga os mandamentos determinados por Ele (BÍBLIA, 1996).

Seguindo a literatura sagrada adotada por cada religião, Deus enviou seus mensageiros para que os homens e as mulheres voltem à verdade, pois se encontram na escuridão. Então aqueles que escolheram viver a fé da religião que agrada a Deus.

Portanto há intenção do consenso nas ideias. A religião Islâmica deseja a universalidade e a integralidade da humanidade. Apesar de Deus ser único, independe de religião para que Ele exista. Este Deus acredita na potencialidade dos humanos. Os homens é que usam da insanidade para cometer seus crimes e matanças.

Existem algumas divergências da fé Islâmica, em relação ao catolicismo. Assim surge à crítica do Islamismo ao catolicismo, em relação à morte de Jesus. Como pode Deus ter sido crucificado pelos homens, pois seria como Ele si crucificasse. Se Jesus era o próprio Deus. Jamais Alá, o clemente e misericordioso, permitiria tamanho absurdo. Não irei entrar nesse mérito das discussões religiosas, mas dessa maneira os Islâmicos contrapõem as evidências da crucificação de Jesus pelos Romanos (ANSWERS, 1995).

O Islamista argumenta que Alá jamais infamaria um Profeta seu, lhe permitindo passar por tal desonra. Conforme o islã, a morte do “Profeta” Jesus não é a do próprio Deus, como acredita o Cristianismo, na Santíssima Trindade. Os Islamistas veem Jesus como o Profeta e não Deus. Ele é como Mohammad (ARMSTRONG, 2001).

Os Islâmicos creem que Jesus foi milagrosamente elevado ao céu, como no Cristianismo, mas os Islâmicos abominam a crença do cristianismo em relação a crucificação de Jesus: se Ele era o próprio Deus, como poderia passar por tamanha humilhação?

Sendo assim, a mão de Deus se estende sobre a humanidade e livra seu povo do mal. Quando a luz de Alá brilha sobre seus fieis, nasce à conversão dos povos em um Deus único e poderoso. Assim, surgiram os questionamentos sobre a morte de Jesus entre os crentes Católicos e os Islâmicos.

Ainda no século XXI, alguns Islamistas do grupo Xiitas, do Estado Islâmico, que se declaram seguidores da religião Islâmica, explicam os massacres aos condenados, ou seja, aqueles que não creem em Alá (PACE, 2005).

No entanto quando não há a igualdade e a tolerância religiosa, se matava e mata em nome de Alá Islâmico, do Deus do Cristianismo e do Deus Javé do Judaísmo. Esta matança tinha e tem interesse unicamente militar, político e de domínio de território.

Na cultura Islâmica “amar” é olhar para a mesma direção, se isso não ocorrer, não há amor ao próximo. Como consta nos Dez mandamentos do Alcorão, o que estabelece o domínio dos árabes sobre os povos é a revelação da literatura sagrada, do Alcorão. Para os judeus, aqueles que creem nas leis judaicas seriam salvos e os que não creem eram condenados. Isso foi aplicado pelos Islâmicos aos que não acreditavam em Alá (HADDAD, 1982, p. 6- 30).

Os subalternos ou os menos favorecidos financeiramente são protegidos pelos Islâmicos que creem na lei Corânica. Assim os crentes não desviam da fé e de suas responsabilidades.

A Caaba, o lugar onde Mohammad se refugiou para partilhar com seus irmãos Islâmicos. Para Mohammad, os infiéis não podem beijar a pedra ou a casa sagrada, (Caaba)<sup>33</sup>, o que contraria as leis Islâmicas, mas isso para aqueles que se declaram Islâmicos. A sacralidade do local, a importância de fazer as oferendas espirituais e também materiais, pois Alá conhece tudo que existem, pensamentos e atos, pois Ele é Deus, tudo pode (STACEY, 2012).

O que procede no momento de oração é a pureza do seguidor. Caso não esteja purificado, deverá passar por momento de limpeza exterior e se lavar três vezes antes da oração. Assim estará digno de adorar o sagrado, e tocar no material sagrado.

As recomendações são muitas: “Deus designou a Caaba como Casa Sagrada, como local seguro para os humanos.” (ALCORÃO 5:97). “Aonde quer que estejais Deus vos reunirá. Deus tem poder sobre tudo” (ALCORÃO 2; 148). “Ó Muhammad e seus seguidores, orienta teu rosto e de seus fieis para a Sagrada Mesquita, porque isto é a verdade do teu Senhor. E Deus está atento ao que fazeis.” (ALCORÃO 2, 149).

O gesto de prostrar se no chão, dirigir o rosto no sentido leste, o ato estar na direção do local sagrado para fazer as orações. Essa é a condição correta que irá conectar o crente com Meca (local santo do Islã). O ato de realização do “ritual” para

---

<sup>33</sup> A Caaba é a Casa sagrada de Deus situada no meio da mesquita sagrada na cidade de Meca, na Arábia Saudita. O cubo negro é familiar para pessoas de todas as crenças devido às imagens que saem da Arábia Saudita todos os anos no período da peregrinação. Geralmente quando as pessoas veem essas imagens, sua atenção foca no cubo negro sendo circundado por centenas, se não milhares, de adoradores. Esse cubo é a Caaba. “Deus designou a Caaba como Casa Sagrada, como local seguro para os humanos” (ALCORÃO 5:97).

fazer as orações é o sinal de unicidade, conexão entre o sujeito crente, o Deus Misericordioso e a obediência a Alá.

As mulheres não devem se perfumar, quando forem ao local de oração. Elas devem ser separadas dos homens. O uso de hijab deve ser completo. Há alguns procedimentos que a mulher deve tomar para ir até Mesquita, e não chamar a atenção dos homens. Evitando assim alguns olhares pecaminosos. O momento em que eles fazem as orações dirigidas a Alá, todos precisam focar o espírito no religioso, pois esse lugar oferece a seus seguidores o encontro pessoal com Alá (CHALITA, 2017).

### 1.5 Os livros sagrados das religiões monoteístas

Irei discorrer sobre os livros sagrados das religiões, para que possamos melhor compreender a literatura de cada um e as semelhanças com a mensagem islâmica. O Alcorão: "(Al - qurn, em árabe, Recitação) é o livro sagrado a todo o adepto da religião Islâmica". Segundo a tradição, é o registro das palavras exatas reveladas pelo Deus Alá por intermédio do Anjo Gabriel ao Profeta Mohammad. Este que memorizou e recitou aos seus companheiros escribas, a vontade de Alá sob seus seguidores.

O texto Corânico é seguido nos dias de hoje por um quarto da população mundial, cerca de um bilhão e trezentos milhões de pessoas (BURGIERMAN, CAVALCANTE e VERGARA, 2001).

A Torá em hebraico significa ensinamento, se refere basicamente ao Pentateuco, ou seja, os cinco primeiros livros da Bíblia. O nome Torá deriva da palavra hebraica Yará, que quer dizer ensinar, instruir, apontar para o alvo, estabelecer uma fundação. Na tradição judaica existem duas torá, a escrita e a oral (RODRIGUES, 2010).

A Bíblia provém do grego biblos e significa livros, o que bem demonstra não ser a Bíblia um livro único. Assim, quando usamos hoje a palavra "Bíblia" nos referimos a esse conjunto de 73 livros, o Profeta do Cristianismo é Jesus (NABETO, 2017).

Os ritos praticados nas religiões do livro - judaísmo, cristianismo e islamismo - seguem as particularidades dos rituais repetitivos, mantendo a linguagem antiga com a finalidade de transmitir a seus seguidores os valores considerados sagrados. Essa memória religiosa é algo peculiar, mesmo que no século XXI ainda tenha sido alvo de críticas.

## 1.6 O Islã e Maria mãe do Profeta Jesus

No Alcorão Islâmico como na Bíblia Católica, Maria Mãe de Jesus é exemplo de mulher pura e adequada. Ao dar a luz ao filho de Deus, ou ao Profeta, como os Islamistas se referem à pessoa de Jesus, Maria recebeu a revelação do Anjo Gabriel. Mohammad também foi agraciado com a presença do Anjo Gabriel, porém o Anjo revelou os escritos, ou a literatura do Alcorão. Maria é citada no Evangelho de Mateus com anunciação da chegada de Jesus.

Eis como nasceu Jesus Cristo: Maria, sua mãe, estava desposada com José. Antes de coabitarem, aconteceu que ela concebeu por virtude do Espírito Santo. José, seu esposo, que era homem de bem, não querendo difamá-la, resolveu rejeitá-la secretamente. Enquanto assim pensava, eis que um anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos e lhe disse: José, filho de Davi, não temas receber Maria por esposa, pois o que nela foi concebido vem do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo de seus pecados. Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor falou pelo profeta: Eis que a Virgem conceberá e dará à luz um filho, que se chamará Emanuel {Is 7, 14}, que significa: Deus conosco. Despertando, José fez como o anjo do Senhor lhe havia mandado e recebeu em sua casa sua esposa. E, sem que ele a tivesse conhecido, ela deu à luz o seu filho, que recebeu o nome de Jesus (MATEUS 1; 18-25).

Quando Maria recebeu a visita do Anjo Gabriel, este lhe fez o anuncio da chegada do Messias. Ela já estava prometida a José, mas quando Ele descobriu que Maria estava grávida, desejou rejeitá-la. Assim o Anjo Gabriel apareceu para José em sonho e anunciou que fosse cumprida a vontade de Deus. O Anjo lhe relatou no sonho, que não tenhais medo José, pois tudo era a vontade do Pai. Assim se fez cumprir as escrituras.

Maria esta relatada na Surata (3; 42-50) do Alcorão, com a revelação do anjo Gabriel a chega da do Profeta Jesus.

18. Disse-lhe ela: Guardo-me de ti no Clemente, se é que temes a Deus. 19. Explicou-lhe: Sou tão-somente o mensageiro do teu Senhor, para agraciarte com um filho imaculado. 20. Disse-lhe: Como poderei ter um filho, se nenhum homem me tocou e jamais deixei de ser casta? 21. Disse-lhe: Assim será, porque teu Senhor disse: Isso Me é fácil! E faremos disso um sinal para os homens, e será uma prova de Nossa misericórdia. E foi uma ordem inexorável. 22. E quando concebeu, retirou-se, com um rebento a um lugar afastado. 23. As dores do parto a constrangeram a refugiar-se junto a uma tamareira. Disse: Oxalá eu tivesse morrido antes disto, ficando completamente esquecida. (SURATA 19: 18-23).

A Surata dezenove (19) do Alcorão é toda destinada a Maria, Mãe de Jesus. Como em Mateus (1; 18-25), há momentos em que a literatura Bíblica e Corânica se cruzam numa mesma doutrina. As duas passagens relatam quando Maria recebe a presença do Anjo Gabriel, que anuncia a “Boa Nova”: a Chegada de Jesus o Profeta dos Profetas.

Maria foi à escolhida para trazer algo extraordinário ao mundo. Mulher de fé e obediência ao seu Deus, humilde e sem questionamento a vontade de Alá. O acontecimento da anunciação da gravidez e da chegada do Messias Cristão encheu o povo de esperança. Trouxe consigo a paz que reinaria até o dia de sua ressurreição.

Maria recebeu a visita do Anjo Gabriel, como Mohammad, também foi agraciado com aparição do Anjo Gabriel. Foi o Anjo que revelou a Maomé os escritos, ou seja, a literatura do Alcorão. As diferenças são que o Anjo Gabriel anunciou a Maria à chegada do Profeta Jesus e a Mohammad, o Anjo revelou a literatura do Alcorão, as Suratas do livro Sagrado do Islã.

Os livros sagrados das religiões monoteístas descrevem a chegada dos Profetas e de Maria. Nos livros de Pentateuco, ou seja, os cinco livros do Velho Testamento, que dá origem ao compilado da Torá havia a profecia segundo a qual o Filho de Deus nasceria, por obra de Deus, de uma jovem virgem.

"10. O Senhor disse ainda a Acáz: 11. Pede ao Senhor teu Deus um sinal, seja do fundo da habitação dos mortos, seja lá do alto. 12. Acáz respondeu: De maneira alguma! Não quero pôr o Senhor à prova. 13. Isaías respondeu: Ouvi, casa de Davi: Não vos basta fatigar a paciência dos homens? Pretendeis cansar também o meu Deus? 14. Por isso, o próprio Senhor vos

dará um sinal: uma virgem conceberá e dará à luz um filho, e o chamará Deus Conosco" (ISAÍAS 7, 10-14).

A passagem bíblica não descreve a palavra "jovem". O original é em hebraico que usa o termo 'Almah', que significa donzela, ou seja, a jovem recém-casada. Em hebraico, a palavra normalmente usada para virgem é 'Betulah'. O texto de Isaías, no último parágrafo, comenta sobre a virgem que dará a luz ao filho de Javé ou Salvador.

Essa "mulher" é Maria, e seu filho receberá o nome de Emanuel, significa "Deus (está) conosco". Emanuel se originou a partir do termo hebraico Immanuel, composto pelos elementos Immánu, que significa "conosco", e El, que quer dizer "Deus" ou "Senhor" (BIBLÍA, 1996).

### 1.7 Jesus na visão de outras religiões

Para os Judeus, a visão de Jesus é bem distinta, do olhar do Cristianismo e do Islamismo. O pensamento judeu sobre Jesus ensina que Ele não foi o próprio Deus, não ressuscitou e ninguém pode ser um "Deus filho". Então Jesus é somente "um" filho do homem comum como todos os seres humanos, eles creem que Javé é o criador de tudo que existe. O povo Judeu acredita que o Messias ainda está por vir (O JESUS, 2019).

O islamismo, o judaísmo e o cristianismo apresentam em alguns momentos a mesma crença em Abraão, e de fé monoteísta. Mesmo diante de tamanhas semelhanças no princípio da fé, os Islamistas são inimigos dos cristãos. Muitas vezes são os extremistas do Estado Islâmico e os fundamentalistas que perseguem os cristãos na "Terra Santa" e em outros locais do mundo (PACE, 2005).

Tendo em vista os aspectos apresentados sobre os fatores históricos, geográficos e de crença de origem Islâmica, isso nos faz pensar o quanto foi difícil para essa religião, vencer as dificuldades apresentadas, tanto, nos contextos geográficos, históricos, religiosos das pessoas que viveram nesse período do surgimento da nova Religião.

Essa dissertação tem o objetivo de apresentar a crença e a escolha de comportamento de algumas mulheres que vivenciam a fé Islâmica, na tentativa de

desmistificar parte dos preconceitos que se tem com os crentes da religião Islâmica e o interesse de despertar na sociedade intelectual o diálogo. Conhecer e analisar as mulheres na religião Islâmica e sua relação Profeta Mohammad, de modo em que possamos compreender a fé no contexto social e na obediência a literatura do Alcorão (CHALITA, 2017).

Para que houvesse melhor entendimento, foi necessário conhecer os fatos históricos, geográficos, culturais e sociais do surgimento da revelação do Alcorão e os costumes das mulheres islâmicas. Busca-se entender a posição das mulheres Islâmicas, principalmente no que diverge na cultura religiosa do ocidente com o oriente.

Toda análise de leituras e fontes bibliográficas serão eficazes na compreensão das teorias discutidas nessa dissertação. Leva-se em consideração o impacto que ela trás sobre a origem, a crença e a vida das mulheres Islâmicas.

Sendo assim, a crença intervém na maneira em que a religião é interpretada e até mesmo reinventada. A fé marca a forma de viver e a maneira do comportamento das pessoas. Isso acontece principalmente no mundo de algumas mulheres que resolveram dedicar a vida a seguir a crença Islâmica, conforme a literatura do livro Sagrado de sua religião. Este assunto apenas esta começando, existem várias incógnitas a serem analisadas (CHALITA, 2017).

No próximo capítulo enfatizarei nas Mulheres Islâmicas e a Religião ao qual elas creem e dedicam suas vidas a Alá.

## 2 AS MULHERES NA RELIGIÃO ISLÂMICA

Neste capítulo discorrerei sobre as Mulheres de crença Islâmica, que ignoram o mundo moderno para viver a fé em Alá, apesar dos preconceitos e da visão distorcida impregnada por aqueles que desconhecem a verdade sobre elas. No século VII e até nos dias atuais existem sim mulheres que são submissas a sua cultura e ao “machismo” que existe espalhado pelo mundo, mas as Mulheres da Religião Islâmica, também, sofrem com o etnocentrismo Estadunidense e Europeu, o que faz com que algumas pessoas acreditam que “todas” as mulheres de crença Islâmicas são submissas as vontades de seus familiares e de seu marido, ignorando todos os seus direitos.

### 2.1 Khadija a primeira esposa do Profeta Mohammad

A primeira esposa do profeta Mohammad se chamava Khadija bint Khuwaili, foi testemunha viva do nascimento do Islã, mercadora rica, que tinha ficado viúva e recebeu propostas de casamento de homens poderosos do século VII e ela negou os homens, esse acontecimento ocorreu na cidade de Meca. Khadija foi exemplo vivo da “liberdade” das mulheres Islâmicas (JOMIER, 1993).

Khadija foi mulher cheia de posse e respeitada pela sociedade, sem se exaltar e perder tempo fez de sua casa o verdadeiro templo de adoração a Alá. Viveu a crença monoteísta e a professou junto ao marido, o Profeta Mohammad, de fé Abraâmica. Khadija foi ousada a não aceitar os cortejos dos mercadores ricos e fez a opção de deixar todos os prazeres do mundo e viver intensamente a sua fé.

Khadija viveu 25 anos ao lado de Mohammad, pregando e vivendo a religião Islâmica. Maomé a amou de tal maneira que optou por não ter outras esposas, no século VII, a poligamia era algo comum, mas o Profeta optou por ter um amor único, pois nesse contexto era comum o homem desposar quatro ou mais mulheres. A esposa de Mohammad se tornou exemplo no testemunho a “Alá”, o Deus único dos Islâmicos.

Quando Mohammad recebeu a anunciação do Anjo Gabriel, ele se torna o homem responsável por recitar as Suratas Corânicas, aos escribas, que redigiram o

Alcorão. Khadija se encontrava ao lado do Profeta, quanto esse episódio milagroso aconteceu. No entanto ninguém melhor do que Khadija para testemunhar a fé monoteísta e a importância da mulher, mas ela participou desse mistério, por apenas oito anos de sua vida. Então, em meio a esse contexto de transição e aceitação de uma fé única, o Profeta Mohammad sai de seu reduto para pregar a crença em um Deus Islão (KHADIJA, 2014).

No primeiro momento em que a fé monoteísta pregada por Mohammad, com características de um Deus único, a anunciação da crença não foi bem aceita pelo povo de sua tribo, porém nesta época era comum acreditar em vários deuses, pregavam a fé politeísta. Mesmo assim, Khadija não deixou se abater e manteve firme na fé ao lado do marido (ARMSTRONG, 2001).

Khadija e Mohammad estiveram 25 anos casados, durante esse período juntos, eles elaboraram as leis que regiam o matrimônio intacto e buscavam trazer aos cônjuges a felicidade pela fé. Essa mulher transformou a realidade das leis que garantia a união de um homem com uma mulher no idealismo de manifestar amor e fé por Alá e a seu Profeta.

Khadija criou os padrões básicos que traduzem a paz, harmonia, felicidade e satisfação doméstica e os aplicou em sua própria vida. Ela demonstrou que a chave para a felicidade familiar é a proximidade entre seus membros. Ela mostrou os direitos e deveres de maridos e esposas. O modelo criado por ela tornou-se um "esquema" de vida familiar para o Islam (KHADIJA, 2014, p. On-line).

A esposa do Profeta Mohammad, Khadija, se fez responsável por elaborar as leis que mantem o lar e a família unida pela fé. Para ela a unicidade e a felicidade da família dependerão de quanto os membros estarão próximos e unidos, cada pessoa que compõem a família compreenda quais são seus direitos e deveres, seria como normas preestabelecidas no seio dos lares, para que a paz e crença prevaleçam (ARMSTRONG, 2001).

O crescimento da crença religiosa Islâmica fez com que as mulheres muçulmanas enfrentassem a realidade do mundo moderno e os problemas gerados por aqueles que são desprovidos de fé e do conhecimento religioso, pois "ainda" no século XXI, existe certa ignorância sobre a verdade sobre a fé Islâmica. Isso também acontece no mundo ocidental.

Os muçulmanos que emigram de seus países levam ao país de destino não apenas as memórias dos fundamentos islâmicos, mas também o seu modo de vida, continuando muçulmanos árabes, muçulmanos asiáticos ou muçulmanos africanos, seja no Brasil, em Portugal ou qualquer outro lugar. Mas, com o aparecimento da segunda e terceira gerações, a situação se modifica, pois esses últimos se distanciam da sua procedência, ainda que os pais tentem preservá-las. Todavia, os jovens muçulmanos, filhos de imigrantes, têm reivindicado um retorno ao Islã. Também os convertidos, “que tiveram que escolher entre ‘tornar-se’ paquistanês ou ‘tornar-se’ árabe em vez de ser muçulmano”, têm começado a se dar conta da diferença entre Islã e cultura (RAMADAN, 2004 apud FERREIRA, 2010, p. 2).

Os povos Islâmicos que migraram para outros países trouxeram consigo o enraizamento da fé em Alá, mas como passar dos anos, acabaram se distanciando do modo de vida e da doutrina religiosa primeira, essa mudança, também, afetou o modo de vida das Mulheres Islãs.

O afastamento do povo Islâmico da bacia semântica ocasiona perda de detalhes significantes da origem na crença, a distancia das bases da fé, os deixa vulneráveis a influência de outras culturas e costumes. No entanto conforme as gerações vão se multiplicando e o tempo vai passando, os princípios das bases dos crentes se mesclam, e as mudanças vão se tornando o processo natural nas religiões e nos costumes da essência da fé primeira (PACE, 2005).

A miscigenação cultural muitas vezes é impregnada pela mídia sensacionalista, desfigurando a essência da crença Corânica. Assim, se faz necessário distinguir a crença e a cultura que norteia o povo da fé Islâmica. Neste contexto as mulheres se tornam alvos fáceis de sofrerem discriminação, pois são frágeis sob o olhar preconceito, devido à veste que cobrem seu corpo, como elas se comportam na sociedade seguindo as doutrinas Corânicas, o modo de viver escolhida por elas, a fé em Alá e no Profeta. O islã tem sua cultura própria (LARAIA, 2013).

No Alcorão encontram-se escritas algumas histórias do Profeta Maomé e de como Ele descreveu deuses imaginários, ou seja, politeístas. O sistema da religião Islâmica que é monoteísta é vivido conforme a vida de cada ser humano, dentro das condições naturais e sociais em que se crê.

Qualquer análise religiosa pode ter cunho parcial, ou discutível, mas não se pode deixar de afastar a ideia do Islamismo em observar a humanidade com

compaixão, o que não o difere do cristianismo e nem do judaísmo, pois os princípios éticos e morais devem ser resguardados (HADDAD, 1982).

As divergências entre o Islamismo e o Cristianismo, geram problemas nas maneiras como as doutrinas, crenças, modo de vida, de cada povo, que mantem seus costumes, ética, cultura e crenças diferentes nas maneiras de interpretar a fé. A forma de viver a fé é algo da particularidade de cada nação. Entretanto, as Mulheres Islâmicas são alvos bem fáceis de questionamentos e críticas.

## 2.2 O papel das Mulheres na Religião Islâmica

Então, conforme os séculos foram passando as Mulheres Islâmicas se adentraram ao ocidente, seus costumes e culturas, sofrem influência externa, apesar de acontecer de forma lenta e continua. No século XXI as Mulheres tem a liberdade de participar de Congressos Internacionais, que discutem os direitos de dirigir automóveis, sair de casa sozinha. Elas sempre tem o cuidado de resguardar as praticas religiosas e culturais.

As discussões em torno das Mulheres de fé Islã tem o intuito de mostrar os direitos, garantidos pelos Direitos Humanos. Ainda hoje as mulheres da fé Islâmica, enfrentam grandes desafios fora e dentro do contexto oriental. Sendo que na maioria das vezes as Conferências Internacionais, os assuntos abordados são sobre teorias de gênero, a realidade, a condição de imigrantes e a atual condição das mulheres do mundo Islâmico. A situação das mulheres islâmicas é difícil e machista, bem como em outras regiões (OLIVEIRA, 2001).

A condição das mulheres no Islã são “istinbât al-ahkâm”, não a partir de uma exegese literal e léxica dos textos, mas buscando sua razão essencial “al-illa” (o princípio de motivação) e sua finalidade, que não podem e não devem se remeter senão ao bem comum “maslaha”. O objetivo é de adaptar a regra jurídica/hukm às exigências das circunstâncias levando em consideração, sobretudo o sentido latente dos textos que exprimiriam melhor a intenção divina (MARQUES, 2009).

Os estudos realizados sobre a condição de vida e da religião em que as Mulheres Islâmicas, apresentam aptidão somente para trabalhos domésticos e na maioria das vezes se submetem aos caprichos dos maridos, aceitam se silenciar

pelos os maus tratos. Elas também se resguardam do mercado de trabalho, quando sua crença e vestes são questionadas.

As mulheres reivindicam direitos iguais aos dos homens, recentemente, não somente porque são mulheres, porque também fizeram opção pela crença Islâmica, elas são perseguidas e criticadas. Porque em alguns países, onde a crença Islâmica é com costumes Xiitas, as mulheres é privada do acesso aos meios de comunicações, isso contribui pelo não reconhecimento de seus direitos, tornando-as obrigadas a obedecerem aos maridos, pais e outros homens da família.

As mulheres deste contexto vivem restritas as leis de seus países, de maneira em que a maioria da população é Islâmica. Assim elas sofrem discriminação pela cultura, por escolha da religião, ainda sim por serem mulheres e religiosas (BOURDIEU, 2016).

No século XXI, no Ocidente e em outros lugares do planeta Terra, existe certa ignorância em relação às Mulheres da Religião Islâmica. Principalmente em referencia àquela que acata as Leis do Alcorão como modo de vida, sendo fiel e seguindo a tradição, como o uso do véu (RICARDO, 2012).

Usar o adereço, o hijab, é visto por algumas mulheres, a maneira digna de ser mãe, de honrar os ensinamentos do Profeta Mohammad e mostrar ao mundo ao seu redor que és crente em Alá “clemente e misericordioso”.

O Islã faz criticas de como os judeus trataram suas mulheres no passado, pois as mesmas não podiam participar de nenhuma atividade pública, isso feria a honra e dignidade da sociedade da época. Elegiam as mulheres como culpadas de toda a anomia que aconteceu no paraíso, como o surgimento do pecado, ou seja, os escritos de Gênesis (3; 6-23). No contexto judaico as atividades das mulheres deveriam ser voltadas somente aos afazeres do lar (NABETO, 2017).

Muitas vezes as mulheres são comparadas como se fossem responsáveis pelo pecado de Eva e Adão, conforme os versículos de Gênesis. Sendo assim a concepção judaico-cristã sobre a mulher na atualidade, se reforça nas crenças do pecado de Eva e na sua descendência feminina (GÊNISES 3; 1-24).

Então, seguindo essa mesma linha de pensamento, sobre a culpa do pecado é de Eva, Maria mãe de Jesus foi aquela que libertou a mulher e fez dela a salvadora, pois Maria disseminou para o mundo a bondade, a obediência e a

santidade. São duas mulheres que espalharam ao mundo o amor de Deus, por vertentes distintas (ALCORÃO 19, 32-36).

As mulheres islâmicas se diferem do homem, por questões de sexo, mais ambos são criaturas amadas por Alá. O Alcorão sugere que todas as mulheres sigam o exemplo das mulheres boas da Bíblia e do Alcorão, como a Virgem Maria e Khadija. Homens e mulheres devem ser punidos caso não cumpram as leis Corânicas, de maneira igual (CHALITA, 2017).

O adultério é o exemplo, tratado como algo vergonhoso em várias religiões. Isso faz parte tanto dos direitos do homem, quanto da mulher, pois seguem o padrão moral e é duplo, o que reforça a memória ativa, de quem tem o desejo de buscar no passado a comprovação de quem somos no presente (MARTELLI, 1995).

Quanto aos que creem e praticam o bem, são elas as melhores das criaturas. Sua recompensa com seu Senhor: os jardins do Éden nos quais correm os rios, onde morarão para todo o sempre. Deus está satisfeito com eles, e eles satisfeitos com Deus. Assim é recompensado aquele que teme a seu Senhor (ALCORÃO 98; 7 - 8).

A tradição judaico-cristã no passado tratou as mulheres como se fossem objeto, desprezando a importância dela no contexto religioso e social, todo esse padrão era interpretado de maneira dupla nas leis. O comportamento social e religioso foi o que norteou o aumento dos números de adultérios e divórcios, pois a sociedade é machista.

Quando as Mulheres se casavam, elas apenas saíam do poder dominador do pai e passavam a ser dominadas pelo marido. Isso era consolidado com o casamento, e o marido ainda recebia o dote da família da mulher, pois o homem irá cuidar de sua esposa. É como se passasse a responsabilidade da filha para os cuidados do marido. No entanto, essas mulheres eram tidas e tratadas como objeto de prazer e cuidadoras do lar e por não apresentar nenhum tipo de vontade própria (SAADAWI, 2002).

No cristianismo, a tradição em que as mulheres eram submissas. No Islã, a família da noiva não precisava presentear a família do noivo, pois era o contrário, o noivo é que deve presentear a noiva (ARMSTRONG, 2001). Na cultura religiosa católica, de modo semelhante, o divórcio era visto como algo abominável, ou seja, o casamento deve ser mantido indiferente do que acontece na relação matrimonial, entre os cônjuges.

No judaísmo, as mulheres e os homens podem divorciar sem motivo grave, somente em algumas situações esporádicas é que o divórcio é negado. Então, a questão do divórcio nas religiões possuem interpretações parecidas.

No Islã, o termo divórcio ocupa o meio termo, entre as leis do cristianismo e do judaísmo. O casamento é uma benção de Alá, santificada, que não pode ser quebrada, mas caso, que haja motivos irreparáveis, o direito do divórcio é acessível ao homem e a mulher (OLIVEIRA, 2001).

Nos livros sagrados como no Alcorão, na Bíblia e no Torá é proibido divorciar, aos olhos do criador, o que garante os direitos das mulheres e dos homens e seguir os conselhos viáveis para salvar o casamento.

As religiões utilizam da memória do passado para afirmar e viver o presente, e ao mesmo tempo garantir que os erros do ontem não sejam cometidos hoje. A memória assessora na construção dos fatos de forma verbal, sendo individual, cultural e seletiva. Isso dependerá é como os ritos serão vividos na tradição da memória, na particularidade de todas as religiões (MARTELLI, 1995).

Então, o caso das mulheres Islâmicas que mantem a memória viva de seus costumes religiosos ativos, conforme foi relatado por Mohammad, no século VII. As tradições são mantidas pelos discursos da história oral, pela escrita e pelos ensinamentos nas reuniões religiosas.

### 2.3 O uso do Véu (Hijab), fé, costumes ou opressão

Entre as Mulheres Islâmicas, o costume do uso do véu é encarado por elas como algo sublime e de obediência a Alá. Talvez por ser uma maneira de recordar e manter vivo o passado cultural da sociedade religiosa Islâmica (RICARDO, 2012).

Também a memória cultural é necessária para preencher a origem da crença do mito, rito, símbolo, vestuário, e outros instrumentos, seja ele de cunho religioso ou não. As religiões, a memória e as tradições são mantidas vivas pelos interesses individuais ou coletivos do povo (ELIADE, 1992).

As religiões utilizam das memórias orais e escritas, e das tradições, com finalidade de correção de suas atrocidades cometidas no passado. Mulheres que foram mortas, maltratadas, discriminadas, abusadas e consideradas culpadas pelos

pecados do mundo. Hoje essas mesmas mulheres tem, teoricamente, os mesmos direitos dos homens.

A memória das religiões vivem as fases de recordação e de tradição. O islamismo se apropria da cultura, da memória e da tradição histórica, dos aspectos religiosos tradicionais, que é alimentada pelo mito do passado (MARTELLI, 1995).

A figura das mulheres e mães é reportada na figura da pessoa de Maria, mãe de Jesus. No Islã a maternidade é respeitada, pois é a mulher que dá a luz e alimentam os filhos. O Profeta Mohammad diz a um homem: a mãe é a pessoa em que os filhos devem honrar, este comportamento assusta a cultura ocidental (CHALITA, 2017).

O uso do véu nas mulheres Islâmicas costuma trazer uma visão distorcida do ocidente. Em relação a estes costumes são realmente religiosos? Nas religiões judaica e católica, as mulheres usavam o véu antigamente, o que representava a submissão a Deus e aos homens (RICARDO, 2012).

No Islã, o uso do véu sempre foi para identificar a que religião ela pertence, reforçando certo charme e o respeito á família, mas o uso do véu tem vários significados como dignidade, nobreza e respeito próprio.

Na tradição cristã, o véu das mulheres foi utilizado pelas religiosas, para representar a glória de Deus. A importância para cada crente Islâmica colocar este apetrecho também evita a sedução dos homens. Então uso do véu é para proteção e liberdade daquelas mulheres, que o usam. Pode ser sinal de santidade, segundo os estudos realizados sobre as mulheres e o uso do véu (RICARDO, 2012).

Durante um longo tempo, a condição das mulheres Islâmicas foi ignorada. No entanto, quando chegaram ao ocidente, outras culturas começaram a fazer as análises sobre essas mulheres, conforme o etnocentrismo da cultura religiosa ocidental, considerada por eles como a única certa.

Os estudos realizados sobre as religiões do livro remetem a repensar suas culturas, tradições e memórias, de sua crença, registrados por fatos históricos. A fim de reorganizar e analisar os acontecimentos do passado, ou seja, para consertar os erros cometidos.

No contexto atual, a religião Islâmica recebeu algumas influências da contemporaneidade. Muitas mulheres optaram por vivenciar a escritura sagrada do

Alcorão.

O ato de cobrir o corpo não faz das mulheres Islâmicas diferentes, e sim é a maneira particularizada de respeito a si mesma, e para evitar olhares pecaminosos sobre seu corpo. Alá com sua imensa misericórdia sugere que as mulheres de crença Islâmica cubram o corpo para evitar molestadores.

O uso do véu muitas vezes é confundido como forma de submissão ou de crença enraizada nos acontecimentos dos séculos passados, que algumas vezes é visto como algo estereotipado. Pode até ser, mas no olhar dos ocidentais modernos e outros povos, que desconhecem a verdade sobre as mulheres Islâmicas e sua fé monoteísta.

Para que serve o véu nos tempos modernos? Porque as mulheres Islâmicas ainda se submetem ao costume do uso do hijab? E por que ainda no século XXI existem pessoas que pensam que as mulheres seguidoras do Islã são submissas aos homens? O uso do véu em pleno século XXI se tornou algo incomodador ao feminismo e ao machismo, mais isso para as crentes do Islã, só as fazem mais fortes e diferenciadas em sua crença e fé.

No Egito no século XVII, o uso do véu já era prática comum entre as mulheres egípcias, como se fosse uma forma de status, mas aquelas que não usavam, pertenciam a uma classe social inferior. Então, nem todas as mulheres usavam o véu.

Neste mesmo período as mulheres Islâmicas usavam o véu como autenticidade, pois o véu não é de origem Islâmica, mas foi à primeira religião a adotar o véu como forma de difundir sua crença religiosa. Houve um tempo em que o véu foi visto como forma de opressão, ou seja, às vezes, ainda é a visão do Ocidente sobre as mulheres Islâmicas, que usa este símbolo tão importante para identificar a religião e a liberdade (ARMSTRONG, 2001). Outro trecho do Alcorão pede:

Dize às crentes que recatem seus olhares, conservem seus pudores e não mostrem seus ornamentos, além dos que (normalmente) aparecem; que cubram o peito com seus véus e não mostrem seus ornamentos a não serem para seus esposos, seus pais, seus sogros, seus filhos, seus enteados, seus irmãos, seus sobrinhos, às suas mulheres, suas servas, seus criados livres das necessidades físicas ou crianças que não atingiram

a puberdade; que não agitem seus pés para que chamem a atenção sobre seus ornamentos ocultos. Ó crentes, voltai-vos todos, arrependidos, a Deus, a fim de que vos salveis! (ALCORÃO 24; 31).

Então o uso do véu<sup>34</sup> ("hijab" no Islamismo) vai além de um simples pedaço de tecido enrolado na cabeça da mulher. Ele é o símbolo de respeito a seus familiares, ocultando sua beleza e para que não atraia os olhares maldosos sobre sua formosura, isso mostra a fidelidade à crença religiosa.

Nos séculos remotos o uso do véu era considerado um símbolo de orgulho para a mulher Islâmica. Houve uma época em que o véu era um símbolo de repressão feminina, mas havia outros fatores que isolava ou identificava as mulheres.

As mulheres do povo beduínas dos séculos passados, o uso do véu era permitido somente às mulheres consideradas bonitas, elas sim poderiam cobrir o rosto com o véu, era a forma de evitar que essas mulheres fossem raptadas ou desejadas por homens de outras tribos.

O uso do véu não é um apetrecho obrigatório de uso entre as mulheres do Islã, esse "pedaço" de pano é algo de escolha, em usá-lo ou não, mais as mulheres que usam se sentem confortáveis, com identidade pessoal, relata valores religiosos e são protegidas com o uso do adereço sobre o corpo.

O hijab pode ser visto como símbolo de status e não de crença, é o caso das mulheres Afegãs. "Assim, por exemplo, a condição da mulher no Afeganistão, que está condenada a ficar reclusa dentro de casa". Na Península Arábica era obrigatório o uso do véu para todas as mulheres das tribos Beduínas, isso antes do século VII, ou seja, antes da aparição do Anjo Gabriel ao Profeta Mohammad (HADDAD, 1982).

A discussão maior é se o uso do véu é algo de obrigatoriedade, ou é algo de escolha em usa-lo da mulher? Não posso ser tão ingênua de não acreditar que

---

<sup>34</sup> A questão do "hijab" ou véu islâmico é um ponto polêmico para os que não são muçulmanos (e até para alguns muçulmanos). Em primeiro lugar deve-se definir o uso do termo "véu islâmico". A definição de "hijab" ou véu islâmico adotado aqui seria a cobertura de todo o corpo da mulher com exceção do rosto e das mãos. Ó Profeta, dize a tuas esposas, a tuas filhas e às mulheres dos crentes que (quando saírem) se cubram com suas "jalabib" (ALCORÃO Surata 33; 59).

ainda existe opressão por parte da família, da sociedade aos crentes do Islã, as mulheres que seguem a doutrina Islâmica, mais algumas se recusam usar o hijab, (lenço é retangular e também pode ser colorido, enfeitado com pedrinhas, com estampa de oncinha, também no gosto de quem usa).

Esses lenços recebem vários nomes: Shayla, Al-Amira, Hijab, Chador, Niqab, Burqa e Khimar, os lenços ou véus são usados pelas as mulheres que confirmam os princípios da religião Islâmicos, mantendo viva a origem do uso do véu. No Líbano, por exemplo, quase nenhuma das mulheres Islâmicas usa o Hijab. O adereço pode ser visto por algumas pessoas como algo de estranheza e para outros já se torna algo de beleza.

O uso do véu para as mulheres sempre foi uma obrigação unânime ao longo dos séculos. Escritos dos Santos Padres já dão notícia dessa disciplina e a própria Sagrada Escritura. Essa tradição continuou ao longo de toda a Idade Média, nos escritos de Santo Agostinho, ainda que ele não tenha se manifestado enfaticamente sobre o tema (RICARDO, 2012)

Portanto fica claro que o uso do véu era comum de se usar antes do surgimento do Islã. Na igreja católica, o uso do véu representava o respeito à mesa do Senhor, hoje não existe mais a obrigação canônica do uso do véu nas igrejas, o uso do véu pode ser visto como disciplina religiosa e não obrigatória, cabe a cada mulher usar ou não esse apetrecho, o véu pode ter sido usado para a santificação de várias mulheres.

Diante do mundo secularizado e imodesto, este pedaço de pano, usado por algumas mulheres, deixou de ser significado de religião, fé, obediência e liberdade. O uso do véu pode representar a liberdade da mulher que o usa e a faz diferente diante da modernidade do mundo, mesma que tenha que enfrentar alguns preconceitos.

Na Congregação Cristã do Brasil, nos dias atuais as mulheres se apossam do uso do véu, seguindo as doutrinas, “Ao usar o véu para cobrir a cabeça, a mulher estará alegrando a Deus e a Cristo, dando glória a si mesma por respeitar a autoridade divina” (CORÍNTIOS 11; 1-12). Na igreja católica antes do Concílio Vaticano II o uso do véu durante as missas era tradição.

Penso que existem interpretações errôneas sobre os porquês do uso do hijab. No cristianismo este costume foi banido da obrigatoriedade há séculos atrás, e no

Islamismo se tornou algo necessário e sagrado aos olhos dos crentes. Nem sempre este adereço feminino é tratado de maneira respeitosa e “normal”. Em alguns países do mundo usar o véu significa abuso.

O Parlamento da Dinamarca votou nesta quinta-feira (31) uma lei que proíbe o véu islâmico integral (seja a burca, seja o niqab), em espaços públicos do país. Uma medida semelhante já está em vigor em outros países europeus, como França ou Bélgica. "Qualquer pessoa que, em um local público, usar uma vestimenta que oculte o rosto, pode ser multada", afirma o texto da lei dinamarquesa. A medida foi aprovada por 75 votos contra 30. O projeto, apoiado pelo governo de centro-direita, também teve a favor as duas primeiras forças políticas no Parlamento: os social-democratas e o Partido do Povo Dinamarquês (populista anti-imigração).

A reportagem afirma o quanto esta se tornou difícil usar o hijab em lugares públicos em alguns países europeus, aqueles que desrespeitarem a lei serão punidos pagando multas. Como podemos falar de liberdade e direitos, onde as pessoas ignoram as escolhas do outro. Em alguns países esses direitos são garantidos e protegidos e em outros países se tornam lei ríspida.

A privação do uso do véu é preconceito, discriminação e censura a sociedade. As mulheres do passado já tiveram o véu como maneira de respeito à crença, posição social, santidade, mais nunca na história o hijab foi tão questionado pelas culturas atuais.

A escolha pelo uso do véu nada mais é do que o respeito às sharias Islâmicas ou de liberdade religiosa. O quanto é contraditório, no passado boa parte dos países Europeus usavam o véu, com intenção de reafirmar a fé daquele povo. Lutar pela liberdade não é algo somente das mulheres Islâmicas, a opressão e a submissão de encontra presente no mundo feminino e masculino (OLIVEIRA, 2001).

Quando o profeta Mohammad afirmou a fé monoteísta, ele se tornou o primeiro disseminador do Islamismo, assim, a prática de “mutilação” ao órgão sexual feminino e masculino foi banida do mundo islâmico, por um tempo, a prática de mutilação “ainda” acontece no século XXI, em algumas sociedades de crença Islâmicas. As mulheres são as que mais são discriminadas e oprimidas (SAADAWI, 2002).

O véu tem significado imensurável para algumas mulheres Islâmicas, o respeito e a liberdade, também é a maneira de não chamar atenção aos olhares dos

homens para si. O véu islâmico é um dos símbolos religiosos “mais” significado dentro da doutrina Islã, este adereço identifica quem são as mulheres e o elas representam no campo religioso Islâmico.

No caso do homem, o uso do turbante, funciona como se fosse o limite entre o homem e Deus, indicando sua obediência a Alá. Ele deve ser usado na hora das orações, como tapete para forrar o chão ao recitar as orações do alcorão em veemência a Alá, a posição de inclinar o corpo em direção a Meca, também é uma forma de respeito e veneração ao Deus.

Toda mulher que reza ou profetiza de cabeça descoberta, desonra a sua cabeça; é como se estivesse de cabelo rapado. Por isso, se a mulher não quer por o véu, que corte os cabelos. Mas, se é desonroso à mulher ter os cabelos cortados ou rapados, que ponha o véu. O homem não deve cobrir a cabeça porque ele é a imagem e o reflexo de Deus; a mulher, no entanto, é o reflexo do homem. Por que o homem não foi tirado da mulher, mas a mulher do homem. Nem o homem foi criado para a mulher, mas a mulher para o homem. Por isso a mulher deve usar na cabeça o sinal de sua dependência, por causa dos anjos (I CORÍNTIOS: 11; 3 - 12).

Na Bíblia Sagrada do Cristianismo também se fala do uso do véu, mas não da maneira geral como se encontra escrito nas Suratas do Alcorão. Então o uso do véu nada mais é do que uma forma de mostrar que somos imagem e semelhança de Deus, que a mulher foi retirada da costela do homem para mostrar igualdade, o costume de cobrir a cabeça seria a obediência ao Senhor (NABETO, 2017).

Portanto, o uso do véu pode ser interpretado de maneiras distintas. Primeiro por aqueles que nasceram na memória cultural e religiosa, onde Alá é o único Deus verdadeiro, depois por aqueles que não conhecem a doutrina, a cultura, os costumes, as crenças, os ritos, os mitos e os símbolos da religião Islâmica. O não conhecimento dos princípios do uso do véu pode ser visto como opressão ou omissão dos fatos, pois no monoteísmo islâmico a crença em um Deus benevolente e misericordioso.

As mulheres islâmicas têm conquistado seu espaço e direito em alguns países, que ainda é tradicional às crenças islâmicas. O direito da mulher árabe em conquista do direito de dirigir, diz uma notícia recente (BBC, 2017).

Sete coisas que as mulheres sauditas não podem fazer mesmo após alcançarem direito a dirigir. Com o decreto publicado na terça pelo rei da Arábia Saudita, o país poderá deixar de ser reconhecido como o único do mundo onde as mulheres não têm direito a dirigir um carro. "Conseguimos"

ou "começamos de baixo, agora estamos aqui", publicaram dezenas de mulheres sauditas nas redes sociais depois de receber a notícia, que também foi celebrada por governos e organizações defensoras dos direitos das mulheres ao redor do mundo. Entre as coisas que as sauditas não podem fazer sem a permissão de seu "guardião homem" ou tutor (em geral, algum homem da família, como seu pai ou marido), estão sete: Solicitar um passaporte, Viajar ao exterior, Casar-se, Abrir uma conta bancária, Começar alguns tipos de negócios, Passar por uma intervenção médica, Sair da prisão depois de cumprir a pena, Rígido sistema de tutela restringe a liberdade das mulheres sauditas. (BBC, 2017).

A reportagem acima indica o direito conquistado pelas mulheres da Arábia, em poder dirigir carros pelas ruas, pois a Arábia era o único país onde ela não tinha a liberdade de ser sua própria motorista.

A mesma coisa é o uso do véu, o direito de usar ou não é da escolha da mulher Islâmica, mais mesmo tendo conquistado o direito de dirigir, há outros direitos que as mulheres Árabes precisam conquistar em prol de sua liberdade. Ainda sim, as mulheres de origem Árabe e islâmicas não se sentem submissas, como o ocidente e outros países do mundo pensam.

A Surata 33 e 36 do Alcorão reafirma a igualdade do homem e da mulher, confirma que aquele que clama por Alá receberá grandiosas recompensas. Também o homem que respeita o Senhor seu Deus, protege as mulheres das tentações do mundo.

A desigualdade entre os sexos no século VII estava relacionada à sociedade patriarcal e de organização escravista, em que as mulheres eram relegadas a mercadoria, era como se fosse propriedade de domínio do marido e da família, a poligamia também desvalorizava as mulheres, pois os homens poderiam ter quantas mulheres desejasse; neste período as mulheres do Islã não tinham direito algum. A igualdade a qual se refere esta relacionada à lei divina (ALCORÃO 49, 13).

As mulheres Islâmicas creem que ocupam o lugar adequado na religião e na sociedade, sem "muitos" questionamentos sobre direitos e deveres, pois é a vontade do Deus único, Alá. Sendo Maria, mãe do profeta Jesus como exemplo, que disseram sim a Deus para toda sua vida. Sendo assim, a cultura e a religião se encontram unidas, por que, ambas pregam seus ensinamentos considerados corretos e verdadeiros (MORSS, 2003).

Os conflitos ou ataques terroristas ocorridos no contexto mundial não devem ser generalizados, dizendo que os ataques de bombas e com uso de outros arsenais

bélicos são feitos por Islamistas. São pessoas que os cometem atrocidades, contra a humanidade, e ainda, se declaram Islã, mas essas atitudes de violência contraria toda a doutrina Corânica (CHALITA, 2017).

#### 2.4 As Mulheres nos livros sagrados

Assim relaciona Alá aos princípios da literatura do Alcorão que regem a crença Islâmica e o conformismo das Mulheres Islâmicas, em seguir suas vidas sem questionar a vontade de Alá. O papel de ser boa esposa e mãe, para que mantenha o equilíbrio na comunidade e a fé viva em Alá. A concepção da crença em Deus pode explicar por que os Islâmicos expressam a fé em rituais de maneira decorativa.

Os crentes Islâmicos recitam o Alcorão de maneira aprendida, repetindo, palavras uma, a uma, na língua original, árabe (Isso é uma das particularidades da Religião Islâmica).

O Islã estabelece um código de conduta, que é o próprio Alcorão. Para os sunitas, além do Alcorão, a Suna, na qual os *hadiths* ditam o comportamento do Profeta e de seus ditos. A *Sharia* é a lei islâmica que rege o comportamento e nela os sábios vão buscar fundamentação para qualquer tipo de conduta: alimentação, vestuário, casamento, sexo, prática religiosa e outros. "Os acontecimentos históricos fizeram com que as religiões, como o cristianismo e o judaísmo, separassem a ordem religiosa e econômica, mas isto não ocorreu no Islã, pois ainda hoje os empréstimos bancários a juros são proibidos e, portanto, é formalmente vedada a especulação financeira." "Quem empresta dinheiro à outra pessoa e recebe de volta o montante que emprestou mais uma taxa de juros sabe que está procedendo contra a Lei corânica" (PACE, 2005).

As mulheres islâmicas ao saírem de seu local de origem precisaram levar consigo a conduta do Alcorão, que rege como comportar. Muitas vezes, elas se deparam com novidades nunca vivenciadas, mas alguns costumes são impossíveis de serem esquecidos ou deixados para trás. Quando se crê piamente, isso gera certo desconforto pessoal a essas mulheres, pois existem olhares desaprovadores a maneira de viver por aqueles que desconhecem seus costumes. As leis Islâmicas divergem de outras crenças.

Na contemporaneidade, o islamismo tem propagado pelo Ocidente, que vem arraigado de valores, que pode ser um "problema", para aqueles que desejam manter seus ensinamentos baseados no Alcorão e as leis Sharias,

pois seus princípios religiosos são distintos aos do Ocidente, mas postula esses valores, com intenção de resolver os conflitos daquela região, que ressaltar o estado laico e democrático (HUNTINGTON, 1996).

A religião Islâmica tem se modificado quando deixam adentrar as interferências etnocêntricas do mundo contemporâneo. Algumas mulheres que creem em Alá se mantem firmes na crença Islâmica, ainda tem as tradições religiosas viva na fé e na base da bacia semântica da religião monoteísta. Aqueles que decidem por viver a crença baseado nos princípios Corânicos acabam por enfrentar algumas barreiras, passando por preconceitos e criticas.

A apologética<sup>35</sup> Islâmica incomoda o desconhecedor do assunto, principalmente quando se trata do crente Islão que “tenta” cumprir todas as Sharias que são “impostas” a crença da religião Islâmica. A religião, a cultura e a vida estão interlaçados a história do povo. Assim os Islâmicos e outras religiões mantem vivas as crenças ao princípio da origem, é o caso da religião Islâmica, que tem rompido vários séculos, sem permitir que a evolução da modernidade interfira em seus costumes religiosos.

As mulheres de crença Islâmicas também tiveram influência na política da cidade de Meca após a morte do Profeta Mohammad. A figura de Khadija tinha significativa representação na política local, pois ela era mercadora, mas quando Mohammad ainda estava vivo e A'isha após a morte do Profeta. Mesmo elas não podendo ocupar o cargo de Califado, tiveram influencia (PACE, 2005)

Também na Igreja Católica, bom lembrar, nenhuma mulher pode ocupar o lugar do sacerdócio. De forma que não foi diminuída a importância das mulheres no contexto religioso (PACE, 2015).

No Islã não existe controle sobre o sistema sócio - religioso institucional, muitas vezes é questionado pelo o crente não a obrigatoriedade em frequentar as Mesquitas, basta seguir os cinco pilares, fazer as cinco orações ao dia e praticar a solidariedade, pois o Islã não tem subscritos os sacramentos. Essas particularidades podem dificultar o entendimento da fé Abraâmica (DOUGLAS, 1998).

---

<sup>35</sup> Apologética, discurso de defesa, justificativa, ou louvor de algo, especialmente a uma doutrina, ação e obra. Apologética Cristã é simplesmente apresentar uma defesa básica da fé Cristã e da verdade Cristã àqueles que delas discordam.

As mulheres de civilizações e religiões antigas, também foram desprezadas e ignoradas pela sociedade a qual pertencia. Na Grécia antiga, as mulheres, não tinham nenhum direito garantido e ocupava sempre o lugar de inferioridade na sociedade.

Então o que lhes restavam era a prostituição, os casamentos se tornavam raros nessa época. Os homens não sentiam necessidade de constituir famílias, havia a facilidade de se ter várias mulheres ao mesmo tempo, a prostituição aquecia o mercado local, mais as mulheres representavam o caos da sociedade Grega.

Na civilização Romana, o homem tinha total poder sobre as mulheres e a família, sociedade de educação patriarcal, o marido tinha o direito de tirar a vida da própria esposa, a personalidade da mulher era negada pelo governo. Vista como pessoa inútil, ou desprovida de inteligência, após o casamento, o marido se tornava dono da esposa, podendo fazer dela o bem quiser. Com a modernidade e o avanço das civilizações os direitos das mulheres foram retomados (MENDES, 2006).

Nas religiões esse processo de mudanças em relação aos direitos das mulheres tem sido lento e em alguns grupos religiosos dos direitos das mulheres ainda se encontram arraigados na memória histórica. No hinduísmo quando a mulher ficava viúva era queimada viva, ou se tornava propriedade da família do marido, o homem tinha o direito de fazer o que quiser e a esposa deveria concordar com tudo, sem reclamações (HAMMEDEH, 2016).

No Budismo a presença das mulheres significava a presença do demônio e elas cegavam a visão do mundo. No judaísmo as mulheres estavam inseridas no mundo da maldição e era responsável por toda a desgraça do homem e a degradação da sociedade.

No cristianismo a mulher se tornou responsável por todo o pecado do mundo, quando desobedeceu a Deus no Jardim do Éden (GENESIS 3, 12). Somente na modernidade, a mulher tem reconquistado os mesmos direitos dos homens garantidos por lei, e os direitos que estão registrados nos livros sagrados das religiões.

## 2.5 A expansão do Islamismo além Oriente e a secularização da fé

A expansão do Islamismo pelo mundo tem sido alvo de preocupações e discussões em variados centros acadêmicos, nos simpósios, em palestras, nas conferências, nos meios de comunicação escrita e mídia.

Já há mais de um bilhão de muçulmanos no mundo. O islamismo ultrapassou o catolicismo em número de fiéis em 1986 e continua a crescer. Nesse ritmo, deverão ser 1,1 bilhão de crentes no ano 2000. O número de adeptos aumenta inclusive em áreas tradicionalmente cristãs, como na Europa, África Ocidental e Estados Unidos. E até no Brasil. Há muitas razões para essa explosão. Como você verá nesta reportagem, as taxas de natalidade nos países Islâmicos são altas. Depois, o materialismo crescente da civilização moderna intensifica, segundo os estudiosos entrevistados pela SUPER, a busca de espiritualidade e transcendência, multiplicando seitas e religiões, desde as evangélicas à Islâmica. Além disso, a filosofia do Islã tem carisma próprio: ela se propõe como síntese do judaísmo e do cristianismo, pregando ética, tolerância e responsabilidade social (ARNT, 1997).

A religião islâmica tem se expandido. O Islamismo tem mantido muitas de suas tradições, a sua cultura, seus costumes, crenças e ensinamentos. Buscam seguir as regras do Alcorão em outro contexto. A taxa de natalidade nos países Islâmicos é bem elevada, mas há o aumento pela busca da espiritualidade e transcendência, o que tem contribuído para aumento dos adeptos a crença Islâmica. O Islã tem carisma próprio, prega a solidariedade, a caridade, a ética e a tolerância religiosa.

O gráfico abaixo do IBGE (2010) mostra o crescimento do Islamismo, no intervalo do ano de 1991 à 2010. O aumento foi significativo, pois o Brasil ainda é o país de predominância católica. Nesse espaço de tempo a população dos crentes Islâmicos cresceram 29%, durante os dez anos, mas o desenvolvimento nos Estados brasileiros se expandiu de maneira diferenciada.

A maior porcentagem de concentração dos crentes Islão se localiza no Estado de São Paulo 42%, na região Sudeste do Brasil. Pode ser porque é o Estado brasileiro de maior concentração populacional, o Estado do Paraná 25%, localizado na Região Sul do Brasil, também cresceu de maneira significativa.

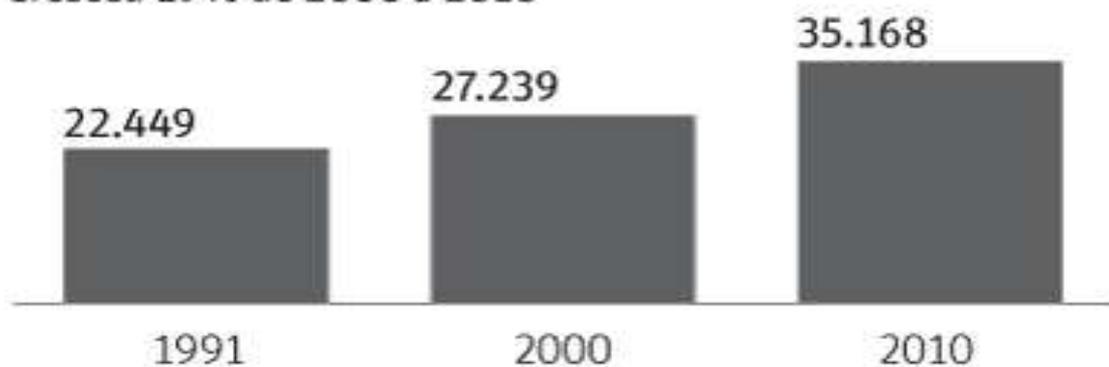
A concentração de 67% dos Islâmicos vive nesses dois Estados no Brasil. Na cidade de Foz do Iguaçu, a população Islâmica é de 2,2%. Essa expansão não se

concentra apenas nestes três Estados brasileiros citados, outros Estados brasileiros já abrigam comunidades Islâmica, como o caso do Estado de Goiás.

## O ISLAMISMO NO BRASIL

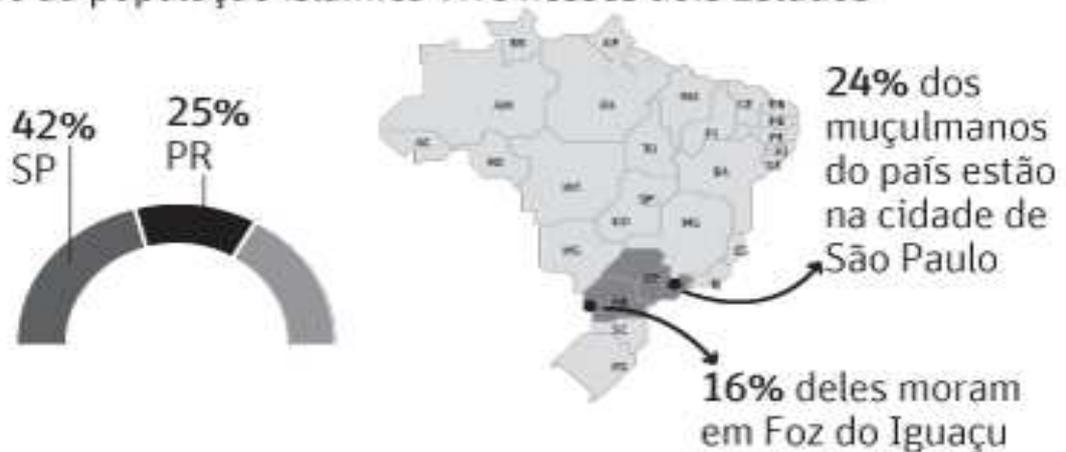
### POPULAÇÃO MUÇULMANA

Cresceu 29% de 2000 a 2010

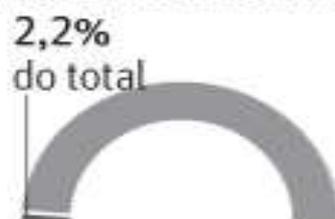


### EM SÃO PAULO E NO PARANÁ

67% da população islâmica vive nesses dois Estados



### COMUNIDADE ISLÂMICA EM FOZ



População total  
256.088  
Comunidade islâmica  
5.599

Fonte: Censo de 2010 do IBGE

A secularização, na condição pós-moderna, no entanto, é a filosofia de vida do indivíduo, que prioriza o agora em detrimento do que é eterno, é viver o agora sem pensar o depois. O século XXI é marcado pela modernidade líquida (BAUMAN, 2001), de forma que nada é pensado ou planejado, sem compromisso com futuro, e o que vale é o agora; deixando de lado a desvalorização da pessoa humana, o indivíduo se torna algo descartável (CAMPANINI, 2010).

No mundo atual, existem movimentos crescentes que anulam a presença do sagrado, ignorando a Deus, substituindo-o pelo secular, ou seja, por algo que é mais interessante aqui e agora.

A condição pós-moderna representa uma fase ulterior à do processo de secularização, a fase na qual a própria experiência da secularização já está esgotada. O pós-moderno caracteriza-se pela ausência daquelas oposições fortes das quais a tese da secularização tomava vigor. [...] Noutras palavras, a sociedade pós-moderna seria uma sociedade pós-secular na qual a ênfase no *trend* secularizante foi finalmente deixada de lado, permitindo perceber numerosos fenômenos da dessecularização. (MARTELLI, 1995, p. 18).

A secularização é um processo de modernização, transformando aquilo que é urgente. O que importa, na secularização é curtir o agora da vida e se divertir sem limites, ou culpas. A secularização traz contentamento às alternativas do momento presente, sem nos importar com as promessas de satisfação do pensamento futuro (MARTELLI, 1995).

O Ocidente propaga a política laica e democrática, sem interferência religiosa, mais são apenas uma façanha na fala, os estados ocidentais, estão distantes de serem laicos. O Islamismo deixou de ser uma crença, e passou a ser um sistema político e social de um povo. O Islã não é apenas a lei de Alá, também é a lei do estado, pois esse mesmo Alá político é aquele que rege a sociedade religiosa (JOMIER, 1993).

Para que implante a democracia entre os povos Islâmicos é necessário sanar os problemas dos conflitos do Oriente Médio, que envolve os crentes Islamistas, o poder petrolífero, domínio de terras e canais portuários, são muitos os motivos que fazem com que essa gente se mata. Ainda no século XXI acontecem guerras declaradas santas ou em nome de Deus.

2.6 As Mulheres e homens se aproximam das religiões monoteístas

A condição das mulheres Islâmicas é assunto de controvérsias. No ocidente a visão dos muçulmanos esta relacionada ao que a mídia sensacionalista mostra ao telespectador, tornando uma ameaça da crença Islâmica e as posturas das mulheres em estereótipos (MUNIZ, 2019).

O modelo globalizado reforça todas essa negatividade, sobre a vida e a fé dos muçulmanos. A ideia de que a mulher Islã não tem os mesmos direitos do homem, esta ligada a hegemonia oriunda do modelo capitalista de imposição e pela concepção individualista do sistema.

A discussão em torno dos povos e da crença Islâmica se depara a questão de como vivem algumas mulheres que decidiram enfrentam as diferenças atuais e se manter firma na fé, sem nem mesmo se sentirem excluídas ou diferentes contextos moderno do século XXI.

Ó profeta, dizei a vossas esposas, vossas filhas e às mulheres dos crentes que quando saírem que se cubram com as suas mantas; isso é mais conveniente, para que se distingam das demais e não sejam molestadas; sabeis que Deus é Indulgente, Misericordiosíssimo (ALCORÃO 33, 59).

Refletindo sobre a fala do Profeta Mohammad em relação ao ato da mulher de cobrir o corpo, existe a intenção de resguardar o corpo; é também a forma de dizer ao “mundo” sou Islã, por isso uso o hijab, a veste de respeito a Alá e à própria família.

A chegada do Profeta Mohammad mudou a condição da mulher na sociedade, assim lhe fora oferecida o mesmo direito entre o homem e a mulher.

37 Quanto aos muçulmanos e às muçulmanas, aos fiéis e às fiéis, aos consagrados e às consagradas, aos verazes e às verazes, aos perseverantes e às perseverantes, aos humildes e às humildes, aos caritativos e às caritativas, aos jejuadores e às jejuadoras, aos recatados e às recatadas, aos que se recordam muito de Deus e às que se recordam d'Ele, saibam que Deus lhes tem destinado a indulgência e uma magnífica recompensa (ALCORÃO 33, 35).

Nessa passagem do Alcorão, fica esclarecida a igualdade entre os sexos opostos, e o amor de Alá para os seres humanos.

A difusão da cultura pelos cinco continentes contribuiu para a miscigenação de costumes e crenças religiosas. Análises preconceituosa sobre o modo de vida de

alguns povos, pois o que é fé e crença em alguns lugares em outros, isso é desconhecido e mostrado na maioria das vezes pela mídia Ocidental, o sistema econômico, político, alimentação, vestuário, social, normas, regras, costumes, crenças e os direitos se divergem entre as mais distintas culturas (LARAIA, 2013).

A religião, não seria o local em que os conceitos e costumes iriam se cruzarem e interagirem de maneira harmoniosa, pois é nesse campo, onde as divergências nítidas e reais. No entanto a herança cultural do povo se desenvolve, conforme os anos se passaram e a cultura esta relacionada com sistema dos padrões de comportamento social, que rege as comunidades religiosas que representa a porção mínima da sociedade.

As anomias culturais existem entre familiares, imagina quando nos referimos à cultura em nível global, no mundo feminino e nas mais variadas crenças existentes espalhadas pelo planeta Terra (LARAIA, 2013).

Ao nos referir as proibições das mulheres Islâmicas, é preciso retomar as tradições e a memória exerce o papel importante na espiritualidade da religião Islã, são proibidas o uso do álcool, tomar dinheiro emprestado, fazer qualquer tipo de apostas. Nos dias atuais na Arábia Saudita, tudo isso não é permitido, pois esses costumes estão arraigados na bacia semântica dos Islâmicos (MARTELLI, 1995).

Para o Islão que deseja manter viva a base da religião, a Sharia Islâmica é rigorosa. Apesar da discriminação relacionada às mulheres muçulmanas, ela é a célula elementar na sociedade e na família. A mulher mãe é responsável pela educação dos filhos e os valores que são impregnados aos crentes Islão, pois se as Mulheres Islâmicas se tornam responsáveis a colocar na sociedade, homens e mulheres do bem. No entanto o respeito às mulheres se encontram ligados aos princípios Corânicos. Esse modo de se comportar da sociedade Islã, incomoda a cultura Ocidental, a fé Islâmica esta ligada diretamente as Sharias e a vontade de Alá (HAMMADEH, 2016).

Todos são iguais aos olhos de Alá. Compreender o conjunto que rege a religião Islâmica, antes de fazer qualquer tipo de critica, porém não é correto criticar o desconhecido, ou somente comentar informações dadas pela mídia, ou até mesmo por outras religiões, as criticas devem ser fundamentadas em referências verídicas (JOMIER, 1993).

Os descasos das civilizações em relação às mulheres nos séculos passados podem ser confundidos. No século XXI os direitos das mulheres se equipararam aos dos homens, mesmo sabendo que em alguns lugares remotos do mundo, ainda existe desigualdade, opressão e submissão ao sexo feminino (JOMIER, 1993).

A luta precisa continuar em prol de igualar os direitos das mulheres, as religiosas do Islã e as demais. Ao usarem a roupa que desejarem, busca se comportar de maneira feliz em relação à escolha de seguir Alá e Mohammad. Então é preciso fazer análise minuciosa dos erros do passado, para não cometê-los novamente.

Alá, segundo o Islamismo, não gosta de ver suas “filhas” sendo discriminadas, pois foram criadas para serem livres e felizes. As leituras realizadas por mim deixam alguns pontos obscuros, esclarecimentos sobre o quanto às mulheres foram discriminadas no passado, não só nas religiões como nas civilizações e percebem-se como as mudanças têm ocorrido de forma lenta e continuada (CHALITA, 2017).

Não cabe ser omissa em acreditar em uma única verdade. Sobre as mulheres do Islã existem muitos direitos a serem conquistados, pensamentos e conceitos que precisam ser reconstruídos, mudados, conhecidos e repensados. Mas não se pode aceitar a visão distorcida que o Ocidente tem sobre o Oriente em relação à “conduta” das mulheres de crença Islâmica.

Apesar de todo sensacionalismo ocidental sobre o modo de vida e da veste das mulheres Islâmicas, essa crença religiosa que mais cresce na atualidade. Os direitos humanos e religiosos podem ser garantidos de maneira igualitária entre os homens e as mulheres de doutrina Islã. As lutas existem e são visíveis. Os estereótipos sobre as mulheres religiosas do Islã precisam ser esclarecidos, principalmente ao olhar do mundo que se pretende globalizado.

O próximo capítulo abordará as análises dos casos das mulheres e homens, a qual me foi oportunizado a conhecer e conversar com homens e mulheres nas entranhas das Mesquitas de Belo Horizonte e na de Anápolis no coração metropolitano de Goiás. Isso foi necessário para enriquecer a consolidação de meus objetivos e justificativos da dissertação.

### 3 AS MULHERES NA RELIGIÃO ISLÂMICA: ANÁLISES DE CASO

O Neste capítulo abordarei análises de casos, visitas as Mesquitas, filmes e documentários sobre As Mulheres na Religião Islâmica, a crença, a oração, a doutrina, o uso do hijab e o modo de vida dos povos Islamistas, as visitas, todo esse processo fez com que o meu olhar de ignorância em relação à crença, mudasse em relação ao povo e as Mulheres na Religião Islâmica, a fé e modo de vestir o véu das mulheres, sobre a escolha de vida, a qual elas fazem, após ter visitado e participado da oração em algumas Mesquitas, e ter tido a oportunidade de dialogar e ouvir, alguns membros, e de ter tido a oportunidade de participar do ritual da oração e a conversa realizada com alguns homens e mulheres da crença Islâmica. Os momentos de contato com os Islâmicos brasileiros foram essenciais para que eu atingisse meu objetivo. Quando realizei as visitas, assisti aos filmes e documentários, minhas leituras se confirmavam e o meu objeto de pesquisa foi desvelado.

Ao realizar a visita ao Centro Islâmico da cidade de Belo Horizonte, minha primeira impressão foi que eles não iriam ser gentis, pelo contrário, foi agradabilíssimo, o lugar se encontra em um bairro nobre da capital de Mineira, Belo Horizonte, no dia doze de Janeiro de 2018. Para que fosse possível a realização da visita ao Centro Islâmico, precisei agendar. O Sheik Motkhtar Elkhal nos recebeu de maneira educada e calorosa, nos relatou várias memórias e tradições sobre o Islã e até fizemos parte da oração às treze horas de uma sexta feira, o dia principal da oração que foi feita no microfone (MARQUES, 2009).

#### 3.1 Visita ao Centro Islâmico de Belo Horizonte, As Mulheres e o Profeta Maomé

O Sheik nos revelou como se deve comportar no momento da realização da oração que é recitada em canto, o mesmo reafirmou que o embrião da Religião Islâmica esta alicerçado nas crenças Judaica e Cristã, foram várias as descobertas e afirmações, de tudo a qual eu li, assisti e observei.

Nos relatos sobre a Religião Islâmica, o Profeta Mohammad e Alá, eles são os guias da conduta do código para a vida do ser humano, com finalidade de guiar

seus seguidores, de volta a bacia semântica, para que os crentes da fé Islâmica, não esqueçam sua origem, de maneira que os crentes dessa doutrina possam alcançar com êxito o paraíso, ou seja, o reino prometido por Deus, desde Abrão e Moisés. Adorar Alá todos os dias da vida é um dos princípios que rege do crente Islão, para que os mesmos não se esqueçam de onde eles vieram e a importância que os crentes têm para Deus. O crente seguidor da Religião Islâmica deve seguir o Profeta Maomé e adorar Alá.

Segundo o Sheik Motkhtar Elkhal (2018), o Islâmico acredita em Alá do Alcorão, reforçar a fé, acreditam que Jesus e Mohammad são mensageiros de Deus. Para que a crença se faça real é necessário ter vida correta, praticar a solidariedade, seguir e respeitar a doutrina da literatura Alcorão. Os islâmicos creem que Jesus nasceu pelo sopro e a vontade de Alá e eles não consideram a versão do nascimento do Jesus do Cristianismo algo verdadeiro.

O anjo Gabriel foi o intermediário entre Alá e Mohammad e Maria à mulher escolhida para ser Mãe de Cristo, agraciada em dá a luz a esse Profeta Cristão, por ser uma Mulher de obediência e escolhida, por Alá. Os Islâmicos relatam que Maria não recebeu a visita pessoal do próprio Deus, como o Profeta Maomé, que foi agraciado com a visita de Alá, em seus momentos de isolamento e dor.

Os seres humanos são limitados e mesmo assim, são agraciados pela presença dos anjos de Deus, devido ao amor infinito que Alá, declara aos seus filhos, mesmo sabendo que são pecadores, Mohammad, conforme a literatura do Alcorão relata que recebeu a presença de Alá, por intercessão do Anjo Gabriel. Essa é a versão do crente Islão em relação à aparição do anjo a Maria e ao Profeta (CHALITA, 2017).

Para os Islâmicos, os Profetas Mohammad e Jesus são irmão e mensageiros de Deus a humanidade. Jesus foi uma exceção entre os Profetas, pois Ele já nasceu com todo o conhecimento de Deus, foi agraciado com a palavra de Alá na barriga da Virgem Maria. Os profetas são seres humanos escolhidos por Deus para disseminar sua palavra, por toda a Terra. Segundo Sheik Jesus foi honrado por ter nascido com toda inteligência humana, já nasceu ungido da graça da sabedoria.

Para os Islâmicos, a diferença é que Jesus já nasceu com palavra de Deus. Portanto o que aconteceu com Jesus não foi diferente do que ocorreu com

Mohammad, porém os anjos enviados a eles são seres de luz, enviados por Deus, com finalidade de proteger e agraciar os seres humanos a confirmação da fé monoteísta, Mohammad e Jesus vieram ao mundo para perdoar os pecados e melhorar a condição de vida daqueles que creem em Alá.

Segundo o Sheik (2018), a posição das Mulheres na Religião Islâmica é de privilégio, pois é da responsabilidade da mulher formar pessoas boas para serem inseridas na sociedade. A mulher foi criada da costela de Adão e Eva foi à única mulher do Paraíso. As mulheres Islâmicas foram contempladas a serem rainhas dos lares e líderes na criação dos filhos.

A base da sociedade, é a família, é responsabilidade das mulheres formarem indivíduos conscientes de seus deveres e direitos, pois são elas que são provedoras da educação dos seres humanos, que serão inseridos na sociedade, e mais tarde serão líderes e homens que conduziram suas nações. Quando as crianças ainda estão no útero da mãe, é lá que se inicia a preparação da educação e do amor a Alá. As mulheres seguidoras e obedientes a Alá creem na doutrina Corânica e nas verdades ensinadas a elas pelo o Deus misericordioso e Clemente (CHALITA, 2017).

O Profeta Mohammad era iletrado e recebeu a graça de pregar a crença monoteísta aos povos politeístas do século VII. No entanto esse mesmo Alá deu às mulheres a graça de cuidar e educar os filhos, para que os mesmos possam colocar em prática o que lhe fora ensinado pela mãe (ELKHAL SHEIK, 2018).

No início dos séculos VII e XVIII as mulheres Islâmicas foram vistas como as causadoras do mal da sociedade. Por anos as mulheres foram responsáveis pelos males e as atrocidades ocorridas entre os grupos. No final do século XVIII é que o código da vida foi criado, e foi garantida pela lei Corânica e a literatura da Surata. Assim foi reinterpretado, o que reforçou os direitos das mulheres, segundo a vontade de Alá.

A doutrina do Alcorão garante os direitos iguais entre o homem e a mulher. Quando as mulheres estiverem grávidas ou menstruadas, elas se encontram isentas das orações, pois são consideradas impuras para realização das orações, no período do Ramadã também.

O Sheik Motkhtar Elkhal (2018), do Centro Islâmico de Belo Horizonte, nos revelou algo particular, que é proibido usar a mão direita para limpar as partes íntimas, após defecar, pois é com essa mão que o Alcorão deve ser manuseado, seria um afronto folhear o Livro sagrado com mesma mão que limpa as impurezas do corpo. Então os Islâmicos são treinados a realizar a tarefa da higiene com a mão esquerda, pois é com a mão direita é que se deve abrir e passar as folhas do Alcorão, que para os crentes Islâmicos é um livro Sagrado d extremo respeito ao usá-lo.

Torna-se desrespeitoso o manuseio do Livro Sagrado do Islã de maneira qualquer e para folheá-lo é preciso estar limpo e puro, essa lei foi deixada por Maomé, a seus seguidores. No entanto deve lavar as mãos, os pés e o rosto por três vezes, antes de pagar o Alcorão.

Segundo o Sheik (2018), os seguimentos das doutrinas Corânicas estão alicerçados nos ensinamentos das primícias de Abrão e do seu primogênito Ismael. A ordem de Alá foi clara, a adoração a Deus é algo obrigatório, na sustentação da vida do ser humano e na retidão das coisas espirituais e materiais.

A referência de fé para Mohammad era a mesma do Profeta Abraão, patriarca do povo de Israel, nos séculos passados, de acordo com a Bíblia, Abrão é considerado Pai de todo o crente monoteísta.

Aqueles que creem em Abrão fazem parte da família de Jesus, mais foi preciso que Maomé fosse a Meca, com finalidade de renovar a sua fé religiosa, que se encontrava fragilizada. A peregrinação a Meca ficou registrada como obrigatória àquele que crê em Alá, a visita a Meca pelo ao menos uma vez na vida, isso foi dada ao crente Islâmico como obrigação, que se tornou um dos pilares da Religião (PURIS, 2002).

Quando as pessoas passam por dificuldades, elas buscam incansavelmente viver a essência da fé Islâmica, seguindo a risca as doutrinas do Alcorão. Geralmente os fervorosos da fé Islã já vivenciaram momentos amargos da vida e por isso se entregam com completude a religião Islã.

No ensino corânico, são na oração que se dá resinificado e sustentação as necessidades da existência humana. Durante a entrevista, por exemplo, o Sheik fez a oração às treze horas e vinte minutos. Colocou a oração no microfone, foi recitada

em forma de canto, foi a Surata dois do Alcorão, que foi recitada nesse dia e pediu que meu marido lesse em português o que estava sendo recitado em Árabe.

Os crentes Islâmicos pregam a solidariedade. O que mudou no Islã do século XXI foram à visão no olhar do mundo sobre a religião, as interpretações fragmentadas da doutrina Corânica pelos membros do estado Islâmico e as riquezas do petróleo concentrado na mão dos gananciosos que ocupam os cargos do governo Islâmico, envergonham os crentes Sunitas Islões (ELKHAL 2018).

O ouro negro, o petróleo representa a arrogância e a falta de Deus na vida daqueles que acumulam riquezas, o que levou a obsessão dos países do Norte, da Europa e do Continente Americano, em relação às riquezas orientais. Os governantes desses países deixam de lado a importância do ser humano, colocando em ênfase as riquezas materiais, como prioridade.

Neste contexto a religião se encontra hibridizada na disputa e no meio da briga, por poder e domínio. A religião Islã acaba por perder a originalidade da fé, por aqueles que ainda no século XXI matam em nome de Alá. Neste sentido a memória da história não tem ajudado muito, com intenção de evitar os erros do passado (BAUMAN, 2001).

As perguntas feitas por mim, direcionadas ao Sheik, as respostas eram, sempre respondidas direcionadas com o olhar fixo ao meu marido. Nunca na minha pessoa. Para eles, é uma questão de respeito a mim que sou mulher, para que os mesmos não pequem. Este comportamento é para não desviar seu olhar de fé, e para evitar cometer pecado contra ao Alcorão e Alá. Para os crentes Islâmicos é uma questão de respeito a mim que sou mulher.

As filhas do Sheik Motkhtar Elkhal (2018), a qual foi realizada minha primeira entrevista estuda em universidades particulares (PUC/MG). Agora uma delas esta tentando doutorado na Inglaterra, a outra faz design de interiores, nessa mesma Instituição de Ensino. Sua família ama o Brasil e os brasileiros. Para o Sheik, o povo brasileiro é acolhedor e humano. Eles foram bem receptivos, a minha visita, até mesmo damos a ele uma carona até o Centro de Belo Horizonte, sendo que o Sheik e sua família moram no Brasil a mais de trinta anos, mas eles têm vontade de irem morar em sua terra natal, junto a seus familiares.

A importância da mulher é tamanha na religião islâmica que toda sociedade depende da educação que o indivíduo recebe da mãe. Faz-se necessário cuidar da mulher, pois é à base da sociedade.

A foto abaixo foi tirada no Centro Islâmico, na cidade de Belo Horizonte, com Sheik Motkhtar Elkhall. A intenção foi de comprovar minha visita ao Centro Islâmico, com finalidade de comprovar meu objetivo geral, e isso foi possível, mediante nossa conversa. O Sheik em nosso dialogo, foi possível comprovar que as Mulheres Islâmicas vivem de maneira livre, os que as levam ao preconceito é o uso do hijab, mais as filha do Sheik fazem Faculdade na PUC/Minas, e elas usam normalmente o véu.



Foto: Elio Fernandes da Cunha, 2018.

O Sheik tem duas filhas, uma delas faz arquitetura e outra esta tentando doutorado fora do Brasil. As dificuldades maiores que as mulheres enfrentam são as piadas e o preconceito em relação ao véu, pois a mídia sensacionalista mostra outra

realidade, mas elas sabem o sentido real de usar esse adereço de obediência a Alá e o as diferencia das demais mulheres do mundo, o véu é tido pelas mulheres como um traje de luxo e beleza.

O Sheik revela que a Surata quatro é destinada às mulheres. O sheik disse que quando eu fizesse a leitura do Alcorão, Deus iria falar comigo através do Alcorão, a revelação iria ocorrer pela compreensão dos textos estudados, e as verdades estão declaradas nas 114 Suratas.

Após as leituras realizadas por mim, a visão sobre a religião Islâmica seria, então, interpretada de maneira diferente. Existem varias pesquisas relacionadas, que comprova a veracidade da literatura Corânica. Portanto não tem como algum ser humano daquela época ter inventado tudo isso. Apesar de que Mohammad ser analfabeto, era bastante sábio e fervoroso na fé, mas esta dúvida de que Deus é invenção do homem, também ocorreu na religião do Cristianismo.

A relação entre um homem e uma mulher é livre. Somente após o casamento a liberdade sexual acontecerá. Fora do casamento não existem relações extras conjugais, conforme a lei dos crentes Islâmicos, se isso acontece é um desacato a Alá. Os direitos dos homens e das mulheres são os mesmos, mas nota-se que a mulher só é proibida de realizar as orações quando ela estiver menstruada. Após o parto também (CHALITA, 2017).

Para o Islã a higiene deve ser feita de maneira externa e interna, tudo deve ser seguido segundo a vontade do Profeta Mohammad e a determinação de Alá. Tanto o homem quanto a mulher tem os mesmos direitos á oração.

Na Religião Islâmica não é permitido o desperdiço, o restante da comida precisa ser jogado aos animais, ou na água, pois existe muita gente passando fome, e o desperdiço não agrada ao Alá, aquele que não gosta de esbanjamento, os filhos dos crentes Islamistas cuidam dos seus idosos, essas atitudes é uma forma de respeito a Alá e de colocar sua fé em prática.

O povo Islâmico Sunita deve respeitar e seguir as orientações dos mais velhos, porque eles têm maior experiência, as orações apresenta o homem a Deus. Por isso as orações se tornam obrigatórias, é a forma de comparecer e confirmar a sua fé a presença de Alá, as orações devem acontecer cinco vezes ao dia, para que o crente Islão não esqueça quem ele é.

Os Islâmicos acreditam primeiro em Alá, depois nos mensageiros e nos profetas. A obediência a Alá deve ser sublime. Para eles, a oração abastece a alma, as cinco orações feitas durante o dia é como se fosse bater o cartão na presença de Deus. Alá sempre quer o melhor para seus filhos amados, a oração é o agradecimento, e deve estar depois de Alá.

O jejum também faz parte dos pilares do islã, tem a duração de trinta dias, conhecido como Ramadan, todo o crente Islão deve participar, somente as mulheres menstruadas, aquelas que acabaram de ter filhos, as pessoas que estão doentes e que são dispensadas de fazer parte desse jejum (DARWICH, 2017).

O calendário do Islão é lunar diferente do calendário Cristão. A diferença é em números em relação ao calendário Islâmico do Cristão, que é gregoriano, essa diferença é de cento e vinte e três dias. No período do Ramadan, todos os crentes Islamistas fazem o jejum, após o término dos trinta dias do Ramadan é comemorado com um grande banquete como os crentes Islâmicos. Só não fazem o jejum, os que não acreditam, ou estão impossibilitados, como já mencionei. Existem pessoas no islão que envergonham a religião disse o Sheik (2018), praticando as atrocidades contra a vontade de Alá.

### 3.2 Reportagem realizada a Mesquita de Anápolis

A reportagem feita pelo jornalismo da TV Anhanguera de Anápolis (feita por Aroldo Naves) sobre a única Mesquita de Goiás, na cidade de Anápolis. A reportagem se refere a um dos pilares da religião Islâmica, o Ramadan, período em que os crentes ficam trinta dias sem se alimentarem e sem beberem nada durante o período do dia. Eles só se alimentam após o pôr do sol e antes da amanhecer, isso ocorre por trinta dias.

As orações do final do jejum acontecem na Mesquita, lugar sagrado e de oração, às mulheres ficam no andar de cima e os homens no andar de baixo. Segundo o Islã, essa é uma forma de respeito, pois este momento de oração precisa ser de plenitude entre o ser humano e Deus, e a mistura dos sexos podem desviar os olhares a Alá.

O período do jejum a Alá tem a duração de um mês. Neste período, os Islâmicos são presenteados por Alá, por isso eles festejam o fim do Ramadan, com grande banquete e oração de agradecimento as graças alcançadas, pois para eles este tempo é de obediência, dedicação, purificação e amor a Alá.

A atitude de jejum aproxima os crentes a Deus. Após o fim do Ramadan, é feita a oração, para dar início ao grande banquete, que será servido, a todos que se encontram na Mesquita. A força recebida para fazer o Ramadan vem de Deus, onde os dias são vividos um de cada vez. A oração é feita para agradecer a Deus que é conduzida pelo Sheik Nasser (ANHAGUERA, 2018).

Ao adentrar a Mesquita, é preciso que as pessoas retirem o calçado, pois se acredita que as impurezas do mundo vêm pelos pés. O mês do Ramadan é o momento de aproximação dos fieis a Alá e ao Profeta, tempo de contemplação e oração. Neste mês aqueles que creem e vivem o Ramadan, devem praticar a unicidade entre os irmãos, não levantar falso testemunho ao outro e de cumprir os mandamentos Corânicos. A confraternização acontece no último dia do jejum, onde todos se reúnem para comemorar as graças recebidas.

Mohammad, era um dos líderes daquela Mesquita, é um palestino que mora no Brasil há mais de cinquenta anos. Para ele o jejum é algo singular, é a relação íntima entre o homem e Deus, só Alá conhece o coração de seus fieis.

Alá dá força aos Islâmicos de viver o Ramadan, para eles os degraus devem ser subidos um de cada vez, esse mês é o mês de alegria. No fim do jejum, o Sheik encerra com as orações em louvor a Alá, e a oração é feita em Árabe, em agradecimento, todos se abraçam em honra a Deus, “louvado seja Alá, Deus do universo”, e ao final todos agradecem e se alimentam, com o grande banquete servido com a culinária Árabe.

### 3.3 Visita realizada a Mesquita de Anápolis, participação da oração

No dia seis de julho de 2018, realizei outra visita ao Centro Islâmico de Anápolis, em Goiás. A visita foi de extrema relevância para minha pesquisa de Mestrado, pois tive a oportunidade de participar da oração feita na Mesquita na sexta feira, às treze horas.

Eu e meu marido chegamos ao local às onze horas da manhã, a qual me foi dada a oportunidade de falar com o Sheik Nasser, que nos recebeu com muita diplomacia. Falamos com vários outros membros da Mesquita e fui agraciada em presenciar o ritual de uma mulher que estava se convertendo ao Islã.

Conversei então com Kadija, que é uma Islâmica que mora no Brasil a mais de cinquenta anos. Indescritível a experiência que me foi concebida pelos membros desse Centro Islâmico. Ela tem seis filhos, a qual apenas uma filha vive a crença Islâmica, ela acredita que em breve os outros cinco filhos irão voltar a Alá a qualquer momento.

O Sheik Dr. Nasser Sahim (2018) é o líder da Mesquita. Nasceu do Egito, doutor em teologia Islâmica e é embaixador do Egito no Brasil. Sua família mora no Egito. Relatou-me a bondade do povo brasileiro, o terreno da Mesquita foi doado por um Cristão. Para ele o ponto negativo no Brasil, é a política e ausência do cumprimento da lei, é o que o deixa triste sobre o Brasil. No mais o país é perfeito, pois não há discriminação e nem guerra.

Para o Sheik, a pessoa já nasce Islâmica e não sabe. Ele gosta de ajudar e não recebe nada em troca. Pratica a humildade, mora em casa simples e se sente amado por Alá, mais isso também se pratica no Cristianismo e no Judaísmo. Precisamos deixar claro que estes critérios se fazem valer apenas para aqueles que creem.

O livro sagrado dos Islâmicos o Alcorão, veio para esclarecer todas as dúvidas daqueles que creem na literatura, também derrubou as angustias e respondeu as dúvidas. Para aqueles que não obtinham respostas humanas, a ausência do conhecimento sobre o homem e sua vida, e o desconhecimento sobre Alá, as respostas se encontram nas Suratas Corânicas. O alcorão neste ambiente é um livro 100% sagrado, e não é um livro de leis (SAHIM, 2018).

Ao visitar a Mesquita, pude presenciar a conversão de uma mulher a religião Islâmica. Ali mesmo foi proferida a fé e o ritual de conversão. A moça estava vestida como hijab, e ela repetia a fala do Sheik. Havia ali outras pessoas testemunhando este ato de fé. As frases do Sheik se direcionavam a renúncia ao demônio, o respeito ao Profeta Mohammad, a Maria mãe de Jesus e o profeta Jesus filho de Maria e o mensageiro de Alá.

A moça que se convertia ao Islamismo repetia a fala do Sheik Nasser “Alá é o maior” por três vezes. O dedo indicador da mão direita ficou levantado ao céu o tempo todo. No final todos os presentes aplaudiram e agradeceram a Alá por mais uma filha convertida.

### 3.4 O Profeta Mohammad e as orações

Toda oração deve começar com elevação a Alá. Mohammad ficou preso na gruta de Hira, porque estava sendo perseguido, por membros de sua própria tribo, que queria mata-lo, ele não estava só, havia outros companheiros em sua companhia, neste contexto acontece à intimidade de Maomé a Alá.

Maomé, após ter saído da gruta de Hira, reuniu um grupo de amigos para fazer oração entre eles, e conta sua experiência, com o Deus monoteísta, no primeiro momento foi criticado por seus amigos, dizendo que estava louco, mas ele não desistiu e persistiu em disseminar sua fé, nem ele sabia que no futuro seria um grande mensageiro, pois no início da anunciação da palavra de Alá, apenas quatro pessoas acreditaram em sua crença monoteísta. No século XXI Mohammad tem mais de um bilhão de seguidores (SAHIM, 2018).

O Islamismo tem superado as mudanças do mundo moderno? No mundo moderno existe uma mutação que vem na contramão das religiões. São doutrinas que vão de contrário à fé. Reproduzindo a história bíblica da cidade de Sodoma e Gomorra, ela foi destruída por meteoros de fogo porque ali reinava o pecado.

Então, Deus com sua infinita bondade resolveu escolher a família de Ló para salvar, mas a condição, era que quando eles saíssem dali, não seria permitida olhar para trás, mas a esposa de Ló, não conseguiu obedecer à vontade de Deus e olhou para trás, e ela se transformou em uma estátua de sal. Isso me chamou a atenção para meu tema, pois as mulheres são consideradas nessa narrativa as que desobedecem. Elas não tinham valores naquelas sociedades, seria a maneira de afirmar sua presença.

No paraíso da Bíblia, já havia a desobediência de Eva a Deus, seguida também pela crença mulçumana. Eva se torna responsável por todo pecado e

desobediência da “Terra”. A queda do “homem” teve início neste paraíso, no Jardim do Éden.

Desde então o ser humano tem se revestido de culpa, e busca incansavelmente pelo perdão, a fim de ter consciência tranquila, e viver livre do pecado. No mundo Islâmico, isso não é diferente, mas para os Islâmicos o pecado aparece na vida da humanidade, após seu nascimento.

Esse é um dos motivos que faz com que eles não acreditem no Jesus cristão que morre na cruz para salvar a humanidade de todas as mazelas. Então, o pecado não inicia no paraíso, e sim quando as pessoas desobedecem à vontade de Alá.

A Surata 42, 37 ensina que a desobediência é que nos leva ao pecado, “E para os que se abstêm do pecado mais grave e das torpezas e que, mesmo em cólera, sabem perdoar” (CHALITA, 2017).

Para os Islâmicos alguns pecados podem ser lavados através do ritual de lavagem obrigatória, conforme deixou escrito o Profeta. Antes das orações direcionadas a Alá, caso não tenha água o ritual pode ser feito com terra.

Então no Islã, a culpa do pecado não é somente da mulher, como se refere à Bíblia. Caso o ritual da lavagem não aconteça, Alá não aceitara as orações. Já para o cristão, o pecado foi lavado pelo sangue do Cordeiro, com a morte de Jesus na cruz (BÍBLIA, 1996).

Os direitos da família estão sendo deixados de lado. Vive-se o livre arbítrio. A vontade do ser humano de viver sua vida conforme sua verdade, A secularização das crenças. Os muçulmanos resistem ao relativismo dos valores não se deixam ser dominados pelo mundo capitalista. Não se vendem aos bens materiais, pois isso pertence à vida mundana (MARTELLI, 1995).

### 3.5 A mídia e o sensacionalismo Islâmico, o mundo globalizado e fé Islâmica

A mídia Ocidental aproveita da fragilidade da ausência da fé das pessoas em mostra-las de modo diferente, a realidade dos Islâmicos. Dessa forma a mídia sensacionalista aproveita das aberrações do estado Islã, para rebaixar o crenete verdadeiro da fé monoteísta Islâmica.

Conforme o Sahim (2018), o Ocidente já esta atolado ao mundo materialista. O indivíduo deixa de “ser” para “ter” e viver para a matéria além da necessidade. O mundo tecnológico pertence ao Islã extremista egoísta. O crente Islã vive a vida centrada na vontade de Deus, quando não se vive a crença, os humanos são lançados às guerras, e isso aquece o mercado armamentista.

No passado as invasões eram por domínio de território. Os idolatras que ainda matam e mataram em nome de Deus, porque não aceitavam a vontade de Deus. Os Coraixitas dominavam a região da Caaba, que foi dada por Abraão aos Islâmicos. Este ponto é da presença de Deus na Terra. O Islã é submissão ao monoteísmo religioso.

O capitalismo globalizado deseja impor sobre as religiões sua doutrina consumista. O mundo da mídia impregna valores imorais sobre as famílias. É preciso obedecer aos pais primeiro, para que se possa amar Alá. Os Estados Unidos deseja impor sobre o mundo o seu etnocentrismo.

A tecnologia e a mídia ignoram os valores familiares tradicionais e impõem sua cultura e costumes, sobre os povos, de maneira imposta, isso esfacela e coloca em cache qualquer crença religiosa. O Islamismo não se deixa adoecer pelo mundo tecnológico e terreno. Sua fé monoteísta o sustenta, sem se deixar impregnar pelas doenças do consumismo globalizado mundial.

O que diferencia as mulheres Islâmicas das outras mulheres de outras religiões? Para o Islã, a mulher é o pilar da família. Ela tem obrigação de ser constante, pois se esse pilar for minado, o Islã deixaria de existir. Isso choca o Ocidente, porque as mulheres brigam por liberdade na maneira de se vestir e comportar na sociedade.

Aquilo que não é visto não é desejado pelo homem. A mulher ao mostrar o corpo, ela atrai o pecado e faz o homem pecar. No Islã só pode ver o corpo da mulher o pai, o marido e os filhos. O Islã quer suas filhas protegidas dos abusos da sociedade. Esse comportamento da mulher Ocidental de independência não é aprovado pela doutrina Islâmica.

Quando a artista global resolve ter um filho independente, isso choca a sociedade muçulmana. No entanto o véu é usado por pessoas que querem ser imaculadas, como exemplo Maria. Eva não era imaculada, porque mostrava seu

corpo. Deus disse a mulher para cobrir seu corpo em respeito ao seu criador, ensina o líder religioso. Maria foi uma mulher imaculada e usou o véu. Hoje Maria está ao lado de Alá.

O uso do véu surgiu na Grécia antiga, como apetrecho de uso no casamento de maneira de surpreender o noivo, não mostrando o rosto antes do casamento. No Egito no século XVII, o uso do véu já era prática comum entre as mulheres egípcias, como se fosse uma forma de status, mas aquelas que não usavam, pertenciam a uma classe social inferior (BRANT, 2015).

O uso do apetrecho do véu também era prática comum, adotado pelas crentes do cristianismo e no judaísmo. Para o islã a mulher é sagrada e o véu uma proteção contra os abusos do mundo.

### 3.6 As Mulheres Islâmicas e orações

As mulheres do Islã são iguais e irmãs. Poucos crentes Islamistas se deslocam para a Mesquita, com a finalidade de realizar as orações. Muitas vezes as orações são feitas em casa, ou onde eles estiverem. O dia de visitar a Mesquita para realizar as orações é na sexta feira e a oração inicia às treze horas.

As orações tem a duração de mais ou menos uma hora e meia. Quando termina a oração, todos aqueles que se encontram na Mesquita participam do almoço. Isso acontece depois das quatorze horas e nós participamos de tudo isso.

A oração é feita em versos ou como uma cantoria no microfone, que espalha a oração pelos arredores da Mesquita. O Sheik de Anápolis conduz a oração e os membros participam com ele. Os homens ficam frente o altar e as mulheres no andar de cima. Isso é para que haja respeito e concentração no momento de falar com Alá. Alguns homens ficam de pé, os mais velhos sentados, outros de joelho, fazendo movimentos de aclamação a Alá.

Existe todo um ritual a ser seguido para realizar as orações, colocam as mãos na orelha, no rosto, colocam o rosto no chão. Eles usam um turbante na cabeça, que representa submissão a Alá. Sempre os crentes do Islã ficam descalços no interior da Mesquita.

Após alguns minutos os membros que ali estavam se reúnem, e o Sheik inicia a oração, que é feita em Árabe. Só que neste dia em especial, a oração também foi feita em Português. Após a oração conduzida pelo Sheik, ocorreu a oração proferida por um membro da Mesquita que foi realizada em Português.

Eles fazem uma homilia destinada ao que esta acontecendo na sociedade. A oração somente é concluída quando o Sheik cumprimenta os membros da plateia. Fica explicito que o Islã prega a bondade, a caridade, à solidariedade aos mais necessitados. Mas existem outras religiões que também praticam essas atitudes de bondade.

### 3. 7 Khadija a mulher nas entranhas da Mesquita em Anápolis

Quando conversava com Khadija, que era membro da Mesquita, ela deu seu testemunho de fé e de serva de Alá. Ela busca seguir o Alcorão a risca, viver a vida conforme a literatura Corânica. Veste a roupa que cobre seu corpo, não mostra nem o tornozelo. Apenas o rosto fica descoberto. Ela não usa esmalte, pois é algo do mundo que atrapalha a penetração da oração a alma.

Khadija mora no Brasil há mais de cinquenta anos, é casada, trabalha fora, dirige seu carro e tem seis filhos. Apenas uma de suas filhas segue a religião Islâmica, mais ela acredita na conversão de seus filhos. Eles são casados com pessoas de outras religiões.

Khadija nasceu na Palestina, no município de Jerusalém, trabalha na feira em Anápolis. Costuma ajudar as pessoas mais necessitadas. As cores de sua roupa também são discretas, para não chamar atenção.

O fato das mulheres fazerem as orações separadas dos homens é uma questão de segurança e obediência a Alá. Além das roupas serem discretas, as roupas deve ser mais largo para não mostrar o corpo e se resguardarem dos olhares pecaminosos. O homem também deve vestir algo que não chama atenção. Ela se diz feliz com tudo que Alá a proporciona.

As mulheres Islâmicas fazem tudo que as mulheres ocidentais fazem, ela diz. Ser Islâmica no Brasil, não a deixa triste, pelo contrário, se diz bastante feliz morando aqui. Ainda hoje por onde passa, Khadija chama a atenção por causa das

suas vestes, mas isso não lhe incomoda. Ela pode usar joias, mas o homem não pode.

Os Islâmicos relatam que o Brasil é muito bom de morar, o povo é acolhedor e as pessoas respeitam a crença mulçumana. Tem amizades, respeitam os valores diferentes. Ela já foi algumas vezes visitar a terra natal, a Palestina, mas ainda prefere residir no Brasil.

Foi-me oportunizado entrevistar um senhor, que se encontrava na Mesquita de Anápolis. Ele é um convertido na religião Islâmica. Relatou-me que parece que já havia nascido como crente no Islão. Foi católico por muitos anos, porém sua contradição com a Igreja Católica se deu por causa da Santíssima Trindade.

### 3.8 Relatos de conversão e a fé

Ao assistir o documentário, uma das mulheres diz que nunca mais se identificou com a crença a qual professava. Pertenceu a outras religiões e quando o Alcorão caiu em suas mãos, ela se apaixonou pelo Islã. Alá a arrebatou de suas escuridões e fez dela uma mulher boa, caridosa e feliz. Já morou em vários lugares do Brasil, hoje reside em Anápolis e está firme na fé Abraâmica.

Quando conversava com Sheik responsável pela Mesquita de Anápolis, ele relatou que as orações devem ser feitas em Árabe, porque é a origem do Alcorão, para que nas traduções as Suratas podem perder um pouco de sua originalidade. Para que a pessoa se converta para religião, ela deve aprender Árabe. As suas vestes também refletem sua crença, pois isso elas são diferenciava das demais pessoas daquele lugar.

O Sheik se vestia de uma túnica branca por baixo, por cima outro roupão de cor marrom e usava na cabeça o tarbush<sup>36</sup>. Essas roupas são usadas para que se mantenha a identidade dos povos Árabes, da tribo beduína do século VII. Essa cor é

---

<sup>36</sup> Tarbush, conhecido como fez, trata-se de um pequeno chapéu de feltro ou pano, algumas vezes utilizado em conjunto com um turbante. Tornou-se muito popular durante o Império Otomano, quando foi incorporado ao traje oficial do governo.

usada para suportar o calor do dia e o frio das noites desérticas. Esse vestuário ajuda na busca de manter as origens da fé viva.

O Sheik é egípcio, fala Árabe, Português e outras línguas. Ele testemunhou dizendo que ser Islâmico é fácil, não é algo difícil. A religião muçumana prega a misericórdia, e quando um indivíduo é realmente Islâmico, ele vive a doutrina, prega a bondade e cumpre com as orações diárias.

O Sheik relatou que o terrorista não pertence ao Islão. Ele é a vergonha para o nosso povo. Eles não ajudam ninguém e fazem sempre o mal. Esses são os Xiitas do estado Islâmico, que se declaram pertencer à religião, mas não vivem corretamente a fé Abraâmica. Eles trazem problemas para a humanidade e para o Planeta. Então não são crentes Islâmicos.

Alá é misericórdia e Clemencia e é o Deus verdadeiro. Quem é Islâmico evita fazer coisas erradas, não prejudica ninguém, vive a vida de maneira correta, faz sempre o bem, tudo em nome de Alá. Essas são algumas das diferenças entre o crente Islâmico e aqueles que pertencem o estado Islâmico.

Para viver a fé Islâmica é necessário ser verdadeiro, e nem todo que se diz muçulmano é Islâmico. O Islamismo é uma religião séria e os muçulmanos são um povo. Todo aquele que segue as doutrinas do Islamismo, entram no Reino de Deus, de forma que se parece com o cristianismo.

No continente europeu já existem muitas pessoas convertidas na religião Islâmica, também é um dos continentes que recebe certo número significativo de refugiados da cultura muçulmana. Os grupos religiosos dos Islamismos possuem mulheres que seguem a literatura do Alcorão como lei. As mulheres creem ocupam o lugar devido na religião e na sociedade, sendo obedientes as crenças e ritos do Islã.

### 3.9 As fotos e os membros da Mesquita de Anápolis, Goiás

A foto abaixo tem a intenção de mostrar alguns membros da Mesquita de Anápolis, nessa foto esta o Sheik, eu, meu marido e outros três membros da crença Islã. Fizemos parte da oração e do almoço que servido aqueles que se encontravam ali, os membros que fizeram parte não eram muitos. Eles foram bem acolhedores a

amáveis, pois é preciso participar, dialogar, para as traves de nossos olhos caiam por terra, em relação ao senso comum, que se prega ao mundo sobre os Islâmicos verdadeiros seguidores de Mohammad e fervorosos em Alá. Também tive a intenção de dizer aos leitores que os Islâmicos existem bem perto de nós, e sua vida no Brasil, em Goiás e Anápolis distorce a falsa verdade em que a mídia mostra.



Foto: Elio Fernandes da Cunha, 2018



Foto: Elio Fernandes da Cunha, 2018

A foto acima foi tirada na Mesquita em Anápolis, Khadija é uma mulher Islâmica, que mora no Brasil Há muitos anos, é nascida na Palestina, trabalha no mercado aberto em Anápolis, Goiás, ela ama o Brasil é casada tem cinco filhos adultos e já casados, hoje ela vive bem, apesar de ainda sofrer preconceitos, pelo uso do hijab, mais me confessou que a roupa diz quem ela é para Deus. Particpei junto de Khadija da oração na Mesquita, a qual elas ficam no patamar de cima da Mesquita. Khadija me revelou que, elas ficam em cima, caso haja uma invasão, ou algo incomum, os homens as protegeram. Ela é feliz sendo seguidora do Islã, prega a caridade.

### 3.10 As Mulheres Islâmicas, a fé e suas particularidades

A concepção de Deus é algo pessoal, para o Islã, o que explicar a maneira e que os Islâmicos expressam a fé em rituais, isso acontece quase de maneira mecanizada, pois os crentes islâmicos recitam o Alcorão de maneira decorada, repetindo, palavras uma, a uma, na língua original (árabe). Isso é uma das particularidades da religião islâmica.

As mulheres islâmicas ao saírem do reduto de origem muitas vezes se deparam com novidades nunca vivenciadas por elas. Em relação à cultura e as vestes, a que elas se distinguem das mulheres de outras crenças. Alguns dos costumes são difíceis de serem esquecidos ou deixados para trás. Isso pode gerar certo desconforto pessoal a essas mulheres. “Mostrar à mulher muçulmana que ela precisa servir apenas à religião, com uma vida mais sedentária, limitada ao próprio lar”, seria uma maneira de descontentamento de algumas mulheres orientais ao se depararem com outras culturas.

Então, a abordagem de jovens de formação de origem Islâmica ou até mesmo convertidas à Religião Islâmica, costuma temer aos maridos. O que ocasionar os motivos de suas saídas do oriente, em busca de uma vida melhor, mas irão depararem com os preconceitos, por causa do hijab.

O Islã estabelece algumas normas e regras rígidas deixadas pelo Profeta Mohammad. As sharias ditam qualquer tipo de comportamento e conduta em relação à vida do Islâmico. Os acontecimentos históricos resguardados na memória

e fez com que o ser humano separasse a vida religiosa da ordem econômica. Infelizmente ainda no século XXI, isso não acontece com grande parte da população dominada pela religião Islâmica.

O verdadeiro crente Islão não pode usufruir dos empréstimos bancários e nem outra especulação financeira. Quem pratica essa atitude contraria as leis Corânicas. Então não se pode contrariar o sagrado.

A sacralidade da religião Islâmica e a maneira simples de segui-la remete à espiritualidade resguardada nos ensinamentos Corânicos. Para os fiéis, ser Islão é seguir na integridade a doutrina, determinada pelo Profeta Maomé. Não há profanação quando existe a linguagem de experiência entre o Tremendo e seus mistérios (OTTO, 1985).

A religião islâmica tem se expandido, como já citado, no contexto do resfriamento das outras religiões. Eles mantem suas tradições de maneira equilibrada. Nos seus costumes, crenças e ensinamentos, aqueles que seguem as regras do Alcorão e que desejam entrar no Reino de Alá.

Os povos Islâmicos são evoluídos culturalmente e não têm deixado de viver sua doutrina religiosa, se impregnar da cultura globalizada, de viver aquilo que deseja sem dar satisfação. O que será chamado de secularização ocorre mais no caso do ocidente, onde as crenças religiosas se tornaram descartáveis e momentâneas (MARTELLI, 1995).

Ao ter contato com os Islâmicos no Brasil, pude observar o comportamento dos muçulmanos, fui vendo como ele tem valores positivos. Conforme ouvia sobre aquela religião, cada vez mais via os preconceitos que são cultivados na sociedade e no cristianismo.

### 3.11 Os relatos de Mulheres Islâmicas que se converteram a crença Islã

Algumas das mulheres Islâmicas recorreram aos relatos, elas vieram de modo semelhante, do berço católico. O Islamismo valorizou a vida dessas mulheres. Ao frequentar a Mesquita em São Paulo, uma fiel fez a Charada, que é o ritual de conversão com as promessas feitas a partir da fé Islâmica (BRANT, 2015).

A religião deve ser procurada com finalidade de completar o vazio humano. O

Islamismo orienta sobre o respeito ao próximo e proíbem qualquer tipo de maus tratos aos cristãos. Ou mesmo com os judeus. A mídia faz uma propaganda contrária, mas isso muitas vezes instiga mais as pessoas a conhecerem tal crença monoteísta e de Alá.

O Islamismo é a religião que ainda enfrenta muito preconceito. Isso ocorre por causa dos jibab, o uso das vestes, e a forma como essa religião é interpretada pelas pessoas que não conhece sua real verdade. Após o ataque do onze de setembro de 2001, foi significativo para o Islã o combate ao preconceito e mesmo assim continuou a adesão das pessoas a crença.

O terrorismo de fato não tem nada haver com a religião e muito menos o Estado Islâmico. O terrorismo é muito mais um movimento político, feito por um grupo terrorista que de estado. Somente utilizam o nome da religião.

Aqueles que não conhecem a religião Islâmica criticam a crença deles. Porém, quem sofre com tudo isso são os próprios Islamistas, porque precisam justificar a ação dos terroristas. Para os crentes do Islão, quem pratica essas atrocidades são pessoas insanas (SALAM, 2012).

Para as mulheres que moram no Brasil, elas sofrem com a forma pela qual a sociedade as trata e as confunde com as atitudes dos terroristas. A questão do terrorismo tem muito mais relação com os interesses políticos. A perseguição que ocorreu com as guerras no Iraque e em outros lugares tiveram graves consequências (BRANT, 2015).

As pessoas que praticam a religião precisam praticar o papel do amor ao próximo. A figura feminina no Islã é de grande destaque. Sendo ela a principal pessoa da sociedade, pois é a mulher que educa e forma os cidadãos. Ela é à base da sociedade, pois é ela que domina o ambiente da família.

Os homens muçulmanos gostam de serem os provedores, mas o que a mulher ganha, com seu trabalho, pertence a ela. A poligamia no Islã é aceita, mais existe um número muito baixo, de famílias que vivem a poligamia (PAEIRO, 2016).

### 3.12 As Mulheres Islâmicas e os preconceitos ao uso do hijab

A mulher deve ser protegida pelo marido para manter a tradição viva. No

entanto, o paraíso esta nos pés das mães. Quando a mulher resolve assumir a religião no Brasil, ela sofre uma rejeição grande, por parte da sociedade, pois o uso do hijab assusta as pessoas.

Os preconceitos ocorrem em qualquer lugar em que elas se encontram, com a veste do hijab. Costumam ser chamadas de terroristas e são encaradas de maneira preconceituosa. O véu, afinal, chama a atenção. A maioria dos Islâmicos nem Árabes é. As mulheres buscam garantir o respeito, mas elas encontram dificuldades. A laicidade no Brasil é fictícia, pois existe a confusão entre as crenças Islâmica e a dominação na sociedade, devido às vestes das mulheres Islâmicas, que moram no Brasil.

Existe confusão entre o uso do véu e da burca, e em alguns lugares não se aceita o uso do véu. Às vezes foi necessário deixar de usar o hijab para entrar no mercado do trabalho, já que existe um evidente preconceito religioso. O véu chama a atenção e desperta o preconceito (BRANT, 2015).

As mulheres Islâmicas presam pelo corpo. A obrigação do uso do véu significa o respeito e a prestação de conta a Deus. Pode-se dizer que é uma maneira de exteriorizar a fé em Alá. No Brasil existe preconceito e o machismo é presente na sociedade. As mulheres ainda são olhadas com olhar de inferioridade.

Em São Paulo, existe um grande grupo de Islâmicos tradicionais. Antes de fazer as orações é preciso se lavar, se orientar com a bússola, se posicionar de maneira certa.

O jejum deve ser feito indiferente onde se encontra. É preciso respeitar as escolhas de vida do povo Islâmico. As mulheres nessa religião podem tudo, desde que não desrespeitem as doutrinas do Alcorão (BRANT, 2015).

A forma de cumprimentar entre os sexos deve ser de longe, pois o contato é restrito. Quando alguém for escolher uma pessoa para casar, essa escolha deve ser definitiva. O namoro com os brasileiros acaba não sendo fácil, pois a cultura é outra. Muitas vezes os pais tentam impedir o namoro, devido às crenças serem diferentes.

Existe também o namoro a distancia no Islã. Ocorre pela mídia e às vezes dá certo. Marcam o casamento pela internet. Hoje as mulheres podem escolher seus maridos, mas os pais sempre sugerem que os namorados se convertam a crença Islã.

O cuidado com as meninas é sempre maior do que com os garotos. A mulher é vista como uma joia rara. Então deve proteger seu corpo. Além do uso do véu, que é uma escolha da própria mulher, elas gostam bastante de ter vários lenços, para combinar com a roupa. Na verdade, percebemos que elas são bem vaidosas.

Há mulheres que não usam o véu, e acreditam que muitas coisas que estão escritas no Alcorão foram escritas pelo homem. O cabelo faz parte à função do véu, ele é coberto para não chamar atenção do sexo oposto, mas o cabelo é bem cuidado. O uso do véu deve ser usado fora de casa. Tem toda uma maneira correta de colocar o hijab.

As mulheres Islâmicas ao usarem o véu, os olhares sobre elas são mais acentuados. O conhecimento sobre o uso do véu tem melhorado. A ideia comum de que o uso do véu as faz oprimidas, não é verdade.

As notícias da mídia incomodam as pessoas que moram no Brasil. O Islã verdadeiro segue a doutrina a risca. Claro que seria algo difícil de acabar como os estereótipos da mídia, contudo este não é o único canal de informação. Para diminuir o preconceito é necessária educação e informação (BRANT, 2015).

### 3.13 Os filmes baseados em fatos reais, as mulheres e a busca dos direitos

Para concluir, discutiremos os de três filmes que tratam do tema que é pesquisado e analisamos nesta dissertação. Os filmes retratam e divulgam a vida de mulheres que aderiram à mensagem do Profeta Mohammad. Alguns documentários e relatos de algumas conversas, que eu realizei com os crentes Islâmicos.

O filme Layla M. mostra o cotidiano da garota que deseja mudanças. Ela vive na cidade e joga bola, anda de bicicleta. O pai não gosta do comportamento da filha. Ela não vê maldade em postar uma foto vestida com vestes das mulheres Xiitas, que usa o niqab. Layla sempre reunia com o irmão para estudar o Alcorão. Os acontecimentos ocorrem na região do Marrocos, no Norte da África, onde existe intolerância religiosa. Cada dia que se passava, Layla se simpatiza cada vez mais com os Islâmicos extremistas.

O uso da internet é retratado no filme como meio de influência para simpatizar com o extremismo. Layla é apenas uma garota que cursa o ensino médio. Cheia de

coragem e sonhos, ela toma as dores do que acontece com as pessoas que sofrem em nome de Alá. Todavia ao mesmo tempo tenta manter vivas as tradições da Religião Islâmica.

A garota se lava para realizar as orações e com suas amigas para acompanhar as orações pela televisão. A verdade é que ela deixou se levar pelo sensacionalismo da mídia.

A família vai ao clube e ela resolve ficar em casa. Os extremistas revelam serem soldados de Alá. Layla resolve então ir à casa de alguns amigos que são extremistas em sua cidade, ela participa de uma reunião que falam que eles morreriam em nome de Alá.

Eles filmam suas manifestações e colocam na mídia. Acreditam que toda atrocidade realizada por eles, agrada a Alá. Um soldado da polícia pede para as mulheres mostrarem o rosto e as mulheres dizem que não podem fazê-lo, pois desagrada a Alá. Neste momento os conflitos se acentuaram.

A mãe de Layla crê que ela está errada ao aproximarem-se destes movimentos extremistas. A mãe resolve conversar com a filha, a incentiva a estudar e conquistar sua liberdade, mais a mãe não sabia que o garoto e o grupo a qual ela estava envolvida eram extremistas.

Então o filme muda o foco e passa cada vez mais a mostrar o grupo suspeito de ser extremista. Os jovens precisam sair da cidade para treinarem. Começam a gritar “Alá é grande” com euforia e quando eles estavam num simples jogo de futebol, Layla e seu irmão são presos, por fazerem parte da manifestação.

Os jovens foram presos por desacato às autoridades. A situação se complica, pois mais uma vez Layla afronta o pai. A intenção do pai é que a garota siga seus estudos e se torne uma mulher respeitada.

Ao ser libertado, seu irmão e Layla tem uma discursão. Ele diz que seu Islã não é político, é uma religião. Após esse ocorrido, Layla vai para escola, contudo não consegue se concentrar. A personagem é apresentada como uma jovem sonhadora. Sentindo-se rejeitada, começa a aderir ao Islã extremista.

Layla conversa com uma amiga da escola e revela seus projetos. A partir daí ela adere ao niqab. Não tem mais medo de afrontar ao pai. O pai diz que ela precisa tirar aquela roupa, e ela lhe responde que irá se vestir conforme o Profeta decidiu,

era uma garota normal, que seguia sua crença na fé Islã, só que se deixa influenciar por um grupo extremista.

Layla discute com o pai e resolve no meio da noite, fugir de casa, deixando um bilhete para a família. Sua atitude é inconsequente. Ela se junta ao grupo extremista e logo o Sheik realiza a cerimônia de seu casamento, com um jovem do grupo. Layla é preparada, mas não sabe ao certo a vida que a aguardava. Assim que os jovens se casam, passam a viajar, fugindo.

Para Layla tudo era um grande mistério. Eles usam uma filmadora para gravar o movimento do Islã radical, mostrando armas e fazendo barulho. Quando eles viajam as pressas novamente, Layla começa a sentir medo, pois estavam sempre fugindo de algo, a qual ela não sabia.

Eles vão visitar o Sheik que os casou. Seu marido seguiu o grupo radical e foram morar no Oriente Médio. Uma mulher do grupo mostra a ela a casa onde irá morar.

As saídas do marido sempre são estranhas, mais Layla segue sem entender direito a realidade daquele lugar. As orações soam nos alto falantes da Mesquita. Ela passa o dia ligando para o marido e nada de conseguir. Quando ele chega pede para ela se vestir, porque eles têm visitas. A comida é servida para as visitas e ela não faz parte do banquete.

Layla acaba ficando ansiosa por não fazer nada em casa, ficava à espera do marido. Na casa do casal é gravada uma fala do Sheik sobre o Islã radical. Ela quer ir a Mesquita, mas o marido precisaria acompanhá-la. Layla e as outras mulheres daquele lugar começam a reunir para recitar o Alcorão na Mesquita.

Ao término das aulas, as mulheres ficavam por ali conversando. Tudo começa a ficar tedioso para Layla em casa. Ela sai de casa, diz ao marido que vai para Mesquita, contudo na verdade ela e uma amiga passam a ir para um campo de refugiados, com intenção de ajudar aquelas crianças.

Naquele campo de refugiados, existia muita miséria, pois o local era de aridez no solo, e as mulheres se sentem úteis, ajudando as crianças. Quando Layla chega a casa, ela começa a ser questionada pelo marido, que a proíbe de ir novamente ao campo de refugiados.

Layla desobedece ao marido quando ele sai. Vai à rua, pega um taxi sozinha

e se dirigi até o campo dos refugiados, esse comportamento não permitido ao Islã Xiita, é nesse lugar, que ela passa o dia ensinando as crianças a jogarem bola.

Quando Lyla esta lá no meio dos refugiados, ajudando, ela se esquece das horas e ao chegar a casa encontra o marido bravo. Ele a agride com uma tapa no rosto e ela revida o marido. Ela está triste e descontrolada com a situação.

Com isso, ela fica presa em domicílio, enquanto o marido vai viajar por uns dias. Agora, ela está sobre a guarda de um Xiita. A partir dai Layla começa a entender que a coisa não era do jeito em que imaginava e os extremistas não respeitam ninguém, nem mesmo a família.

Quando seu marido retorna a casa, ele esta sem barba, diz que tem responsabilidade com seus irmãos Islâmicos. Ela não que mais aquilo e pede para ir embora. Resolve pedir ajuda a uma amiga para leva-la ao aeroporto, para que possa voltar para a casa dos pais.

Ao chegar ao aeroporto, ela liga para a mãe, mas é abordada por dois homens. Levada ao interrogatório, ela não fala nada. Se mantem silenciosa durante todo o interrogatório.

É dito a ela que a facção a qual fazia parte, pertencia o estado Islâmico. Eles estão se espalhando por toda a Europa, conforme eles vão perdendo terreno no Oriente Médio. Ela se sente abandonada e não sabe mais o que fazer. O filme crítica às opções radicais feitas pela juventude, a qual esses jovens são imprudentes e sem experiência.

O filme intitulado Sand Storm (Tempestade de Areia, 2016), que relata a vida de pessoas do sul de Israel que pertencem à religião Islâmica. A esposa Jalila esta envolvida organizando as coisas para o segundo casamento de seu marido. Ela cumprimenta a segunda esposa de maneira natural.

No casamento existe todo um ritual, com danças, barulhos e muitos foguetes. O telefone da filha da primeira esposa toca e a mãe atende. Era um garoto por quem a jovem estava apaixonada. A mãe fica extremamente brava e a agride com a tapa no rosto.

Após a celebração do casamento, o marido leva a nova esposa para o quarto. O filme mostra como o trabalho das mulheres neste lugar árido não era fácil, pois elas cuidavam de tudo sem a ajuda dos homens.

A relação da mãe com a filha está abalada por causa do telefonema. Mentiras surgem, pois a jovem filha quer enfrentar os pais e namorar um garoto de outra tribo. A garota retrata como determina e ousada, sua vontade de se casar, mas na tribo dela só pode casar com pessoas da mesma tribo.

Ela conversa com o namorado, ele faz uma proposta para eles fugirem. Ela diz não. Deste modo, desonraria o pai, que havia casado pela segunda vez.

Já era noite quando a jovem voltou para casa. Sua mãe ainda estava lavando roupas. Quando ela resolve ajudar a mãe, sua mãe rejeita a ajuda. Ela conversa com a mãe e diz que vai convencer o pai em aceitar o namoro dela com o rapaz da outra tribo. Enquanto a jovem Layla estava colocando a roupa no varal, o garoto chega, e sua mãe percebe a trama entre os dois. Fica bastante irritada, com a situação.

O garoto insiste em falar com pai de Layla. Neste instante, ele chega com a nova esposa. Explorando bem a situação tensa, o filme demonstra os pais de Layla a obriga-la a casar com outra pessoa, era o casamento arranjado. O garoto tenta conversar com pai de Layla apesar de ele ser de outra tribo. O pai sai e diz à jovem que ela já o envergonhou bastante por aquele dia.

A narrativa faz, então, uma surpresa: uma das irmãs de Layla sai para buscar comida. Ela encontra o pai prometendo a jovem Layla em casamento para outro homem, que era da tribo deles.

Os pais se encontram, sem saber o que fazer com a filha. O pai resolve contar a Layla que ela irá se casar. Ela fica estarecida com a atitude autoritária. Jalila, a mãe, e o pai de Layla discutem forte. A questão com quem a filha irá se casar. A mãe contesta seu marido, e não concorda com o rapaz escolhido para desposar sua filha.

Após toda essa confusão, então, o pai da Layla se divorcia da primeira esposa. Layla resolve não mais ir embora, só que a mãe é banida do seu lar e é devolvida a família dela. Para que ela não fique sem suas filhas, teria de voltar para o marido.

As irmãs de Layla não querem mais ir à escola, e começam a passar fome. Ela resolve ir à casa do pai para pedir comida. A segunda esposa do pai diz que é melhor que Layla se case, para evitar outros problemas. Ela questiona o pai por ter

banido sua mãe, apesar de ter seguido a tradição do local. Depois de ter discutido com pai, ela coloca as irmãs no carro e as leva para a mãe. A avó não pode aceitar as crianças na casa.

Desolada com tudo que esta acontecendo, Layla começa a chorar desesperadamente, pois é apenas uma garota que não quer ter a vida que a mãe teve. Ela deseja ter um futuro melhor do que o da mãe.

Ainda irritada, Layla vai ao encontro do pai, que estava no meio dos homens. Isso é um agravo ao pai. Ela fez isso para dizer-lhe que aceita se casar com o marido que pai arrumou para ela.

Ela se dispõe a casar, mais exige do pai uma troca, que ele teria de aceitar a mãe dela de volta, com as irmãs pequenas. Layla deixa todos seus sonhos de lado para dar honra a mãe. O filme demonstra criticamente a situação difícil das tradições e costumes daquelas regiões pobres, machistas e violentas.

O filme *A Caminho de Kandahar*, lançado no ano de 2001, relata a realidade das mulheres do Afeganistão. Faz críticas à sociedade que ainda esta centrada no passado e no Islã fundamentalista. Tem a intenção de mostrar aos telespectadores os conflitos sensacionalistas e de interesse geopolíticos que ocorrem na região do Oriente Médio (BURKE, 2001).

O filme mescla ficção com realidade. Mostra como aquele povo é massacrado, visto com olhar de discriminação social e política por parte do mundo. Existe no filme a situação da mulher que fugiu do seu país de origem, pois o Afeganistão estava em meio a conflito de guerra civil do talibã<sup>37</sup>.

A garota Afegã tinha ido morar no Canadá, e atuava como jornalista. Em um dia, recebe uma carta de sua irmã dizendo que vai se suicidar. Então resolve atravessar o território do Afeganistão na esperança de salvar sua irmã da morte.

Devido à insatisfação da garota com o regime fundamentalista, a jornalista sabia que não seria algo fácil enfrentar novamente a realidade daquele país. Sabia que lidaria com todo tipo de surpresas, preconceitos e desafios de ordem física e mental. Porém precisava salvar sua amada irmã.

---

<sup>37</sup> O Talibã é um grupo político que atua no Afeganistão e no Paquistão. A milícia tem origem nas tribos que vivem na fronteira entre esses dois países e se formou em 1994, após a ocupação soviética do Afeganistão (que durou de 1979 a 1989) e durante o governo dos também rebeldes mujahedins.

O filme é baseado em fatos reais, misturados à ficção do cinema. Relata a vida de uma mulher nascida na Índia e filha de pais Afegãos. Aos dezoito anos de idade, Niloufar, (a artista), resolve sair de casa e ir à busca de nova vida, em um país estrangeiro, de costumes diferentes. Mas ela foi firme em seus propósitos, enfrentou os desafios do mundo ocidental.

O filme tem a intenção de mostrar os problemas dos conflitos, das guerras na região e da realidade dos povos que ali habitam. Em específico, a vida de algumas mulheres do Afeganistão, um país dos mais fechados em termos sociais. Ali predominam pessoas do grupo Xiita.

O processo de travessia do país não foi algo fácil. Ela teve que driblar as minas, bombas, e o filme demonstra os horrores da guerra civil. A garota jornalista revivia a realidade dolorosa da vida das mulheres muçulmanas. O uso das burcas<sup>38</sup> no Afeganistão é ressaltado entre as mulheres. O uso do apetrecho que é um vestuário que cobre todo o corpo e deixa apenas o olho de fora. Os olhos são cobertos por uma telinha somente, é obrigatório para as mulheres (BRANT, 2015).

Muitas mulheres se encontravam na mesma situação da jornalista, sofrendo com a guerra. As mulheres que eram clandestinas, elas estavam atravessando o deserto árido e quente, também fugindo da situação massacrante daquele país. A burca também era um bom disfarce para elas (BURKE, 2001).

De modo que, as mulheres afegãs não tem nenhum direito, nem mesmo de serem atendidas por médicos quando estão doentes. A volta de Niloufar para atravessar o território árido do Afeganistão, e de fazer o trajeto de volta, era para entrar em Kandahar sem chamar atenção.

O filme demonstra o sofrimento das mulheres com a guerra e que a religião é mesmo opressora. Mas ela pode ser mal utilizada para dominar e oprimir os seus crentes.

Percebe-se que as mulheres da religião Islâmica fazem sua escolha. De que forma ela irá poder seguir a Alá? A maioria dos que seguem a crença Islâmica não são o que a mídia sensacionalista impregna nos telespectadores.

Os Islâmicos vivem sua fé com base na doutrina Corânica. Homens e mulheres são tementes à literatura do Alcorão. No século XXI, conseguem manter

---

<sup>38</sup> Burca é uma peça do vestuário tradicional das mulheres muçulmanas, principalmente as afegãs, e que é caracterizada por cobrir todo o corpo, o cabelo e o rosto.

viva a crença que foi dada aos Islâmicos, pela revelação recebida através do Profeta Mohammad.

As mulheres brasileiras que se converteram ao Islamismo são bem resolvidas. Elas escolheram a crença religiosa e gostam, apesar de sofrerem preconceito nas ruas. Elas trabalham fora de casa e ajudam a prover o econômico do lar. Mesmo com tanto olhares críticos sobre elas, continuam persistentes em sua fé monoteísta (MADRID; MARTINS; FONSECA, 2016).

As mulheres que vieram do Oriente Médio e moram no Brasil há muito anos, gostam do país e da cultura brasileira.

Os filmes relatam realidades distintas das mulheres Islâmicas. São histórias de vida diferente, retratadas por meio da ficção. A adolescente Sunita que se apaixona de maneira fragmentada pelos movimentos fundamentalistas, acaba por descobrir que seguir a crença dos extremistas não era algo tão bom.

Quando resolve voltar para a vida antiga e para sua família, isso não foi mais permitido. Ela agora era perseguida com uma extremista.

O outro filme relata a realidade de uma garota que estuda na cidade e se apaixona por um garoto de tribo diferente da dela. O filme questiona a pessoa e suas tradições. Os pais não aceitam seu namoro e a promete em casamento a um membro de sua comunidade.

A mãe se revolta contra a atitude machista do pai e é banida de casa. Para a mãe voltar para casa, a garota precisaria aceitar se casar com o marido que o pai escolheu para ela, reforçando os costumes locais e a autoridade patriarcal.

No terceiro e último filme, o relato é sobre uma mulher que saiu do Afeganistão e foi morar no Canadá. Depois de sete anos morando lá, viu como o fundamentalismo Islâmico do seu país trás consequências graves e sua irmã, que não aguentava mais o regime de opressão, nem as guerras.

A jornalista volta e revive todas as torturas do extremismo, da pobreza existente no Afeganistão, mas também é demonstrada a ambiguidade do uso da burca, ou seja, a situação de conflito bélico.

Contudo, fica registrado que existem muitas adversidades encontradas nas religiões em relação às mulheres. No Islamismo, isso não é diferente. As mulheres são vistas como base da sociedade, são responsáveis em manter o bem estar

social. As mulheres valorizadas e também discriminadas pelos costumes machistas. A escolha de usar o véu deve surgir da vontade delas, é uma questão de respeito a Alá, que irá recompensá-las, após sua morte.

## CONCLUSÃO

Em virtude do que foi mencionado na dissertação do Mestrado, com o objeto da pesquisa “As Mulheres na Religião Islâmica”. A pesquisa não conclui aqui, apenas apresentarei algumas propostas e resposta, a qual foi encontrada, ao longo desses dois anos de estudos.

Em relação o que foi aprendido com as leituras e análises de caso, é algo que ainda tem um longo trajeto a ser percorrido. O local da emergência da Religião Islâmica é um assunto a ser abordado e pesquisado, de maneira minuciosa, pois estamos nos referindo à região da Península Arábica, lugar onde surge a fé Islâmica.

O contexto histórico não era propício ao surgimento de uma nova religião, havia neste local muita disputa pela rota do comércio, perseguições e mortes entre as tribos, eram comuns, havia ambições por poder, e a região desértica de difícil condição humana.

As mulheres do século VII, também sofriam com o machismo que regia a comunidade patriarcal de crença politeísta. O contexto era desfavorável a qualquer manifestação religiosa que romperia com os costumes da crença local, pois o povo que habitava essa área tinha a crença politeísta.

Quando Mohammad o Profeta Islão foi agraciado com a visita do anjo Gabriel, aquele revelou a literatura Corânica, a fé dessa gente foi modificada, e a crença que era politeísta se tornou monoteísta, essa ruptura não foi algo simples. Neste período as situações de insatisfações eram resolvidas na ignorância. Meio a tamanhas indefinições, surge a fé Islã, alicerçada na crença em Abrão e nas religiões do Cristianismo e o Judaísmo.

O que pode ser observado que a condição humana dos crentes Islão, se modificava com chegada da nova religião monoteísta, e fé no Profeta Mohammad, que encantaram seus seguidores. O momento da emergência da Religião Islâmica rompeu com costumes, cultura e crença pagã.

Os séculos foram se passando e a crença em Alá, se torando cada vez mais forte e a adesão das pessoas ao Islã, crescia de maneira singular, se espalhando ao mundo, pois Alá o Deus Árabe, tem tocado o coração de teus filhos sofridos.

Geograficamente a região da Península Arábica, não seria o local adequado para que surgisse a terceira religião, a verdade é que as outras religiões de base, também, surgiram em locais áridos e de difícil sobrevivência, a escrita literária Islâmica, seguiu pautada nas normas da Bíblia e do Torá, neste período as pessoas viviam as crenças em vários deuses, mais o povo vivenciava a harmonia e havia respeito entre si. No século XXI as divergências religiosas acontecem de maneira significativa, pelo mundo e pelas pessoas sem religião, ou de fé extremista.

Com o passar dos tempos e as mulheres foram garantindo seus direitos de igualdade aos dos homens. Assim Mohammad ergueu a fé e elevou os crentes que criam na crença Abraâmica, mas houve um período em que a fé do Profeta esteve abalada, e ele resolveu ir até a Caaba, com intenção de reforçar sua crença, e manter a fé avivada em seu coração, não foi uma tarefa muito simples, mais depois de quatorze séculos a Religião Islâmica se torna uma das religiões que mais tem adeptos no mundo.

A primeira esposa de Mohammad foi responsável em disseminar a fé Islâmica entre o povo de crença politeísta, se tornou responsável junto com Mohammad, seu esposo, em escrever as normas que rege o ambiente familiar.

No século XXI, As Mulheres que resolveram a enfrentar os preconceitos do mundo capitalista moderno, encarando com felicidade no coração e não deixando, que a cultura dos descrentes, desconstrua em si a fé que as manter firmes ao propósito, de serem Islâmicas que matem dentro de si os princípios de sua bacia semântica.

O que me deixou extremamente surpresa foi em descobrir que não são apenas as Mulheres da Religião Islâmica é que é submissa, a submissão existe em toda cultura, pois a maioria das culturas vem de princípios patriarcais. Muitas vezes esse machismo não esta atrelada a religião e sim a criação, seja ela ocidental ou oriental.

Em minhas pesquisas, conversas, análises de filmes e documentários, tiveram base As Mulheres que vivem adentradas a religião Islã, e não se deixaram contaminar pelo capitalismo individualista moderno, as mulheres são “livres”, e “não” precisam prestar contas a ninguém e prestam satisfação apenas ao seu criador espiritual.

Os livros sagrados das religiões sustentam as demais que pregam a mesma fé, e temem ao mesmo Deus, seja ele Alá, Javé ou Deus. Existem momentos em que as três religiões se misturam, mas elas se divergem nas doutrinas e modos distintos a qual cada uma pratica seus rituais, mais o Deus a que os crentes creem é único.

No entanto, as leituras dos livros, as visitas, os filmes assistidos e os documentários, confirmaram minhas dúvidas. As mulheres Islâmicas vivem como toda é qualquer mulher do mundo Ocidental ou oriental, o que as fazem distintas é a maneira em que se veste e segue sua crença.

As Mulheres na Religião Islâmica optaram por escolhas de comportarem conforme a literatura do Sagrado Livro, o Alcorão, de maneira que nos registros escritos nas Suratas quatro, dezenove e outras, as mulheres são consideradas as salvadoras da humanidade.

Na literatura Corânica esta registrada a obrigatoriedade em usar o hijab, os direitos do casamento, do divórcio, a igualdade, direito de trabalho, a qual as mulheres e homens Ocidentais interpretam de maneira errônea o modo de viver das mulheres, que decidiram seguir a base de sua vida alicerçada na crença e nos princípios da cultura oriental, que não se equipara com a cultura ocidental, onde as pessoas são livres para seguirem as variadas religiões.

Para os Islâmicos As Mulheres são pilares centrais do mundo, pois é responsabilidade dela de educar e treinar os filhos, para que sejam colocados na sociedade, e são elas que provêm o amor entre os humanos, pois as mulheres amam de maneira incondicional. Então, seguir a doutrina do Alcorão trás para elas dignidade.

A mulher escolhida para ser mãe de Jesus, Maria, era uma mulher comum entre a comunidade, a qual ela fazia parte, mais foi escolhida por Deus, para dar a luz ao seu filho, essa crença é cristã. Enquanto a visão de Jesus na literatura Islâmica se diverge, pois para os Islão, Jesus é um Profeta igual a Mohammad, mas no dia do juízo final, Ele conduzirá os demais Profetas.

Sendo assim, As Mulheres na Religião Islâmica são felizes, bem resolvidas, na crença a que elas escolheram seguir, sem preconceito, amante de um Deus monoteísta. O que importa que as mulheres de crença Islã, fazem a escolha de usar

o véu, andar na rua revestidas do hijab mesmo sofrendo preconceito, pelo os ocidentais, que deixam a mídia sensacionalista, impregnar sobre a sociedade a verdade única sobre A religião Islâmica e suas crenças.

As mulheres Islâmicas vivem da mesma maneira em que se vivem as mulheres ocidentais, os que as divergem são as maneiras de interpretar as crenças, o uso de roupas que cobrem até o pé e a obediência ao Deus monoteísta.

‘Qualquer pessoa que, em um local público, usar uma vestimenta que oculte o rosto, pode ser multada’, afirma o texto da lei dinamarquesa. A medida foi aprovada por 75 votos contra 30. O projeto, apoiado pelo governo de centro-direita, também teve a favor as duas primeiras forças políticas no Parlamento: os sociais-democratas e o Partido do Povo Dinamarquês (populista, anti-imigração), (RFI, 2018).

Sendo assim o uso do véu é algo que diferenciam as mulheres. Enquanto mulheres crentes na Religião Islâmica, para elas essa peça do vestuário é obrigatória e prazerosa, isso as identificam como amantes de Alá e seguidoras do Profeta Mohammad. São felizes por obedecerem a Alá, e este vestuário as diferenciam das demais mulheres, pois para elas o uso do hijab, é uma maneira de espalhar ao mundo sua fé (RFI, 2018).

As visitas realizadas nas Mesquitas, as conversas com homens e mulheres da crença Islâmica, os filmes baseados em fatos reais e os documentários assistidos por mim, consolidaram minhas leituras e comprovam o meu objetivo principal da dissertação.

Que é possível ser mulher Islã, no século XXI, vivendo e crendo na mesma fé iniciada por Mohammad no século VII, basta ser firme e não deixar se impregnar pelo o modernismo do mundo, e que a Mulher Islâmica é bem resolvida e feliz seguindo sua vida, com base nos princípios da literatura do Alcorão, não é fácil de ser vivido, mas também não é impossível, é uma questão de escolha.

As crenças, as vestes e os comportamentos das Mulheres da Religião Islâmica, são vista pelo ocidente como forma de opressão, mais o uso do véu é a maneira de se diferenciar das mulheres comuns do mundo, os preconceitos sobre as suas vestes irão existir, mais a fé em Alá é maior que o afronto ao mundo moderno, é necessário pesquisar e perguntar sobre as Mulheres do Islã e fé em Alá antes de julgar a verdade mostrada pela mídia ocidental, a parti dai as vendas dos olhos

serão rasgadas e reinterpretadas, pelos os ignorantes, sobre a Religião Islâmica e a condição da mulher, meio a essa crença monoteísta.

Sendo assim, a minha dissertação de Mestrado teve a intenção de incomodar os leitores preconceituosos e desconhecedores da verdade sobre As Mulheres na Religião Islâmicas. Então antes de criticar as mulheres e a fé Islâmica, devemos: ler, interpretar e dialogar sobre todo e qualquer assunto a qual desconheço.

O etnocentrismo Europeu e Norte Americano, divulgado pela mídia sensacionalista, ajuda na interpretação distorcida dos fatos reais sobre a crença Islã e a vida das mulheres corajosas da fé Islâmica que decidiram seguir a literatura Corânica, mesmo ao meio ao tamanho preconceito a fé e ao uso do véu. Apesar de toda ignorância em relação à crença Islâmica, os povos Sunitas optaram por continuar a viver a doutrina Islã, rompendo e disseminando a fé em Alá, pelo mundo, pois aquele que crer em Alá prega a solidariedade e faz o bem, por onde for. O texto da dissertação apenas aguçou curiosidade ao leitor crítico.

## REFERÊNCIAS

- ARNT, Ricardo. Explosão islâmica: Superinteressante, São Paulo, Edição 392, p. 60, 1997. <https://super.abril.com.br/historia/explosao-islamica/> Acessado em 05 de agosto de 2018. As 22h e 34 min.
- ANSWERS, Christian. O que o Islã ensina sobre a crucificação de Isa al Masih (Jesus). Traduzido Avelar Guedes Junior. 1995. Disponível em : <https://www.christiananswers.net/portuguese/q-aiia/islam-cross-p.html>. Acessado em 7 de dezembro de 2017. Acessado em 14h e 38 min.
- ARMSTRONG, Karen. O Islã. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Tradução: Plínio Dentzien. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 2001.
- BBC BRASIL. Sete coisas que as mulheres sauditas não podem fazer mesmo após alcançarem direito a dirigir. 2017. Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-41431798>. Acessado 18 de novembro, às 20h e 46min.
- BÍBLIA, Português. Bíblia Sagrada, Tradução de João F. de Almeida. São Paulo: Vida Nova, 1996. Edição Corrigida e Revisada Fiel.
- BOURDIEU, Pierre (1998). A Dominação Masculina. Tradução: Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2ª edição, 2002.
- BRANT, Isadora. No dia do muçulmano, mulheres explicam como é seguir o Islã no Brasil. TV folha: São Paulo, 2015. <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/05/1627905-no-dia-do-muculmano-mulheres-explicam-como-e-seguir-o-islam-no-brasil.shtml>. Acessado em 11 de novembro de 2018. As 20h e 50 min.
- BURGIERMAN Denis Russo; CAVALCANTE, Rodrigo; VERGARA, Rodrigo. access\_time 24 fev 2017, 19h19 - Publicado em 31 out 2001, 22h00. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/a-palavra-de-deus/>. Acessado em 10 de dezembro de 2017.
- BURKE, Jason. A Caminho de Kandahar. França/Irã. Gênero: Drama. Duração 85 min. Irã, 2001.
- CAMPANINI, Massimo. Introdução à filosofia islâmica. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.
- CHALLITA, Mansur. Tradução. O Alcorão. Rio de Janeiro: Associação Cultural, 2017.
- CHOL, Sufaté. Tempestade de areia. Direção: Elite Zerex. Israel, 2016. <https://cinpop.com.br/critica-tempestade-de-areia-um-grito-de-socorro-pela-liberdade-de-escolha-154085>
- CUNHA, Carolina. UOL Vestibular resumo das disciplinas. Religião: Islamismo é a crença que mais cresce no mundo. <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/islamismo-e-a-religiao-que-mais-cresce-no-mundo-carolina->

[cunha.htm](#). Acessado em 13-08-2018. As 17h e 50 min.

DARWICH, Ayman. As regras do jejum e das orações (Ramadan). Apoio Cultural, Kingstar. Mesquita Kocatepe Ancara: Turquia, 2017. <https://www.youtube.com/watch?v=PcRwxSzL14>. Acessado em março de 2018.

DOUGLAS, Mary. Como as instituições pensam. São Paulo: Edusp, 1988.

ELIADE, Mircea. Sagrado e Profano. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELKHAL, Sheik Motkhtar. Centro Islâmico. Belo Horizonte, 2018.

FERREIRA, Francirosy Campos Barbosa. Olhando para o feminino em circulação – notas etnográficas sobre mulheres muçulmanas. 2010. Disponível em [https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=10&ved=2ahUKEwjy57G-sXeAhUFHpAKHRdvA44QFjAJegQICRAC&url=http%3A%2F%2Fwww.fazendogenero.ufsc.br%2F9%2Fresources%2Fanais%2F1278271814\\_ARQUIVO\\_FRANCIROSYFERREIRAOLHANDOPARAOFEMININOEMCIRCULACAO2010.pdf&usq=AOvVaw3cTpKCxBiD60JAR3otZOmx](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=10&ved=2ahUKEwjy57G-sXeAhUFHpAKHRdvA44QFjAJegQICRAC&url=http%3A%2F%2Fwww.fazendogenero.ufsc.br%2F9%2Fresources%2Fanais%2F1278271814_ARQUIVO_FRANCIROSYFERREIRAOLHANDOPARAOFEMININOEMCIRCULACAO2010.pdf&usq=AOvVaw3cTpKCxBiD60JAR3otZOmx). Acessado em 08 de novembro de 2018. As 22h e 44min.

GUIA DO ESTUDANTE. Redação. Primavera Árabe. São Paulo: Abril, 2017. <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/primavera-arabe-resumo/>. 16 maio 2017, 13h45 - Publicado em 13 mar 2012, 16h45. Acessado em 08 de dezembro de 2017.

HADDAD, Jamil Almansur. O que é o Islamismo. São Paulo: Brasiliense, 1982.

HAMMADEH, Sheikh Jihad. A mulher no Islam. 2016. <https://www.youtube.com/watch?v=Rsd9-bgVyaQ>. Acessado em maio de 2017.

HUNTINGTON, Samuel P. O Choque de Civilizações e a Reconstrução da Ordem Mundial. São Paulo: Objetiva, 1996.

O JESUS, O Jesus das outras religiões. Isto É. São Paulo, edição 2575, 03-05-2019.

JOMIER, Jacques. Islamismo: História e Doutrina, Tradução de Luiz João Baraúna. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

KHADIJA, Khadija Bint Khuwayli. 2014. Disponível em: <http://www.islamemlinha.com/index.php/artigos/os-companheiros-do-profeta/item/khadija-bint-khuwayli>. Acessado em 8 de novembro de 2018. As 23h e 41 min.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura, um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013

LOCKE, John: Vida, Época, Filosofia e Obras de John Locke. COBRA, Rubem Q. / Locke. [www.geocities.com/filmmod/rc-locke.html](http://www.geocities.com/filmmod/rc-locke.html), Geocities, Internet, 1998. Acesso em 12/03/2007. Acessado em 09 de julho de 2018, as 12h e 6min.

MADRID, Bruno; MARTINS, Dafne; FONSECA, Ricardo. O Islã sobre o olhar das brasileiras. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2016.

<https://www.youtube.com/watch?v=LzQPsMXFSZo&t=360s>. Acessado em 20 de

MARQUES, Vera Lúcia. Sobre práticas religiosas e culturais islâmicas no Brasil e em Portugal: Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MARTELLI, Stefano. A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização. São Paulo: Paulinas, 1995.

MENDES, Norma Musca (Organizadora), *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MIJKE, de Jong. Layla M. 2016. Filme, 1h 45min. Mijke de jong. Holandês.

MORSS, Susan Buck. Thinking past terror: islamism and critical theory on the left. London: Verso, 2003.

MUNIZ, Mônica. Condição da Mulher no Islam. Islam em Linha, 2006-2019. Disponível no site: <http://www.islamemlinha.com/index.php/artigos/a-familia-muculmana/item/a-condicao-da-mulher-no-islam>. Acessado em 14 de janeiro de 2019. As 10h e 55min. Todos os direitos reservados.

NABETO, Carlos Martins. *Bíblia Católica Online*. Agnus Dei. <https://www.bibliacatolica.com.br/conhecendo-a-biblia-sagrada/36/>. Acessado em 9 de dezembro de 2017.

MANUES, Rafaela; NAVES, Aroldo. O fim do jejum do Ramadan. TV Anhanguera. Edição: Ricrdo Bechenete. Anápolis, Goiás, 2018. <https://www.facebook.com/mesquita.deanapolis/videos/vb.631227313653686/1558401670936241/?type=2&theater>

OLIVEIRA, Paulo Eduardo. A Mulher Muçulmana, segundo o Alcorão. Rio de Janeiro: Palavra e Imagem, 2001.

OTTO, Rudolf. O sagrado: *um estudo do elemento não racional na ideia do divino e a relação com o racional*. São Paulo: Imprensa metodista, 1985 (p. 11-15).

PACE, Enzo; OLIVEIRA, Irene Dias e AUBRÉE, Marion (orgs). Fundamentalismos religiosos, violência e sociedade. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

PACE, Enzo. 2005. Sociologia do Islã: fenômenos religiosos e lógicas sociais. Petropolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

PAEIRO, Denise. Jovens Muçulmanas em São Paulo. Universidade Presbiteriana Mackensie. São Paulo: Mackensie, jornalismo, 2016. <https://www.youtube.com/watch?v=u6ZRen7pies>. Acessado em fevereiro de 2018.

PURIS, Mubarakpuri. History of Makkah (História de Meca). 2002. Darussalam, Riyadh. & (<http://www.sacred-destinations.com/saudi-arabia/mecca-kaba>).

REDAELLI, Ricardo. Fundamentalismo Islâmico. Firenze: Giunti, 2003.

RFI. Dinamarca proíbe uso de véu Islâmico em lugares públicos. 2018. Disponível no Site: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/dinamarca-proibe-veu-islamico-em-lugares->

[publicos.ghml](#). Acesso em 16 de janeiro de 2019. As 13h e 9min. 31/05/2018 13h48  
Atualizado há 7 meses

RICARDO, Paulo. É permitido o uso do véu na igreja. Christo Nihil Praeponere (CNP), São Paulo, 2012. Disponível no site: <https://padrepauloricardo.org/episodios/e-permitido-o-uso-do-veu-na-igreja>. Acessado em 09 de janeiro de 2019. As 19h e 55min.

RODRIGUES, Giliardi. Gospel. <https://estudos.gospelmais.com.br/o-que-e-tora.html>. 2010. Acessado em 10 de dezembro de 2017.

SAADAWI, Nawal El. A face oculta de Eva: as mulheres do mundo Árabe. Tradução: Sarah Rubin. São Paulo: Global, 2002.

SALAM, Tarik. Islamismo: a grande batalha espiritual para evangelização nos fins dos tempos. Curitiba: A.D. Santos, 2012.

SAHIM, Sheik Dr. Nasser. Mesquita ou Centro Islâmico de Anapólis. Goiás, 2018.

SANTIAGO, Emerson. Sunitas. <https://www.infoescola.com/islamismo/sunitas/>. Acessado em 16 de Julho 2018. As 17 h e 51 min.

STACEY, Aisha. A Caaba, a Casa Sagrada de Deus. (© 2012 IslamReligion.com). 2012. Disponível em: <https://www.islamreligion.com/pt/articles/3282/caaba-casa-sagrada-de-deus/>. Acessado em 7 de dezembro de 2017. As 17 h.

SZKLARZ, Eduardo. Guerra dos mundos: muçulmanos ocidentais. Superinteressante. São Paulo, Publicado em 31 de junho de 2006. <https://super.abril.com.br/historia/guerra-dos-mundos-muculmanos-e-ocidentais/>. Acessado em 5 de maio de 2019. As 16h e 28 min.

ZILLES, Urbano. Filosofia da Religião. São Paulo: Paulinas, 1991.  
[http://www.ibeipr.com.br/perguntas\\_ver.php?id\\_pergunta=7](http://www.ibeipr.com.br/perguntas_ver.php?id_pergunta=7). Acessado em 15 de abril de 2018, às 10h e 22 min.